

MÁRIO ALEXANDRE GARCIA LOPES

*ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA
KA'APOR*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística Teórica e Descritiva.

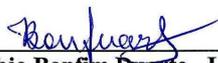
Área de concentração: Lingüística Teórica e Descritiva
Linha de Pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem.

Orientador: Dr. Fábio Bonfim Duarte

BELO HORIZONTE

2009

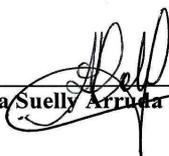
Tese defendida por MÁRIO ALEXANDRE GARCÍA LOPES em 10/02/2009 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:



Fábio Bonfim Duarte - UFMG
Orientador



Marcia Maria Damaso Vieira - UFRJ



Ana Suelly Arruda Cabral - UnB



Jânia Martins Ramos - UFMG



Maria Beatriz Nascimento Decat - UFMG

*À Walquíria Béda, ihẽ katuha tε
Aos meus pais, Mário Lopes (in memorian) e Rosali Gomes, minha gratidão
Ao povo Ka'apor, fonte de beleza*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Mário Lopes (*in memoriam*) e Rosali: lição de honestidade, paciência, fé, cuidado, zelo e a convicção de que o mais importante na vida é Deus no coração. Sem eles, esse sonho não seria concretizado.

À Walquíria Béda: pelo carinho sincero, pelo exemplo de vida com afeto, pelos conselhos que foram porto seguro, pela ajuda técnica, por compartilhar as belezas da poesia Ka'apor e pelo caminhadeirismo onde *“o amor é paciente, bondoso, benigno, não invejoso, não orgulhoso; onde o amor não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita o mal e se alegra com a verdade.”* – (I Coríntios 13:4-7)

Ao Prof. Fábio Bonfim: pelo espírito solidário, pela amizade e pela orientação que sempre buscou, em primeiro lugar, o compromisso com a vida. E principalmente por ter incentivado desde o primeiro momento essa pesquisa.

Ao Humberto e Lícia: por sempre acreditarem e incentivarem esse trabalho, e pelas conversas sobre ecologia nas histórias Ka'apor

Aos artistas Ka'apor: pelo potencial humano de produzir beleza através das histórias, desenhos, artesanatos, das conversas à noite, das caças, do trabalho nas roças, e a lição de cuidado com as *ta?ñ ta* (crianças) e os *tamũ ta* (velhos).

As crianças Ka'apor: Bibi, Iraswí, Irawí, Irarwí, Januiri, Kanaró, Kanaí, Heruhú, Henuhú, Jamoi, Manejú, Manowyrí, Pew, Taué, Taueran, Tuparixã, Tupahú, Wyra Pita pelo exemplo de solidariedade e união. Certamente, nós, adultos, seríamos mais felizes, se seguissemos o exemplo de vocês.

À família Béda (Arlindo, Ramona, Alfredo, Márcio, Rosa, Phelipe e Ana Sarah) pelos momentos especiais, pela descoberta das riquezas da etnia terena e gratidão por me aceitar na família.

Fernando Barbosa, Milagros, Natã, Talita e Tabita, família companheira e amiga, com profundas experiências de vida que inspira o envolvimento com os povos excluídos socialmente.

Ao Ricardo: pelos desafios, conversas e bom humor compartilhado.

À Maria Sílvia e Kátia Honório: pela amizade verdadeira com toque de humor.

Ao Helton Santiago pelas discussões entre fé e ciência.

Ao CNPq pela bolsa concedida.

E por fim, gostaria de agradecer a Deus, o arquiteto da linguagem humana, pela oportunidade de ver a beleza da sua criação por meio da poesia-língua Ka'apor. Aprender essa poesia foi um encontro fascinante com a vida e com o ser humano:

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.

(Manoel de Barros, *Retrato do artista quando coisa*, 2004)

“Talvez o aspecto mais singular e admirável da vida social desses meus Kaapor seja seu enorme talento para a convivência pacífica e gratificante. É equivalente a outro talento deles, que é a vontade de beleza e perfeição que põem em todos os objetos que fazem. E, também, de sua qualidade maior, que é a capacidade de organizar uma economia solidária em que é inconcebível que alguém passe fome ou tenha necessidades.” – Darcy Ribeiro

Donos do mundo

“Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra ”

Algumas virtudes são filhas bastardas. Ninguém dá muita bola para elas, permitindo que mofem no rol das verdades que não se conectam com a vida normal. São consideradas práticas reservadas aos mosteiros, ou para quem ambiciona ser canonizado.

Quem, num mundo como o atual, gostaria de ser manso? Esta virtude que soa como fraqueza, falta de consistência ou subserviência?

Os muito machos não desejam ser mansos porque evitam parecer afeminados. As mulheres não toleram a sugestão de serem mansas porque suspeitam que exista por detrás de tal proposta, uma ideologia para reforçar a secular dominação patriarcal sobre elas.

Convém procurar desmistificar o que seja mansidão. A raiz da palavra descreve apenas uma pessoa simples, humilde, ou gentil. Manso é quem não conquista nada pela violência e que, em seus projetos pessoais, mostra-se cuidadoso com o próximo.

As maiores ameaças à nossa humanidade estão ligadas ao poder e suas seduções. O poder nos torna arrogantes, frios, duros e inclementes. Somente a fragilidade nos torna dóceis, amáveis e de fácil relacionamento.

Tornamo-nos raquíticos quando ambicionamos o poder e nos fortalecemos quando acolhemos o singelo.

Os mansos são maleáveis, ensináveis e permitem o amadurecimento, enquanto a rigidez do poderoso o infantiliza. O simples pede: *“Fale, que eu quero crescer”*. O soberbo afirma: *“Não preciso aprender mais nada”*.

A altivez gera afastamentos, enquanto que a humildade nos capacita a conviver com o próximo. A empáfia nos impede de admitir que nosso próximo nos corrija. Assim, estancamos e nunca amadurecemos.

Quando crescemos em mansidão, aprendemos contentamento. Inúmeras tristezas nascem da frustração de sabermos que não possuímos o controle do nosso futuro; angustiados, somos tangidos, percebendo que nossa felicidade flutua de acordo com as marés circunstanciais.

Só os mansos abrem mão de suas falsas onipotências.

Só os mansos aprenderam a navegar despreziosamente pela existência.

Só os mansos estão dispostos a perder a vida.

Só os mansos herdarão a terra.

Autor: Ricardo Gondim

| Sumário | páginas |
|---|----------------|
| ABREVIATURAS UTILIZADAS | 13 |
| RESUMO | 14 |
| INTRODUÇÃO | 16 |
| 1. Estrutura da Tese | 17 |
| 2. <i>Corpora</i> da Tese | 20 |
| CAPÍTULO 1 ETNIA KA'APOR: POVO E LÍNGUA | 21 |
| 1.1. Origem, localização e demografia | 21 |
| 1.2. Língua: tronco, família e sub-ramo | 27 |
| 1.3 História dos Ka'apor: contato com os não-índios | 29 |
| 1.3.1 Período da pacificação | 30 |
| 1.3.2 Período das pesquisas antropológicas | 32 |
| 1.3.3 Período da atuação do SIL | 33 |
| 1.4 Aspectos culturais | 34 |
| 1.4.1 Cosmogonia Ka'apor | 34 |
| 1.4.2 Alimentação | 35 |
| 1.4.3 Divisão social do trabalho | 39 |
| 1.4.4 Criança Ka'apor | 41 |
| 1.4.5 Escola Indígena | 42 |
| CAPÍTULO 2 FONÊMICA DA LÍNGUA KA'APOR | 44 |
| 2.1 Fones consonantais | 44 |
| 2.2 Fones em oposição | 45 |
| 2.3 Fones em variação | 48 |
| 2.4 Fones vocálicos | 49 |
| 2.5 Resumo do capítulo | 53 |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 3 O ESTATUTO GRAMATICAL DA FLEXÃO RELACIONAL | 55 |
| 3.1 Propriedades da flexão relacional | 56 |
| 3.2 A flexão relacional e a distinção entre nomes possuídos e nomes não-possuídos | 60 |
| 3.2.1 Nomes inalienavelmente possuídos | 63 |
| 3.2.2 Nomes alienavelmente possuídos | 66 |
| 3.3 Prefixos relacionais nos sintagmas de posse | 67 |
| 3.4 Prefixos relacionais nos sintagmas posposicionais | 69 |
| 3.5 Prefixos relacionais nos verbos intransitivos estativos: Traço [+/- PESSOA] | 72 |
| 3.6 Resumo do capítulo | 75 |
| | |
| CAPÍTULO 4 MORFOLOGIA VERBAL | 77 |
| 4.1 Propriedades gramaticais dos prefixos de concordância | 78 |
| 4.1.1 Distinção entre os pronomes de pessoa e de não-pessoa | 78 |
| 4.1.2 Prefixos de pessoa e de não-pessoa | 84 |
| 4.1.3 Traços de número e de pessoa nos prefixos de concordância | 87 |
| 4.2 Propriedades do morfema causativo {mu-} | 91 |
| 4.2.1 Causativização de intransitivos estativos | 96 |
| 4.2.2 Causativização de intransitivos inativos | 97 |
| 4.2.3 Causativização de intransitivos ativos | 99 |
| 4.2.4 Causativização de transitivos | 100 |
| 4.3 Morfema reflexivo {ju-} | 101 |
| 4.4 Sufixo de negação {-ʔim} | 103 |
| 4.5 Resumo do capítulo | 106 |
| | |
| CAPÍTULO 5 EXPRESSÃO DA GRADAÇÃO E DA QUANTIFICAÇÃO | 108 |
| 5.1 Gradação: processo morfológico e sintático | 109 |
| 5.2 Palavras e expressões numéricas | 113 |
| 5.3 Quantificador numérico na oração | 118 |
| 5.4 Verbo quantificador <i>-eta</i> | 120 |
| 5.5 Escopo do clítico quantificador [.ta] | 122 |
| 5.5.1 Níveis semântico e pragmático/textual do clítico [.ta] | 123 |
| 5.5.2 Distribuição morfossintática do clítico [.ta] | 127 |

| | |
|--|------------|
| 5.5.3 Clítico [.ta] na distinção de argumentos e Predicados | 129 |
| 5.6 Clítico quantificador [.upa] | 135 |
| 5.7 Resumo do capítulo | 136 |
| CAPÍTULO 6 ESCOPO MORFOSSEMÂNTICO DO CLÍTICO kɛ | 139 |
| 6.1 Propostas de Kakumasu (1986) | 142 |
| 6.2 Contextos sintáticos do clítico [.kɛ] e da partícula [.riki] | 144 |
| 6.3 Proposta de Silva (2001) | 149 |
| 6.4 Clítico kɛ como marca de papel-θ [AFETADO] | 150 |
| 6.5 Ocorrência do clítico kɛ em sujeitos de verbos de ação | 155 |
| 6.6 Clítico kɛ nos complementos dos sintagmas posposicionais | 157 |
| 6.7 O estatuto gramatical do papel-θ [AFETADO] | 161 |
| 6.8 Resumo do capítulo | 167 |
| CAPÍTULO 7 ALINHAMENTO NOS PREDICADOS VERBAIS | 169 |
| 7.1 Alinhamento de predicados verbais: definição | 173 |
| 7.1.1 Marca morfológica nos D/NPs | 174 |
| 7.1.2 Concordância verbal | 175 |
| 7.1.3 Ordem dos constituintes | 175 |
| 7.2 Tipos de alinhamento | 176 |
| 7.2.1 Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo/Ergativo Puro | 177 |
| 7.2.2 Ergativo Ativo | 179 |
| 7.2.3 Alinhamento Tripartite | 182 |
| 7.2.4 Alinhamento Neutro | 183 |
| 7.3 Alinhamento nos predicados verbais na língua Ka'apor | 185 |
| 7.3.1 Alinhamento Nominativo-Absolutivo | 186 |
| 7.3.2 Alinhamento Ergativo Paciente | 193 |
| 7.3.3 Alinhamento Intransitivo Fluido | 198 |
| 7.3.4 Alinhamento Neutro | 201 |
| 7.4 Resumo do capítulo | 203 |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 8 ORDEM DAS PALAVRAS | 207 |
| 8.1 A estrutura do sintagma determinante | 208 |
| 8.1.1 Ordem nome-adjetivo | 208 |
| 8.1.2 Ordem pronome possessivo-nome | 210 |
| 8.1.3 Ordem pronome demonstrativo-nome | 212 |
| 8.1.4 Ordem número-nome/nome-número | 213 |
| 8.1.5 Ordem nome-quantificadores | 214 |
| 8.1.6 Ordem nome-clítico [.kɛ] | 216 |
| 8.1.7 Ordem dos elementos no sintagma determinante | 217 |
| 8.2 Ordem dos constituintes nas orações declarativas | 218 |
| 8.3 Ordem dos constituintes nas orações subordinadas | 222 |
| 8.4 Ordem dos constituintes nas orações interrogativas | 225 |
| 8.5 Generalizações de Greenberg | 229 |
| 8.6 Resumo do capítulo | 235 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 237 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 241 |
| | |
| ANEXO I: LISTA DE VERBOS | 249 |
| ANEXO II: HISTÓRIA DE ARAKAKĀI | 257 |
| ANEXO III: HISTÓRIA DE ARAKAKA | 270 |
| | |
| DESENHOS DA HISTÓRIA DE ARAKAKĀI | 275 |
| Emídio Tembé | 276 |
| Oquire Ka'apor | 277 |
| Rerihu Ka'apor | 278 |
| Pinaité Ka'apor | 279 |
| Pinairane Ka'apor | 280 |
| Pinairó Ka'apor | 281 |
| Wa'i Ka'apor | 282 |
| Kupe Ka'apor | 283 |
| Mariza Ka'apor | 284 |
| Reila | 285 |
| Geraldo Ka'apor | 286 |
| Xinanã Ka'apor | 287 |

| | |
|--|-----|
| Kiririn Ka'apor | 288 |
| Ju'i Ka'apor | 289 |
| DESENHOS DA HISTÓRIA DE ARAKAKA | 290 |
| Emídio Tembê | 291 |
| Pinaité Ka'apor | 292 |
| Quiririn Ka'apor | 293 |
| Rerihu Ka'apor | 294 |
| Wa'i Ka'apor | 295 |
| Reila | 296 |
| Oquire Ka'apor | 297 |
| Pinairane Ka'apor | 298 |
| Kupe Ka'apor | 299 |
| Xinanã Ka'apor | 300 |
| Pinairo Ka'apor | 301 |
| Mariza Ka'apor | 302 |

QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1: Grupos da família Tupí-Guaraní | 29 |
| Quadro 2: Fones consonantais | 45 |
| Quadro 3: Fonemas consonantais | 49 |
| Quadro 4: Fones vocálicos | 49 |
| Quadro 5: Fonemas vocálicos | 53 |
| Quadro 6: Prefixos relacionais | 58 |
| Quadro 7: Pronomes pessoais | 79 |
| Quadro 8: Pronomes de pessoa e prefixos pessoais | 84 |
| Quadro 9: Pronome de não-pessoa e prefixos pessoais | 86 |
| Quadro 10: Ordem dos afixos verbais | 106 |
| Quadro 11: Propriedades semânticas do papel- θ [AFETADO] | 164 |
| Quadro 12: Pronomes pessoais e prefixos nominativos | 186 |
| Quadro 13: Pronome não-pessoa e prefixos nominativos | 186 |
| Quadro 14: Prefixos relacionais | 189 |
| Quadro 15: Sintagma Determinante | 218 |
| Quadro 16: Verbos transitivos | 252 |
| Quadro 17: Verbos transitivos | 253 |
| Quadro 18: Verbos intransitivos inativos | 254 |
| Quadro 19: Verbos intransitivos ativos | 255 |
| Quadro 20: Verbos intransitivos estativos | 256 |

ABREVIATURAS UTILIZADAS

| | |
|-----------------|---|
| ABS | caso absolutivo |
| AC | caso acusativo |
| AFET | afetado |
| ARG | sufixo marcador de argumento |
| CAUS | prefixo causativo |
| CAUS COMIT | prefixo causativo comitativo |
| CT | contigüidade |
| DAT | caso dativo |
| DESI | modo desiderativo |
| D/NP | sintagma determinante constituído de um sintagma nominal |
| DIMIN | sufixo diminutivo |
| FOC | foco |
| FRUST | frustativo |
| G | genérico |
| LOC | caso locativo |
| IMP | modo imperativo |
| IMPERF | aspecto imperfectivo |
| INT | intenção |
| INTEN | intensivo |
| INTERR | interrogativo |
| MO | marcador de objeto |
| NEG | sufixo de negação |
| NCT | não-contigüidade |
| NOMI | sufixo de nominalização |
| PAPEL- θ | papel temático |
| PASS | passado |
| PERF | aspecto perfectivo |
| POSS | possibilidade |
| POSP | posposição |
| PROB | probabilidade |
| PROSP | prospectivo |
| Q1 Q2 | quantificador 1 [ta]; quantificador 2 [upa] |
| QP | sintagma quantificador |
| REFL | reflexivo |
| REP | repetição |
| VER | verdadeiro, genuíno |
| SIMI | similar |
| 3 | pronome não-pessoa |

LOPES, Mário Alexandre Garcia. *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor*. 2009. 287p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

O estudo intitulado *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor* tem como objetivo analisar alguns fenômenos gramaticais dessa língua.

Num primeiro momento, investigo a fonologia e morfologia. Na fonologia, descrevo os fonemas vocálicos e consonantais por meio dos fones em oposição, em distribuição complementar e variação. Na morfologia, considero o estatuto gramatical dos prefixos relacionais – {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} - e a estrutura morfológica do verbo. Com relação aos prefixos relacionais, investigo sua ocorrência nos nomes, nos sintagmas posposicionais e nos verbos estativos. Já na estrutura morfológica do verbo, analiso os prefixos de concordância {a- “eu”; re ~ ere ~e- “tu”; ja- “nós”, pe- “vós”, o-/u- ~ Ø- “ele,ela(s), o pessoal”}, os prefixos de alteração de valência {mu-} e {ju-}, e o sufixo de negação {-ʔim}.

Na segunda parte desse trabalho, faço a análise de três aspectos morfossintáticos do Ka'apor. Trato da expressão da gradação e quantificação. Em seguida, analiso as propriedades morfossemânticas do clítico [.kɛ]. E termino, investigando o alinhamento nos predicados verbais e propondo quatro tipos de alinhamentos, a saber: nominativo-absolutivo; ergativo paciente; intransitivo fluido e neutro.

Na última parte desse trabalho, dedico à análise da ordem dos constituintes. Mais especificamente, analiso a relação de ordem entre o nome e seus determinantes (adjetivos, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, numerais, clíticos quantificadores - [.ta] e [.upa] - e o clítico [.kɛ]), e a ordem nas orações declarativas, subordinadas e interrogativas.

Nessa análise da língua Ka'apor foram utilizados os *corpora* de Kakumasu (1990; 1989; 1986); Corrêa da Silva (1997); Caldas (2001); Silva (2001) e as narrativas dos cursos de documentação de histórias orais realizados nos meses de julho e agosto de 2006 e janeiro de 2008.

Palavras-chave: Língua indígena; Tupí-Guaraní; gramática Ka'apor; morfologia e sintaxe.

LOPES, Mário Alexandre Garcia. *Grammatical aspects of the Ka'apor language*. 2009. 287p. Doctoral Dissertation. – Universidade Federal de Minas Gerais.

ABSTRACT

This thesis aims at investigating the grammatical aspects of the the Ka'apor language. I firstly investigate the phonology and the morphology. As for the phonology part, I describe the vowels and the consonants. After this, I focus my attention on the phonemes trying to establish the contexts in which the minimal pairs come up. Then, I look into the complementary distribution and into the free variation of the phones. As for the morphology, I consider the grammatical status of the relational prefixes - {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} - and examine the verbal morphology.

In respect to relational prefixes, I investigate their occurrence in nouns, postpositional phrases, and in stative verbs. Secondly, I analyse three aspects of the morphosyntax. I study the expressions of gradation and quantification. Then I analyze the morphosemantic properties of the clitic [.kɛ]. I conclude with the investigation of verbal predicates, and suggest four types of alignments: nominative-absolutive, ergative patient, *fluid-S systems*, and neutral.

In the last part of the thesis, I analyse the order of the main constituents. I specifically analyse the relationship between the noun and its determiners (adjectives, demonstrative pronouns, possessive pronouns, numerals, quantifiers, and the particle [.kɛ]), and the order in declarative, subordinate and interrogative clauses.

In this analysis of the Ka'apor language, *corpora* from Kakumasu (1990; 1989; 1986); Corrêa da Silva (1997); Caldas (2001); Silva (2001) were used as well as narratives from documentation of storytelling courses, which were held from July to August 2006, and in January 2008.

Keywords: Indigenous language; Tupí-Guaraní , Ka'apor grammar, morphology and syntax

INTRODUÇÃO

As pesquisas na área da lingüística têm mostrado que a diversidade lingüística existente no Brasil se caracteriza tanto pelas variedades dialetais do Português Brasileiro quanto pelas línguas minoritárias existentes em nosso território. A respeito das línguas minoritárias, Cavalcanti (1999) enumera alguns contextos envolvendo comunidades de minorias lingüísticas, a saber: as comunidades indígenas, concentradas principalmente nas regiões norte e centro-oeste do Brasil; as comunidades de imigrantes compostas por alemães, italianos, japoneses, chineses, poloneses, ucranianos, árabes, etc, localizadas mais nas regiões sudeste e sul; comunidades de brasileiros descendentes de imigrantes e de brasileiros não-descendentes de imigrantes, localizados em regiões de fronteiras; comunidades de surdos; as comunidades de terreiros de candomblé que congregam brasileiros descendentes e não-descendentes de africanos.

Com relação às comunidades indígenas, Rodrigues (2002) destaca a existência de 200 línguas indígenas no Brasil. O autor observa, ainda, que essas línguas revelam uma enorme variedade de possibilidades gramaticais que não se encontram nas línguas européias:

“As línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas européias e demais línguas do mundo no conjunto de sons de que se servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica).” (Rodrigues, 2002: 23)

Tendo em vista contribuir para a descrição gramatical da língua Ka’apor, a presente pesquisa trata da análise de alguns aspectos gramaticais do Ka’apor. Pode-se afirmar que o Ka’apor é uma língua ainda pouco documentada e descrita, visto que há apenas três dissertações (Corrêa da Silva, 1997; Caldas, 2001; Silva, 2001), nove artigos (Kakumasu, 1986; Corrêa da Silva, 2000; 2000; 2000; 2002; Caldas, 2001; Caldas e Silva, 2002; Duarte e Garcia 2006; Caldas e Cabral, 2006) e uma tese de doutorado, em andamento, sobre lexicografia (Caldas, 2008). Em relação à produção escrita de narrativas, que constituem uma fonte essencial para o estudo gramatical de línguas indígenas, averigüei que, atualmente, os Ka’apor possuem, publicadas, 15 narrativas transcritas por Kakumasu, nos anos de 1965 a 1967 na aldeia Água Preta, e 1 narrativa publicada por Cabral et. al. (2004).

1. ESTRUTURA DA TESE

Essa tese está dividida em oito capítulos, a saber:

No capítulo 1, apresento algumas considerações sobre o povo, a língua e cultura Ka’apor.

No capítulo 2, faço uma descrição da organização fonêmica da língua Ka'apor, destacando os fones consonantais e vocálicos em oposição, em distribuição complementar e em variação.

No capítulo 3, analiso os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-}. Destaco que esses prefixos têm três funções, a saber: (i) classificam os nomes concretos em possuídos e não-possuídos; (ii) estabelecem a relação de contigüidade e não-contigüidade nos sintagmas de posse e posposicionais; e, por fim, (iii) codificam o traço [+/-PESSOA] quando o predicado possui um núcleo verbal estativo.

No capítulo 4, investigo a morfologia dos verbos que é composta pela raiz verbal, pelos prefixos e sufixo verbais. Os prefixos se dividem em prefixos pessoais: {a- “eu”; re ~ ere ~ e- “tu”; ja- “nós”, pe- “vós”, o-/u- ~ Ø- “ele,ela(s), o pessoal”} e prefixos alteradores de valência, o causativo {mu-} e o reflexivo {ju-}. E o sufixo é composto pelo item negativo {-ʔɨm}.

No capítulo 5, destaco a expressão da gradação e quantificação que se manifesta por meio da composição com a palavra *raʔɨr* “filho”, do sufixo intensificador {-uhu/uhũ ~ -hũ/hu}; do adjetivo *keruhu/keruhũ* (grande); das palavras e expressões numéricas; do verbo permansivo/existencial *-eta* (ser/ter muito); e dos clíticos quantificadores [.ta] e [.upa].

No capítulo 6, analiso o escopo morfossemântico do clítico [.kɛ]. Esse clítico tem a função de tornar visível no nível sintático-semântico o papel temático [AFETADO] aos D/NPs em posição de argumento dos predicados verbais e complemento dos sintagmas posposicionais. Todavia, o rótulo [AFETADO] não capta as nuances semânticas em cada um dos contextos onde o [.kɛ] aparece enclítico aos D/NPs. No intuito de descrever as nuances semânticas desse clítico, utilizo a proposta de Cançado (2005) que estabelece as propriedades semânticas encontradas no papel temático.

No capítulo 7, analiso os alinhamentos dos predicados verbais acionados em Ka'apor. Minha proposta é que essa língua manifesta os seguintes tipos de alinhamentos: (i) nominativo-absolutivo; (ii) ergativo paciente; (iii) intransitivo fluído; (iv) neutro.

E por fim, no capítulo 8, destaco a ordem das palavras no nível sintagmático e oracional. No sintagmático, proponho a ordem dos NPs e seus determinantes. Já no nível oracional, descrevo a ordem das orações declarativas, subordinadas e interrogativas. E, por fim, comparo a ordem em Ka'apor com alguns universais de Greenberg (1966).

2. *CORPORA DA TESE*

Os dados lingüísticos utilizados durante a análise foram retirados dos trabalhos de Kakumasu (1990; 1989; 1986); Corrêa da Silva (1997); Caldas (2001), Silva (2001) e de narrativas Ka'apor colhidas por mim nos meses de julho e agosto de 2006 e janeiro de 2008.

É importante destacar que optei, nas pesquisas realizadas em 2006 e 2008, por privilegiar o trabalho com a comunidade Ka'apor. A partir do convívio com a comunidade, organizei dois cursos de transcrição de narrativas Ka'apor e procurei conhecer por meio das conversas, da festa do boi, das brincadeiras com as crianças, da ida às roças, dos passeios na mata, um pouco sobre o povo Ka'apor.

Deve-se também ressaltar que a pesquisa de campo possibilitou transcrever foneticamente todas as 15 narrativas de Kakumasu (1990) que estavam documentadas na forma de grafemas.

CAPÍTULO 1

ETNIA KA'APOR: POVO E LÍNGUA

Este capítulo trata de aspectos gerais da etnia Ka'apor. Na seção 1.1, investigo a origem histórica e a localização geográfica dos Ka'apor. Na seção 1.2, mostro o tronco, a família e o sub-ramo a que a língua Ka'apor pertence. Na seção 1.3, delimito três períodos no contato mais intenso dos Ka'apor com os não-índios. Mais especificamente, aponto o período da pacificação, o período das pesquisas antropológicas e o período da atuação do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). E, por fim, na seção 1.4, pontuo alguns aspectos culturais como a cosmogonia Ka'apor, a alimentação, a divisão social do trabalho, as brincadeiras das crianças e abordo o ensino da língua materna na escola indígena considerando o material didático atual e a prática pedagógica de documentação de narrativas indígenas.

1.1 ORIGEM, LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA

Consoante Baleé (1998), os Ka'apor foram primeiramente contactados há cerca de 300 anos, provavelmente na região entre os rios Tocantins e Xingu. Talvez por causa de conflitos com colonizadores luso-brasileiros e com outros povos nativos, iniciaram uma longa e lenta migração que os levou, em 1870, do Pará, através do rio Gurupi, até o Maranhão.

Segundo Samain (1985:246), o primeiro relato escrito sobre o povo Ka'apor aparece em abril de 1872. O engenheiro alemão, naturalizado brasileiro, Gustavo Dodt fazia uma pesquisa sobre a extensão geográfica do rio Gurupi. Durante essa pesquisa, o engenheiro teve contato com os Ka'apor:

“Os urubus moram abaixo da barra de Uraim, porém não na beira do Gurupi. Suas aldeias acham-se entre as cabeceiras do Coraci-Paraná (rio do Sol) e do Piria, na Província do Pará, sendo o primeiro um confluente do Gurupi, e correndo o outro entre o Gurupi e o Capim. Esta tribo vive isolada e sem relações com a população civilizada; só nas suas correrias, que estendem até as margens do Gurupi que eles também transpõem, é que entram em contato com a população civilizada, para a qual as vezes se torna perigosa. Todavia força é confessar que os casos, em que eles têm disparado algumas flechas, sobre canoas, que passavam no rio, ou sobre as casas na proximidade da colônia, são muito raros. Por causa da falta de relações são pouco conhecidos, mas parece que não são sem indústria, ao menos andam suas mulheres vestidas de saias de um pano grosso, tecido por elas mesmas, de algodão, que cultivam para este fim. Também seus arcos e suas flechas, que são de um tamanho descomunal (as flechas têm 1,8m. de comprimento), são muito bem trabalhadas...eles usam muito de pontas de ferro para suas flechas e dizem que estas lhes são fornecidas por uns mocambos negros, que como se pretende, existem naquelas paragens.”

Com relação ao nome da etnia, origina-se das palavras *Ka'apor* [kaʔa-pɔɾ] “moradores da mata”, *Ka'aporté* [kaʔa-pɔɾ-tɛ] “os verdadeiros moradores da mata” ou *Ka'a pypor*, [kaʔa pî-pɔɾ] “pegadas de mata”.

Também os Ka'apor são denominados de *Urubu-Ka'apor*. A essa expressão são atribuídos dois sentidos. Um sentido faz referência à ave urubu-rei¹ que aponta para um símbolo de prestígio e força, pois o urubu-rei voa mais alto do que os outros urubus. O outro sentido está associado ao costume dos Ka'apor de comerem reunidos uma caça até que dela restem apenas os ossos, o que seria semelhante a um grupo de urubus. Esse último sentido foi atribuído aos índios pelos portugueses e brasileiros no século XIX, e por indigenistas na década de 50.

Um outro nome identificado para a etnia está no diário de campo de Darcy Ribeiro (1996). O autor anotou a expressão *kambô Ka'apor xirikitã* “caboclo, morador da mata, cristão”, sendo que *kambô* faz referência aos brasileiros miscigenados com os índios e a palavra *xirikitã* levanta a hipótese de que ela pode ter sido incorporada no contato com os missionários jesuítas:

“kaaró com sua loquacidade, me deu chance de voltar ao assunto da autodenominação grupal. Disse que temi-rukur é o nome dos Tembê (ou de outro grupo), não deles, que são Cambó. Ou melhor, disse ele: Kambô Kaá-por Xirikitã. Estranhíssima essa frase do capitão para definir a identidade étnica dos Urubus. Significaria: caboclo, morador da mata, cristão. Ele diz kambô, no sentido genérico de índios para os neobrasileiros regionais. Kaapor seria silvícola e viria de Kaa, que é mata, e Por, morador. O mistério desafiante é Xirikitã, porque significaria cristão. Seria reminiscência de uma identificação induzida pelos velhos jesuítas? O sentido geral do que ele me disse é: somos caboclos, moradores

¹ **Urubu-rei** (*Sarcoramphus papa*) é uma ave de rapina da família Cathartidae. Habita em zonas tropicais a semitropicais, até altitudes de 1200 metros, desde o México à Argentina. Tem plumagem branca e negra, com a cabeça vermelha. Possui uma envergadura que varia de 170 a 198 cm e um peso que oscila de 3 a 5 kg, medindo cerca de 85 cm de comprimento.

da mata e cristãos. Com efeito, a frase registra, como reminiscência, um convívio deles com missionários quaisquer.” (Ribeiro, 1996:204)

Atualmente, os Ka’apor vivem no Estado do Maranhão, abrangendo também a divisa do Estado do Maranhão com o Pará. Mais especificamente, a primeira reserva Ka’apor, a *Xié Pyhun Renda*, encontrada na divisa dos Estados do Pará com Maranhão, localiza-se a 200 Km da cidade de Paragominas, no Pará. A parte rachurada do mapa indica a área geográfica onde estão localizadas as aldeias Ka’apor:



Hoje, estima-se que haja aproximadamente 1.000 Ka'apor distribuídos em doze aldeias, cujas denominações são:

- (1) *ʃiɛ* *pɛhun* *r-ena*
curió preto CT-lugar
“Lugar do Curió Preto”
- (2) *parakuɛ* *r-ena*
paracuí CT-lugar
“Lugar do Paracuí”
- (3) *pakurɛ-ʔɛ* *r-ena*
bacuri-árvore CT-lugar
“Lugar do bacurizeiro”
- (4) *urutawɛ* *r-ena*
coruja CT-lugar
“Lugar da Coruja”
- (5) *ʃimbo* *r-ena*
ximbó CT-lugar
“Lugar do ximbó”²
- (6) *waʃiŋɛ* *r-ena*
uaxingui CT-lugar
“Lugar do uaxingui”³
- (7) *arasa-tɛ* *r-ena*
arasa-plantação CT-lugar
“Lugar da plantação de arasa”⁴

² Ximbó é um tipo de cipó utilizado na pescaria. Quando o ximbó é colocado dentro da água do igarapé, libera-se um veneno que provoca a morte dos peixes.

³ Uaxingui é uma árvore da qual se extrai a casca para fazer vitamina.

⁴ Arasa refere-se a um matinho que nasce nas águas.

- (8) *pĩkĩ ʔa- ʔĩ* *r-ena*
 piquí-árvore CT-lugar
 “Lugar da árvore do Piquí”
- (9) *kumaru- ʔĩ* *r-ena*
 cumaru-árvore CT-lugar
 “Lugar da árvore Cumaru”,⁵
- (10) *jatahut ĩ* *r-ena*
 babaçu CT-lugar
 “Lugar do Babaçu”,⁶
- (11) *turi-ra ʔĩr*
 Turi-DIMIN
 “Turi pequeno [= cabeceira do rio Turi]”
- (12) *ʃĩfinu*
 sítio novo
 “Sítio Novo”

Observando os nomes das aldeias, nota-se que cada nome descreve uma característica do ambiente onde se localiza a aldeia. Apenas os nomes *turi-ra ʔĩr* “Cabeceira do rio Turi” e *ʃĩfinu* “Sítio Novo” não vêm acompanhados da palavra *rena* “lugar”. Essa diferença entre os nomes das aldeias se deve ao fato de as

Com relação à pronúncia da palavra *arasaty*, registram-se as formas [arasa 'tĩ] variando com [arasa 'tʃi]. A primeira é considerada pelos falantes Ka'apor como a pronúncia de prestígio e a segunda como a estigmatizada. A explicação para essa estigmatização é o fato da africada alvéolo-palatal não-vozeada [tʃ] ser influência do português brasileiro, uma vez que o fone [tʃ] não ocorre no Ka'apor.

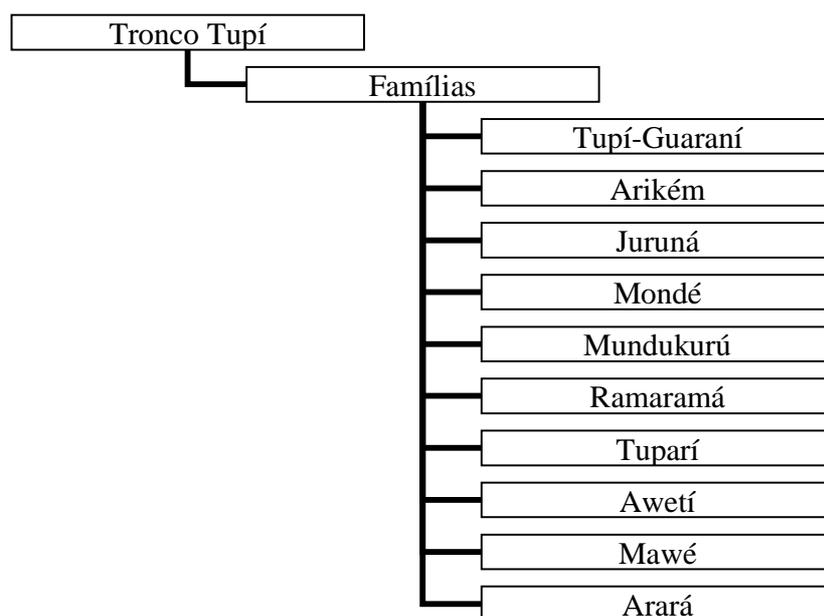
⁵ Cumaru é uma árvore de onde se extrai remédio para dores de ouvido e garganta.

⁶ Babaçu faz referência ao coco.

aldeias Sítio Novo e Turi estarem localizadas nas margens do rio Gurupi e cabeceira do rio Turi, enquanto as demais aldeias estão no interior da selva maranhense.

1.2 LÍNGUA: TRONCO, FAMÍLIA E SUB-RAMO

Sobre a filiação da língua Ka'apor, ela está inserida no tronco lingüístico Tupí. Este tronco subdivide-se em 10 famílias lingüísticas das quais três línguas são isoladas, a saber: Awetí, o Arará e Mawé. No esquema abaixo, visualiza-se a distribuição das línguas do tronco Tupí:



Para agrupar as línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní, Rodrigues (1985) e Rodrigues e Cabral (2002) estabeleceram alguns traços lexicais, fonológicos e gramaticais norteadores dessa família; dentre esses traços destaco:

- (i) Prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes;
- (ii) Pronomes pessoais exprimindo possuidor, sujeitos de verbos descritivos e objeto direto;
- (iii) Prefixos relacionais;
- (iv) O fonema *j* (ou seus variantes *tʃ*, *dʒ*, *ñ*, *z*) em palavras como *jatʃɛ̃* (lua), *jaku* (jacu), *jɛ̃* (machado), *juru* (boca), *ajuru* (papagaio), *jaʔẽ* (vasilha de barro), *kujã* (mulher), *pajɛ* (xamã), *peju* (soprar);
- (v) O fonema *tʃ* (ou seus variantes *ts*, *s*, *h* ou \emptyset) em palavras como *tʃɛ̃* (mãe), *tʃɔk* (larva), *tʃuʔu* (morder, mastigar), *watʃu/-utʃu* (grande), *etʃa* (olho), *tʃɔʔɔ* (animal de caça);
- (vi) O fonema *ts* (ou seus variantes *s*, *h*, \emptyset) em palavras como *tsɔ* (ir), *tseta* (são muitos), *pɛ̃tsa* (noite), *pɛ̃tsɛ̃k* (pegar);

Dentro da família Tupí-Guaraní, há oito grupos lingüísticos. A língua Ka'apor pertence ao ramo VIII compartilhando traços fonológicos e gramaticais com as línguas Takunhapé, Wayampí, Wayampípukú, Emérillon, Jo'é, Anambé, Awré, Awrá e Guajá. O quadro seguinte mostra os grupos da família Tupí-Guaraní:

| GRUPOS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI | | | | | | | |
|---------------------------------|----------------|--------------------------------------|----------------------|-----------------------|--------------|----------|----------------------|
| RAMO I | RAMO II | RAMO III | RAMO IV | RAMO V | RAMO VI | RAMO VII | RAMO VIII |
| Guaraní Antigo | Guarayo | Tupinambá | Turiwará | Araran-dewára-Amanajé | Parintintín | Kamayurá | Takunhapé |
| Guaraní Mbyá | Sirionó | Tupí Austral (Língua Geral Paulista) | Asuriní do Tocantins | Anambé do Cairarí | Tupí-Kawahíb | | Emerrillon |
| Xetá | Jorá (Bolívia) | Nheengatu (Língua Geral Amazônica) | Tapirapé | | Apiaká | | Ka'apor |
| Nandeva | | | Ava Canoeiro | Assuriní do Xingu | Jumá | | Anambé de Ehrenreich |
| Kaiwá | | | Suruí | Araweté | Kayabí | | Wayampí |
| Guaraní Paraguaio | | | Parakanã | | | | Wayampípukú |
| Guayakí | | | Guajajára | | | | Jo'é |
| Tapieté | | | Tembé | | | | Guajá |
| Chiriguano (Guarani da Bolívia) | | | | | | | Awré |
| Izocño | | | | | | | Awrá |

Quadro 1

1.3 HISTÓRIA DOS KA'APOR: CONTATO COM OS NÃO-ÍNDIOS

A partir da leitura dos textos de Ribeiro (1970;1996) e Samain (1985), destaco três períodos na história entre o contato mais intenso dos Ka'apor com os não-índios que se inicia em 1911 e estende-se até 1977. Os três períodos são: (i) o período da pacificação; (ii) o período das pesquisas antropológicas feitas por Darcy Ribeiro, Bertha Ribeiro e Francis Huxley; e (iii) o período da atuação do *Summer Institute of Linguistics* (SIL).

1.3.1 PERÍODO DA PACIFICAÇÃO

A pacificação dos Ka'apor iniciou-se em 1911 e se prolongou até 1928. O cenário do processo de pacificação era formado por um lado pelos indigenistas do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que procuravam contactar os Ka'apor usando a estratégia de deixar presentes na mata, e por outro lado havia a população local, formada pelos garimpeiros, madeireiros e trabalhadores da linha telegráfica. O local do processo de pacificação aconteceu na região dos rios Turiaçu, Gurupi e Pindaré entre os Estados do Pará e Maranhão.

A primeira tentativa de aproximação com os Ka'apor foi feita em 1911 pelo tenente Pedro Ribeiro Dantas que liderava a expedição do SPI. Essa tentativa de aproximação fracassou devido aos embates entre os Ka'apor e os garimpeiros, madeireiros e os trabalhadores da linha telegráfica.

Um outro momento de destaque no processo de pacificação ocorreu com as expedições punitivas da população local aos Ka'apor. Em 1918, foi criado um posto de vigilância do rio Turiaçu pelo SPI. O objetivo desse posto era impedir os conflitos entre os Ka'apor e os trabalhadores da linha telegráfica. Ribeiro (1996) relata que o trabalho João Grande perseguia atrozmente os Ka'apor, organizando expedições contra as aldeias e espetando a cabeça das vítimas (homens, mulheres e crianças) nos postes telegráficos, como advertência para que os Ka'apor não cortassem a linha telegráfica.

Um outro relato, que mostra as expedições punitivas, conta a história da morte do índio *Nã-irã* (peixe-jeju) que foi considerado o primeiro Ka'apor a enfrentar os brancos:

“Os moradores de uma aldeia que ficava num braço do Maracaçumé estavam em festa, bebendo cauim, quando chegaram os brancos. Ninguém viu. Só uma mulher que foi ao córrego voltou contando que um homem de chapéu, um Karaíwa, estava do outro lado. Tinha feito sinais para ela, convidando-a a ter relações com ele, mas ninguém levou a sério.

No dia seguinte, quando acordaram, viram que ao redor da aldeia havia muito rastro de gente calçada. Saíram pesquisando e, um quilômetro adiante, viram um curral e uns homens de fora. Enquanto eles bebiam, os brancos cortaram paus para fazer aquele cercado, de uns cinco metros de raio, na margem de um igarapé. Quando os índios foram percebidos, um dos homens saiu com terçados e panos na mão gritando: ‘Temos terçados. Temos panos. Temos miçangas, tudo para vocês.’

*Gritava oferecendo aquelas coisas. Um dos índios aproximou-se enquanto os outros gritavam, ameaçando. Quando chegou bem perto, flechou o que estava falando; a flecha não pegou, mas o homem entrou para o curral. Aí, todo o grupo rodeou e começou a atirar taquaras, encheram o curral de taquaras. Os brancos, lá dentro, gritavam que tinham presentes para eles e que parassem de flechar, senão os matariam a balas. A certa hora, começaram a atirar sobre os índios e feriram um que subira numa árvore para atingi-los com flecha por cima do cercado. Este morreu. Era aquele *Nã-irã*, que foi o primeiro a aproximar-se e a atirar nos brancos.” (Ribeiro, 1996:251)*

Em 1928, deu-se a pacificação dos Ka'apor. Esse momento foi marcado pela confraternização entre os índios e os servidores do SPI no Posto Pedro Dantas na ilha de Canindé-açu. Esse posto era estratégico, pois estava próximo ao local onde os Ka'apor faziam a travessia do rio Gurupi da margem maranhense à paraense. O relato de Ribeiro (1996:27) destaca que, a partir de 1^o de novembro,

as visitas e estadias dos Ka'apor no Posto Pedro Dantas se tornaram cada vez mais freqüentes:

“Em 1º de novembro chegou ao posto o ajudante da Inspetoria Artur Bandeira que entregou brindes a 32 índios que de longe avistaram sua canoa, chamando ‘Catu-camará’. Bandeira conseguiu trazer três deles ao posto. No dia seguinte apareceu novo grupo, que a muito custo se deixou fotografar. No dia 5 apareceu um grupo de oito índios à sede do posto, que dançaram e cantaram para agradecer os brindes que receberam. A pedido dos índios foi construído um barracão provisório na margem onde costumam aparecer. No dia 15 de dezembro apareceu a primeira índia no posto, que até essa data havia recebido a visita de 94 índios, alguns dos quais pernoitaram na sede, permanecendo aí dias seguidos.”

1.3.2 PERÍODO DAS PESQUISAS ANTROPOLÓGICAS

Na história do contato dos Ka'apor com os não-índios, a década de 50 foi marcada pelos estudos antropológicos de Darcy Ribeiro, Bertha Ribeiro e Francis Huxley. Dentre os aspectos observados sobre o povo Ka'apor pelos pesquisadores estão o modo de organização da economia indígena, a arte plumária dos Ka'apor, documentação de narrativas Ka'apor e o contato e convívio dos Ka'apor com os não-índios. Desse período de pesquisas antropológicas surgiram as obras de Darcy Ribeiro e Bertha Ribeiro (1957) *“A arte plumária dos índios Kaapor”*; de Darcy Ribeiro (1996) *“O Diário dos índios: urubus-Kaapor”* e de Francis Huxley (1956) *“Selvagens Amáveis”*.

1.3.3 PERÍODO DA ATUAÇÃO DO SIL

O período da atuação do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) foi marcado com a convivência do casal de missionários James Kakumasu e Kiyoko Kakumasu entre 1968 a 1977. O principal objetivo dessa convivência era a tradução da bíblia para a língua Ka'apor, conforme relata Samain (1985:251):

“...o trabalho principal a que se dedicaram (os missionários), diz respeito à tradução, em língua Kaapor, de vários livros do Novo Testamento: o Evangelho de Marcos, os Atos dos Apóstolos e algumas outras Cartas Apostólicas de Paulo e de João, outrora dirigidas aos primeiros cristãos. Esses documentos impressos foram distribuídos aos habitantes da aldeia Gurupiúna. Serviram a sua ‘evangelização’ e até despertaram, na época, a vocação de alguns missionários crentes kaapor”

Além do trabalho de tradução, houve investimentos do SIL na área da educação com cursos de alfabetização e corte e costura, na área da saúde e na área da lingüística com a documentação de narrativas Ka'apor:

“...na comunidade de Gurupiúna que, entre 1968 e 1977, abriu seu convívio aos membros do Summer Institute of Linguistics. Tais membros não empreenderam somente, neste período, um extenso trabalho lingüístico; souberam também se interessar e reunir estórias sobre a ‘pacificação’ dos Urubu, sobre seus resguardos bem como, através de outras curtas publicações experimentais, fazer-lhes descobrir elementos de nosso sistema solar ou de como se precaver da hepatite. Um campo de pouso foi aberto no intervalo, a 800 metros da aldeia e a casa de madeira, ocupada então pelo casal de missionário, tornou-se progressivamente e em horários marcados, enfermaria e local de um curso de alfabetização e de corte e costura.” (Samain, 1985:251)

1.4 ASPECTOS CULTURAIS

Nesta seção, apresentamos alguns aspectos da cosmogonia Ka'apor sobre a criação do mundo, e descrevo algumas observações sobre a alimentação, a divisão social do trabalho, as brincadeiras das crianças e a escola indígena que foram resultados das pesquisas a campo em julho e agosto de 2006 e janeiro de 2008.

1.4.1 COSMOGONIA KA'APOR

Segundo os Ka'apor, tudo no universo começou com Maíra que é descrito como uma entidade que pode assumir a forma de um Ka'apor, de um karaí (não-índio) ou de um animal:

“Maíra às vezes, aparece como um Ka'apor, depois dá uma volta pela casa e já aparece vestido e grita: ‘Eu sou karaíwa-té. Torna a rodear a casa e volta como cachorro e diz: Eu sou o cachorro. Depois aparece como cavalo, como iapú, como cigarra, Maíra é tudo.” (Ribeiro, 1996:375)

Maíra é considerado o herói mítico que criou o mundo e os povos. O mundo se constitui em cada elemento da natureza como a vegetação, os animais e a água. Os povos foram criados por Maíra a partir da madeira. Os povos do mundo são os Ka'apor, Karaí e os Guajá. Abaixo, destaco a parte da narrativa referente à criação do mundo e dos povos a partir de Maíra:

“Tudo era claridade, não existia nada. No princípio não existia nada, era só Maíra e aquele clarão. Maíra fez a terra e os rios grandes, depois mandou um guariba gigantesco plantar as matas. Quando a mata estava pronta, Maíra fez as gentes. Antes disso, fez Tapixi para ser seu irmão e mandou para o norte; Maíra ficou no sul. Disse, depois, que Maíra fica no nascente e Tapixi no poente. Depois de fazer as coisas, Maíra perguntava o nome, elas diziam: eu sou a mandioca; cada uma dizia seu nome e Maíra ensinou aos Ka’apor. Maíra só fez os grandes rios e a mata, os igarapés e as caças e os peixes foram feitos pelo filho de Maíra, para que a gente pudesse viver. Os homens foram feitos de madeira. Maíra fez os Ka’apor de pau-d’arco (tadžki), aos Karaíwas de sumáúma e aos Guajá de pau podre, por isso vivem no mato, não fazem casa, só comem coco.” (Ribeiro, 1996:373)

Também um outro aspecto relevante dentro da cosmogonia Ka’apor, trata da divisão do trabalho e da organização social estabelecida por Maíra, conforme se verifica na passagem abaixo:

“Maíra não quis ensinar aos Ka’apor como se faz terçados, facas, machados, disse que os Karaíwas devia fazer isso e dar aos Ka’apor. Maíra não ensinou aos Ka’apor como fazer panos finos, disse que os Ka’apor deviam andar como ele, nus; com o membro amarrado e o corpo pintado. Maíra ensinou aos Ka’apor como fazer cocares. Quando Maíra acabou de fazer os homens, escolheu os que seriam tuxauas⁷ e os que seriam caciques para mandar e os que seriam miaçus para trabalhar.” (Ribeiro, 1996:374)

1.4.2 ALIMENTAÇÃO

A alimentação dos Ka’apor é baseada principalmente na mandioca, no chibé, na carne de caça e nas frutas coletadas na aldeia, na roça ou na mata como, por exemplo, o bacuri, a banana, o açaí, a manga e o caju.

⁷ Tuxaua: chefe da tribo

A mandioca é um dos principais alimentos dos Ka'apor. Em todas as roças dos Ka'apor, há uma plantação de mandioca. Eles plantam dois tipos de mandioca, a saber: a mandioca brava, que é usada para fazer farinha de mandioca, e a mandioca comum, que é utilizada para fazer tapioca e mingau.

O chibé é uma bebida preparada com a mandioca brava. Essa mandioca é colhida na roça dos Ka'apor e, em seguida, ela vai para a casa de torrefação onde a mandioca é descascada e torrada, transformando-se em farinha. Então, a partir da farinha de mandioca prepara-se o chibé que é o resultado da mistura da farinha de mandioca com água. Geralmente, todos os momentos de alimentação são acompanhados com o chibé.

Com relação à carne de caça, normalmente os Ka'apor comem jabuti, anta, boi, paca, peixe, cutia, veado e pato voador. É interessante observarmos a distribuição da alimentação da caça no interior da aldeia. As carnes de caça grande são compartilhadas entre várias famílias. E as carnes de caça pequena restringem-se somente à família que conseguiu a caça. Também um outro fato curioso é a carne de boi. Na cultura Ka'apor, não há a criação de gado leiteiro, pois na concepção dos Ka'apor, o boi pertence ao mato, então, a criação de boi tem a finalidade exclusiva de servir como carne para alimentar a aldeia.

Ainda sobre a carne de caça, há as carnes que não se caçam para a alimentação. As carnes de onça, tamanduá e bicho preguiça não pertencem à

alimentação dos Ka'apor. De acordo com o cacique Petrônio Ka'apor, essas carnes não compõem a alimentação devido as seguintes razões:

- (a) carne de onça: *“se comermos a onça, nossos filhos irão nascer moles como os filhotes da onça. Dessa forma, se comermos a carne da onça, teremos que colocar nossos filhos num buraco e alimentá-los até se fortalecerem.”*
- (b) carne de tamanduá: *“se comermos a carne de tamanduá, não encontraremos mais caça na floresta. Com isso, o Ka'apor terá brigas dentro de casa, pois, se o homem não traz a caça, não há alimentação. Então, se não há alimentação, não há lar.”*
- (c) carne de bicho preguiça: *“se comermos a carne de bicho preguiça, então, andaremos como o bicho preguiça até a nossa morte.”*

Também uma outra carne que devemos colocar dentro desse grupo de carnes não comestíveis, refere-se à carne de cobra. Em Ribeiro (1996:577), encontra-se o relato de uma narrativa que retrata a cobra comendo um homem. Talvez, essa história retrata a razão dos Ka'apor não comerem carne de cobra, isto é, por ser um animal prejudicial ao ser humano:

Por que não comemos cobra

“Antigamente nossos avós comiam cobra. Depois, deixaram de comer, porque uma cobra comeu um homem. Ele foi caçar com o irmão. Adiante, se afastou um pouco para fazer um apero⁸. O irmão estava ali perto, ouvindo o sopro (assovio) dele. Ficou lá, agachado, trançando o apero com palha de bacaba. Aí ele olhou e achou esquisito um pau grosso que estava ali junto e ele já tinha visto. Conheceu que era uma cobra em pé, mas não pôde fazer

⁸ Apero: conjunto de instrumento de caça.

nada. A cobra saltou e matou. Depois encolheu-se e ficou bem pequena e grossa, para engolir o homem. O irmão, não ouvindo mais o sopro, foi ver o que aconteceu. Andou para aquele lado de onde vinha o barulho. Nada, o irmão não estava lá. Aí ele olhou mais e viu a cobra com a boca aberta, engolindo o irmão. Os pés dele ainda estavam de fora. Aquele homem pegou o terçado e cortou a cabeça da cobra. Ela vomitou o irmão dele inteiro, como tinha engolido, mas já estava morto. Aquele homem voltou para casa e contou a todos o que viu, como o irmão morreu. Desde então, nossos avós não comeram mais cobra. E nós também não comemos.

Com relação às frutas, destaco a banana. Nas conversas com os Ka'apor, durante a noite, listei quatro variedades de bananas, a saber:

- (13) *pakɔ-hu*
 banana-INTEN
 “banana grande”
- (14) *pakɔ* *firi*
 banana magro
 “banana magra”
- (15) *pakɔ* *pirã*
 banana roxa
 “banana roxa”
- (16) *pakɔ* *kukui*
 banana cair
 “banana caída”
- (17) *pakɔ* *tawa*
 banana amarela
 “banana amarela”

Quanto às bananas, há restrições na alimentação das bananas caída e a amarela. A banana caída não deve ser ingerida à noite, porque os cabelos da

cabeça caem. E a banana amarela não pode entrar na dieta das mulheres no período da menstruação.

1.4.3 DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

As tarefas entre os homens e as mulheres são distribuídas nos trabalhos de cultivo de alimentos - como o preparo da lavoura e a coleta - na obtenção de alimentos na natureza - como a caça e a pesca - e no preparo do alimento.

Na lavoura, os homens são responsáveis por preparar o terreno ou o roçado, derrubando e queimando a mata. Enquanto os homens exercem a atividade física do preparo da roça, as mulheres preparam a alimentação para os homens. Abaixo, pode-se observar, pela narrativa de um Ka'apor, a cena descrita sobre o trabalho na lavoura onde verifica-se o homem preparando a roça e a esposa levando alimentação para seu marido:

*A estória da roça
Informante: Q. Ka'apor*

“A roça que o velho vai fazer. E o velho foi demarcar a mata. E o velho já demarcou toda a roça. Agora o velho vai roçar a mata. E o velho leva o facão para amolar na pedra. Agora o velho terminou de amolar o facão. E o velho foi roçar a roça. A esposa do velho levou comida para o velho. Realmente, eles já roçaram muito a mata. O velho já roçou toda a roça. Assim, o velho falou para eles (os trabalhadores): -‘Na verdade eu terminei toda a roça’. O velho levou também o machado para amolar na pedra. Quando foi no outro dia, o velho também foi para roçar. E o velho já foi para derrubar sua roça. O velho derrubou bastante a sua roça. Hoje, o velho terminou de derrubar a sua roça.”

Na coleta de alimentos, pudemos observar que a mulher ajuda o homem. A narrativa abaixo exemplifica esse trabalho mútuo entre homem e mulher na colheita:

O que o velho foi plantar?

Informante: P. Ka'apor

“Ele foi plantar a banana. A esposa do velho também foi plantar a banana. Eles terminaram de plantar a banana. Agora, o velho vai cortar a banana da roça antiga. A esposa do velho foi cortar a banana também. Eles terminaram de cortar a banana. E o velho está fazendo a pêra. E a mulher do velho está fazendo a pêra também. A formiga mordeu a mão da esposa do velho.”

Aqui, essa narrativa mostra a cena de uma plantação e colheita de bananas. Nota-se que o velho e sua esposa participam conjuntamente dessa atividade. Até no carregar as bananas, os dois fazem a pêra, que é uma cesta feita de folha de açáí e que se utiliza para carregar frutas, para carregar os produtos da roça.

Com relação à obtenção de alimentos da natureza, o homem é o responsável. Observei que a caça é uma atividade diária geralmente com dois grupos de saída para essa atividade. Alguns Ka'apor saem pela manhã e voltam à tarde por volta das 16h, e outros Ka'apor saem à noite e passam toda a noite na mata, chegando pela manhã por volta das 8h. Os homens não precisam ter “sucesso” na caça, pois se a caçada não tiver resultado, uma outra família dividirá o alimento com a família que não tem caça para se alimentar. Na atividade da pesca, utiliza-se o ximbó para apanhar os peixes. Essa atividade é feita durante o dia. Geralmente, se sai para pescar por volta das 8h e o retorno é por volta de 13h.

Ainda sobre a caça e a pesca, pudemos notar que, durante a semana, os homens executam essas atividades juntamente com suas esposas. Já o sábado é reservado para o convívio familiar, isto é, toda a família sai para caçar e pescar pela manhã e retorna à tarde. Esse dia é um momento especial na aldeia. Podemos afirmar que é um momento de ensino e convivência familiar onde se passam as técnicas da caça e da pesca para os filhos.

Sobre o preparo de alimentos foi interessante observar a torrefação da mandioca. Essa atividade é desenvolvida o dia inteiro na aldeia. Há um revezamento entre as famílias. Cada dia, um grupo de família é responsável pela torrefação da mandioca que depois é distribuída para todas as famílias da aldeia.

1.4.4 CRIANÇA KA'APOR

Adotando a classificação de brincadeiras de criança em sociedades de povos caçadores-coletores (Parker, 1984)⁹, observamos as seguintes brincadeiras entre as crianças Ka'apor:

⁹ As brincadeiras listadas por Parker (1984) são:

- (1) Exercício: atividades com movimentos amplos, tais como: correr, pular, subir;
- (2) Exercício com objetos: movimentos amplos com o uso de objetos, como: andar sobre pernas-de-pau, arremessar petecas no ar;
- (3) Movimentos finos com objetos – arco e flecha, rodar pião;
- (4) Construção: atividade em que um ou mais elementos são combinados para formar um novo objeto, como modelagem em areia ou argila, fazer cestos;
- (5) Contingência social: brincadeiras com esquemas de revezamento social, aparentemente motivadas e reforçadas pelo prazer associado à capacidade de produzir respostas contingentes nos outros e de responder contingentemente aos outros, tais como: esconde-esconde, imitar gestos ou verbalizações, fazer cócegas;
- (6) Brincadeira turbulenta: brincadeiras de contingência social com atividade física vigorosa e contato físico intenso, como perseguição, luta e fuga, em que a expressão facial sinaliza a natureza lúdica das ações;

- Brincadeiras de exercícios realizadas em situações de subir e descer de árvores como em mangueiras e cajueiros;
- Brincadeiras de construção identificadas nos desenhos feitos nas paredes das casas de madeira. Esses desenhos geralmente representam pessoas, animais e cobras engolindo crianças;
- Brincadeiras de contingência social realizadas nas imitações de gestos dos adultos;
- Brincadeiras simbólicas manifestadas na dança do bumba-meu-boi onde participam somente duas crianças, sendo que uma representa o boi, que irá morrer, e a outra tem a função de matar o boi; e também pode-se observar a brincadeira de caça. Nessa brincadeira, galhos de árvores se transformam em lanças.

1.4.5 ESCOLA INDÍGENA

Numa primeira observação preliminar sobre a escola indígena da aldeia *Xié Pyhun Renda*, notamos dois aspectos sobre o ensino de língua materna, a saber: o material didático e a atividade de documentação de narrativas indígenas.

Com relação ao material didático, a única cartilha utilizada e disponível para a etnia, no ensino da língua materna, foi elaborada por Kakumasu (1989) e publicada pelo *Summer Institute of Linguistics*. Então, é extremamente necessária a produção de material didático que auxilie no ensino da língua materna.

Sobre a atividade de documentação de narrativas, verificamos que essa é uma atividade pedagógica chave no ensino de língua materna, uma vez que, nela,

-
- (7) Brincadeira simbólica: uso de objetos/pessoas reais ou criança de objetos/pessoas imaginários, atribuindo-lhes uma propriedade diferente da usual, como usar um graveto como se fosse uma canoa, tratar um companheiro como se fosse seu filho e representação de cenas imaginárias;
 - (8) Jogos de regras: jogos com regras explicitadas, como os de bola.

os Ka'apor de diversas faixas etárias (crianças, jovens e idosos) participam sendo autores e revisores das narrativas, e, além dessas produções textuais, essa atividade pedagógica torna-se um espaço de reflexão na sala de aula para as discussões metalingüísticas sobre a língua e cultura Ka'apor. Nessas discussões, todos os alunos têm voz, dando sugestões e contribuições para a versão final da narrativa. Agora, um fato curioso a se observar é a palavra final nas discussões. Geralmente, esta é conferida ao aluno mais idoso da sala. Essa atitude de privilegiar os *tamũi* “velho” nos remete a valorização das pessoas idosas como porta-vozes da cultura da etnia.

No próximo capítulo, iremos descrever os fonemas consonantais e vocálicos da língua Ka'apor, seguindo o modelo fonêmico de Pike (1947). Neste capítulo, delimitaremos os fones em oposição, em distribuição complementar e em variação.

CAPÍTULO 2

FONÊMICA DA LÍNGUA KA'APOR

Este capítulo trata da delimitação dos fonemas consonantais e vocálicos em Ka'apor. Proponho que há 26 fonemas em Ka'apor, sendo 15 consonantais /p, t, k, k^w, ʔ, h, s, ʃ, m, n, ŋ, ŋ^w, r, w, j/ e 11 vocálicos /i, ĩ, e, ě, a, ã, ê, o, õ, u, ã/.

Na análise dos fonemas em Ka'apor, utilizo os conceitos do modelo fonêmico de Pike (1947), procurando identificar os fonemas em oposição, em distribuição complementar e em variação.

O capítulo está estruturado da seguinte maneira: na seção 2.1, apresento os fones consonantais; da seção 2.2 a 2.3, caracterizo os fonemas consonantais a partir da identificação dos fones em oposição e em variação; na seção 2.4, delimito os fonemas vocálicos e descrevo os contextos fonéticos das vogais média-baixa [ɛ, ɔ], e, por fim, na seção 2.5 destaco os principais pontos do capítulo.

2.1 FONES CONSONANTAIS

Consoante Kakumasu (1986), a língua Ka'apor é constituída por 22 fones consonantais, sendo que apenas 2 são glotais e os outros 20 são supra-glotaais, conforme mostra o quadro a seguir:

| | labial | alveolar | pós-alveolar | palatal | velar | lábio-vela | glotal |
|-------------|---------|----------|--------------|---------|-------|----------------|--------|
| oclusiva | p | t | | | k | k ^w | ʔ |
| fricativa | | s | ʃ ʒ | | | | h |
| africada | | ts | tʃ dʒ | | | | |
| nasal | m mb | n nd | | | ŋ | ŋ ^w | |
| tepe | | r | | | | | |
| vibrante | | ř | | | | | |
| aproximante | w | | | j | | | |

Quadro 2: Fones Consonantais

Para delimitar os fonemas consonantais do Ka'apor, nas próximas seções, identificarei os fones que estão em oposição e em variação.

2.2 FONES EM OPOSIÇÃO

Com base nas ocorrências em ambientes idênticos (pares mínimos ou análogos), foram identificados os seguintes fonemas na língua Ka'apor:

(1) /p/ e /m/

[pa' rã] - / pa' rã /: deslizar

[ma' rã] - / ma' rã /: quando

[pɨ́ 'ta] - / pɨ́ 'ta/: ficar

[mɨ́ 'ta] - / mɨ́ 'ta/: andaime (é uma madeira colocada em cima de dois troncos de árvores para esperar a caça)

[pɨ́ 'tun] - / pɨ́ 'tun/: noite

[mɨ́ 'tũ] - / mɨ́ 'tũ/: mutum-cavalo

(2) /p/ e /t/

[pɔ́ 'ʔok] - / pó 'ʔok/: arrancar

[tɔ́ 'ok] - / tó 'ok/: espécie de formiga

[pú 'ku] - / pú 'ku/: ser comprido

[tú 'kur] - / tú 'kur/: gafanhoto

[pé 'ju] - / pé 'ju/: soprar

[té 'ju] - / té 'ju/: espécie de camaleão

['pɛ] - / 'pe/: para

['tɛ] - / 'te/: partícula de veracidade

(3) /t/ e /s/

[tú 'ʔũ] - / tú 'ʔũ/: lama

[sú 'ʔu] - / sú 'ʔu/: mastigar, morder

[sá 'pɛ] - / sá 'pe/: chapéu

[tá 'pɛra] - /tá 'pera/: chapada

[sɨ́rɨ́k] - / sɨ́rɨ́k/: deslizar,
escorregar

[tɨ́rɨ́ 'rɨ́k] - / tɨ́rɨ́ 'rɨ́k/: tiritica

(4) /n/ e /m/

[ná 'hã] - /ná 'hã/: talvez

[má 'ha] - /má 'ha/: peneirar

[ní 'nõ] - /ní 'nõ/: deitar

[ná 'mõ] - /ná 'mõ/: com

(5) /n/ e /r/

[ná 'hã] - /ná 'hã/: talvez

[rá 'hã] - /rá 'hã/: quando

[rá 'ʔɨr] - /rá 'ʔɨr/: partícula
atenuativa

[tá 'ʔɨn] - / tá 'ʔɨn/: criança

(6) /ʔ/ e /h/

['ʔa] - / 'ʔa/: fruta

['ha] - / 'ha/ cabelo do corpo humano,
pena de pássaro

[pe 'ʔẽ] - /pe 'ʔe/: aquele

[pe 'hẽ] - /pe 'hẽ/: vocês

(7) /w/ e /j/

[a 'wa] - /a 'wa/: gente

[a 'ja] - /a 'ja/: dizer

(8) /s/ e /ʃ/

['sɛ] - / 'se/: aqui

['ʃɛ] - / 'ʃe/: entrar

[su 'ʔu] - /su 'ʔu/: morder

[ʃu 'ʔa] - /ʃu 'ʔa/: cintura

[suɾu 'wi] - /suɾu 'wi/: surubim

[ʃu 'ɾu] - /ʃu 'ɾu/: ser áspero

(9) /k/ e /k^w/

[pu 'ka] - /pu 'ka/: rir

[puk^war] - /puk^war/: amarrar, enrolar

['ka] - / 'ka/: gordura

['k^wa] - / 'k^wa/: saber

['kɛ̃] - / 'kɛ̃/: piolho

['k^wɛ̃r] - / 'k^wɛ̃r/: chover

(10) /ŋ^w/ e /n/

['ŋ^wɛ] - / 'ŋ^we/: ter sede

['nɛ] - / 'ne/: tu

(11) /ŋ^w/ e /w/

[ka 'ŋ^wɛr] - /ka 'ŋ^wer/: osso

[ka 'war] - /ka 'war/ cavalo

(12) /ŋ/ e /t/

['ŋã] - /ŋã/: o pessoal

['ta] - / 'ta/: partícula quantificadora

(13) /ŋ/ e /p/:

['ŋi] - / 'ŋi/: posposição

['pɛ̃] - / pɛ̃/: pé

2.3 FONES EM VARIAÇÃO LIVRE

O trabalho de Kakumasu (1986) identifica os seguintes fones em variação:

(14) os fones [m] e [mb] do fonema /m/:

[¹ mɔj] ~ [¹ mbɔj] - /¹ moj/: cobra

(15) os fones [s] e [ts] do fonema /s/:

[su¹ ʔu] ~ [tsu¹ ʔu] - /su¹ ʔu/: bater

(16) os fones [ʃ] e [tʃ] do fonema /ʃ/:

[¹ ʃa] ~ [¹ tʃa] - /¹ ʃa/: ser gordo

(17) os fones [r] e [r̃] do fonema /r/:

[wîr] ~ [¹ wîr̃] - /wîr/: ir

(18) os fones [j], [ʒ] e [dʒ] do fonema /j/:

[ji] ~ [ʒi] ~ [dʒi]: machado

[javar] ~ [ʒavar] ~ [dʒavar] - /javar/: cachorro

Com base na análise dos fones em oposição, em distribuição complementar e em variação livre, chega-se a um total de 15 fonemas consonantais na língua Ka'apor, conforme mostra o quadro a seguir:

| | labial | alveolar | pós-alveolar | palatal | velar | lábio-velar | glotal |
|-------------|--------|----------|--------------|---------|-------|----------------|--------|
| oclusiva | p | t | | | k | k ^w | ʔ |
| fricativa | | s | ʃ | | | | h |
| nasal | m | n | | | ŋ | ŋ ^w | |
| Tepe | | r | | | | | |
| aproximante | w | | | j | | | |

Quadro 3: Fonemas Consonantais

Na próxima seção, analiso a realização dos fones vocálicos, buscando delimitar as vogais que são fonemas em Ka'apor.

2.4 FONES VOCÁLICOS

Com relação aos fones vocálicos, o Ka'apor contém 13 vogais, sendo 7 orais e 5 nasais, conforme mostra o quadro abaixo:

| | Anterior | | Central | Posterior | |
|-------------|----------|-------|---------|-----------|-------|
| | oral | nasal | oral | oral | Nasal |
| Alta | i | ĩ | ɨ | u | ũ |
| Média-Alta | e | ẽ | | o | õ |
| Média-Baixa | ɛ | | ɔ | | |
| Baixa | | | a | ã | |

Quadro 4: Fones vocálicos

Nas palavras transcritas abaixo, nota-se que tanto as vogais orais /i, e, ɨ, a, o, u/, quanto as vogais nasais /ĩ, ẽ, ã, õ, ũ/ são fonemas por ocorrer em pares mínimos:

(19) /ĩ/ e /o/

[' kĩ] - / ' kĩ:/ piolho

[' kɔ] - / ' ko:/ aqui

(20) /i/ e /ĩ/

[' ji] - / ' ji:/ machado

[jĩ ' aɾ] - / jĩ ' aɾ:/ reunir

(21) /a/ e /u/

[ka ' tak] - / ka ' tak:/ mexer

[ku ' tuk] - / ku ' tuk:/ furar

[ma ' ʔɛ] - [ma ' ʔe]: coisa

[mu ' ʔɛ] - / mu ' ʔe:/ ensinar

(22) /e/ e /i/

[me ' ʔu] - / me ' ʔu:/ perguntar

[mi ' ʔu] - / mi ' ʔu:/ comida

(23) /ĩ/ e /a/

[ĩ ' wĩ] - / ĩ ' wĩ:/ terra

[a ' wa] - / a ' wa:/ gente

(24) /ẽ/ e /õ/

[je ' ʔẽ] - / je ' ʔẽ:/ falar

[e ' ʔõ] - / e ' ʔõ:/ ter cansaço

(25) /ã/ e /ũ/

[pĩ ' rã] - / pĩ ' rã:/ vermelho

[pĩ ' rũ] - / pĩ ' rũ:/ pisar

(26) /ĩ/ e /ĩ/

[ka ' pĩ] - / ka ' pĩ:/ capim

[ka ' pĩ] - / ka ' pĩ:/ quarto

(27) /õ/ e /ũ/

[a ' mõ] - / a ' mõ:/ outro

[ja ' mũ] - / ja ' mũ:/ gemer

(28) /i/ e /õ/

[na 'mi] - / na 'mi/: orelha

[na 'mõ] - / na 'mõ/: posposição “com”

Já as vogais média-baixa [ɛ] e [ɔ] são alofones das vogais /e/ e /o/, pois elas ocorrem nas sílabas tônicas. As sílabas tônicas podem ser constituídas por sílabas abertas, sem consoante em posição de coda, ou por sílabas fechadas, com as consoantes [ɾ] ou [k] na posição de coda. Abaixo, arrolamos as palavras com as vogais [ɛ] e [ɔ] se manifestando tanto em sílabas abertas quanto em fechadas:

SÍLABAS ABERTAS

(29) [tamuta 'rɛ] - /tamuta 're/
“dinheiro”

(30) [ja 'nɛ] - /ja 'ne/
“nós”

(31) [kɨ 'sɛ] - / kɨ 'se/
“faca”

(32) ['pɔ] - / 'po/
“mão”

(33) ['kɔ] - / 'ko/
“aqui”

(34) [pa 'kɔ] - /pa 'ko/
“banana”

SÍLABAS FECHADAS

- (35) [a'ʃɛɾ] - /a'ʃɛɾ/
“ter ruindade”
- (36) [pi'ɾɛɾ] - /pi'ɾɛɾ/
“pele”
- (37) [pu'kɛk] - /pu'kɛk/
“embrulhar”
- (38) [¹mɔɾ] - /¹mɔɾ/
“jogar”
- (39) [¹ɔk] - /¹ɔk/
“casa”
- (40) [mani'ʔɔk] - /mani'ʔɔk/
“mandioca”

Quando há uma vogal média-baixa na sílaba tônica, verifiquei também a ocorrência dessas vogais na posição pretônica, conforme mostram os dados abaixo:

- (41) [ɛ' tɛ] - /ɛ' tɛ/
“ter verdade”
- (42) [tɛ' ʔɛ] - /tɛ' ʔɛ/
“mesmo”
- (43) [ɾɛ' kɛɾ] - /ɾɛ' kɛɾ/
“vocês dormem”

- (44) [sɔ 'sɔk] - /so 'sok/
 “socar”
- (45) [rɛ 'kɔ] - /re 'ko/
 “ter”
- (46) [mɔ 'nɔk] - /mo 'nok/
 “cortar”

Assim, posso apontar 11 fonemas vocálicos em Ka’apor, sendo 6 orais e 5 nasais, conforme se vê no quadro abaixo:

| | Anterior | | Central | Posterior | |
|------------|----------|-------|---------|-----------|-------|
| | oral | nasal | oral | oral | Nasal |
| Alta | i | ĩ | ɨ | u | ũ |
| Média-Alta | e | ẽ | | o | õ |
| Baixa | | | a | ã | |

Quadro 5: Fonemas vocálicos

2.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei que a língua Ka’apor possui 22 fones consonantais [p, t, k, k^w, ʔ, h, s, ʃ, ʒ, tʃ, ts, dʒ, m, mb, n, nd, ŋ, ŋ^w, r, ʀ, w, j] e 13 fones vocálicos [i, ĩ, e, ẽ, ε, a, ã, ɨ, o, õ, ɔ, u, ũ]. Destes fones, 15 são fonemas consonantais / p, t, k, k^w, ʔ, h, s, ʃ, m, n, ŋ, ŋ^w, r, w, j/ e 11 são fonemas vocálicos /i, ĩ, e, ẽ, a, ã, ɨ, o, õ, u, ũ/.

Com relação aos fonemas vocálicos, destaquei o contexto de realização das vogais média-baixa [ɛ, ɔ], propondo que essas vogais ocorrem em sílabas

tônicas abertas ou fechadas e em sílabas pretônicas se houver uma vogal média-baixa na sílaba tônica.

No próximo capítulo, analiso os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} nos nomes, nos verbos e nos sintagmas posposicionais, caracterizando as três funções que esses prefixos possuem na língua Ka'apor.

CAPÍTULO 3

O ESTATUTO GRAMATICAL DA FLEXÃO RELACIONAL

Nesse capítulo, analiso o estatuto gramatical que os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} desempenham na língua Ka'apor. Esses prefixos ocorrem em nomes, em posposições e em verbos estativos, conforme se observa por meio dos exemplos de (1) a (3), a seguir.

- NOME
- (1) *pε* *aʔεj* *h-juk^wεr* *kε* *Ø-jupã*
 e ele NCT-carne AFET 3-cortar
 “E ele_j cortou a carne (dele_i =de alguém não correferente com o sujeito) ”

(Informantes do curso de 2008)

- POSPOSIÇÃO
- (2) *mɨra* *r-εhε* *aʔε* *u-esak-ʔɨm*
 árvore CT-em ela 3-ver-NEG
 “Ela não viu a árvore”

(Informante: W.K.)

- VERBO ESTATIVO
- (3) *i-tawa* *riki* *i-pirεr* *kε*
 3-ser amarelo FOC NCT-pele AFET
 “É amarela a pele [dele = filho de Mucura]”

(Kakumasu, 1990:134)

O capítulo está dividido da seguinte maneira: na seção 3.1, descrevo as funções dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-}; na seção 3.2, mostro que a presença ou ausência dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} nos nomes possibilita a classificação dos nomes em não-possuídos e

possuídos; na seção 3.3 e 3.4, trato dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} nos sintagmas de posse e posposicionais. Esses prefixos determinam a contigüidade ou não-contigüidade do complemento desses sintagmas com relação ao núcleo¹⁰; na seção 3.5, destaco a função dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} nos verbos intransitivos estativos. Nesse contexto, esses prefixos carregam o traço [+/-PESSOA]; e por fim, na seção 3.6, ressalto os principais pontos desse capítulo.

3.1 PROPRIEDADES DA FLEXÃO RELACIONAL

Em Ka'apor, a classe lexical dos nomes, posposições e verbos estativos recebem os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-}, cuja função primordial é denotar se o complemento está imediatamente contíguo ou não ao núcleo que o seleciona na sintaxe. Nota-se ainda que esses prefixos contribuem para subdividir os nomes em possuíveis e não-possuíveis. Sua ocorrência permite

¹⁰ A proposta dos prefixos relacionais como marcadores de contigüidade e não-contigüidade dos complementos dos sintagmas de posse e posposicional vem do estudo de Rodrigues (1996:58) sobre a língua Tupinambá:

“Nomes, verbos e posposições constituem nesta língua as três classes lexicais dotadas de flexão. Há nela um processo morfossintático com alta freqüência de ocorrência que é comum a essas três classes e que consiste na marcação da dependência de um determinante (ou nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio dos prefixos relacionais acrescentados ao núcleo. O determinante de um nome é o seu possuidor, o de um verbo intransitivo é o seu sujeito, o de um verbo transitivo é o seu objeto e o de uma posposição é o objeto desta. Os prefixos, além de estabelecer essa relação de dependência (como o status constructus das línguas semíticas), assinalam a contigüidade ou não-contigüidade sintática do determinante.”

ainda que os adjetivos sejam inseridos como núcleos de predicados, visto que, em tais contextos, os prefixos relacionais carregam o traço [+/-PESSOA]¹¹.

Tomando por base a distribuição gramatical dos prefixos relacionais, podemos assumir que esses prefixos se distribuem da seguinte maneira:

¹¹ O traço [+/- PESSOA] vem da proposta de Benveniste (1991:250-251) sobre as pessoas gramaticais. Nessa proposta, a primeira e a segunda pessoa do singular e plural são as pessoas do discurso, enquanto a terceira pessoa do singular e plural é considerada a não-pessoa:

“Uma teoria lingüística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições. Para desvendá-la, poderemos partir das definições empregadas pelos gramáticos árabes. Para eles, a primeira pessoa é ‘al-mutakallimu’, ‘aquele que fala’; a segunda, ‘al-muhatabu’, ‘aquele a quem nos dirigimos’; mas a terceira é ‘al-yaibu’, ‘aquele que está ausente’. Nessas denominações, encontra-se implícita uma noção justa das relações entre as pessoas; justa sobretudo por revelar a disparidade entre a terceira pessoa e as duas primeiras. Contrariamente ao que faria crer a nossa terminologia, elas não são homogêneas. É o que, primeiro, é necessário focalizar.

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. ‘Eu’ designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo ‘eu’, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, ‘tu’ é necessariamente designado por ‘eu’ e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, ‘eu’ enuncia algo como um predicado de ‘tu’. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do ‘eu-tu’; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual ‘eu’ e ‘tu’ se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como ‘pessoa’.

Estamos aqui no centro do problema. A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma ‘pessoa’ específica. O elemento variável e provavelmente ‘pessoal’ dessas denominações falta aqui. É bem o ‘ausente’ dos gramáticos árabes. Só apresenta o invariante inerente a toda forma de uma conjugação. A consequência deve formular-se com nitidez: a ‘terceira pessoa’ não é uma ‘pessoa’; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a ‘não-pessoa’.”

| Tema em Consoante | Contigüidade/ [+PESSOA] | Não-contigüidade/ [-PESSOA] |
|---------------------------------------|----------------------------|--------------------------------|
| | ∅- | i- ~ ∅- |
| Tema em Vogal | r- | h- ~ ∅- |
| Quadro 6: Prefixos relacionais | | |

A distribuição acima reflete a alternância morfofonológica que os prefixos relacionais exibem, a qual é condicionada pela natureza fônica da raiz. Quando o prefixo precede uma raiz verbal, nominal ou posposicional iniciada por consoante ou semivogal, teremos os prefixos {∅-} e {i-}. Por sua vez, quando as raízes são iniciadas por vogal, encontramos os prefixos {r-} e {h-}, conforme se vê pelos dados arrolados abaixo:

(4a) *tamũi* ∅-*kamĩ*
 velho CT-leite
 “Leite do velho”

(4b) *i-kamĩ*
 NCT-leite
 “O leite dele [=do velho]”

(5a) *tamũi* r-*akehar*
 velho CT-esposa
 “Esposa do velho”

(5b) *h-akehar*
 NCT-esposa
 “Esposa dele [=do velho]”

Cabe aqui destacar que o prefixo {i- ∞ h-} possui uma variante alofônica {∅-}, a qual, por exemplo, pode ocorrer na raiz de verbos estativos, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(6a) *taʔɪn* *∅-juru* *kɛ* *ɪ-kɪʔa*
 criança CT-boca AFET 3-ter sujeira
 “A boca da criança está suja”
 (Silva, 2001: 7)

(6b) *kaka* *riki* *∅-tɪarõ*
 cacau FOC 3-ser maduro
 “É o cacau que está maduro”
 (Informante: G.K.)

(7a) *ɪwɪ* *h-aku*
 terra 3-ter quentura
 “A terra está quente”
 (Silva, 2001:8)

(7b) *janɛ* *∅-pɪʔa* *kɛ* *∅-ahɪ*
 nós CT-estômago AFET 3-ter dor
 “Nosso estômago tem dor”
 (Silva, 2001: 6)

Por meio dos exemplos acima, verifica-se que o alomorfe {∅-} ocorre na raiz em contextos em que o alomorfe {i- ∞ h-} seria acionado. Sua função é, portanto, a de referir-se ao sujeito do verbo estativo. Sendo assim, enquanto o verbo *kɪʔa* “ter sujeira” recebe a variante {i-}, em (6a), o verbo *tɪarõ* “ser maduro” vem acompanhado da variante {∅-}, em (6b). Situação similar se dá nos exemplos (7a) e (7b). Por isso, enquanto o verbo *aku* “ter quentura” contém a variante {h-}, em (7a), o verbo *ahɪ* “ter dor” recebe a variante {∅-} em (7b).

Na próxima seção, o objetivo é mostrar que, quando os prefixos relacionais ocorrem nos nomes, esses prefixos permitem dividir os nomes em possuídos e não-possuídos.

3.2 A FLEXÃO RELACIONAL E A DISTINÇÃO ENTRE NOMES POSSUÍDOS E NOMES NÃO-POSSUÍDOS

Em Ka'apor, observa-se que os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} permitem dividir os nomes de entidade concreta em duas classes, a saber: (i) os nomes não-possuídos e (ii) os nomes possuídos.

Semanticamente, a classe dos nomes não-possuídos caracteriza-se por incluir os nomes relacionados a elementos do mundo sobrenatural, à natureza como os elementos naturais (chuva, sol, lua, céu, etc.), às plantas silvestres e às espécies de animais. Esses D/NPs¹² não vêm acompanhados com os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-}, {i- ∞ h- ∞ Ø-}. Esse comportamento morfológico indica que esses nomes não se realizam como núcleo de um sintagma de posse, visto que eles não podem ser possuídos. A título de ilustração, arrola a seguir exemplos de nomes não-possuídos.

¹² A nomenclatura D/NP indica que o sintagma nominal (NP) projeta o nível funcional, o sintagma determinante (DP).

NOMES NÃO-POSSUÍDOS

ELEMENTOS DO MUNDO SOBRENATURAL

Tupã – o espírito bom

ãjã – o espírito mau

wakura – o bacurau (é um pássaro que levou o menino para o mato)

kurupir – curupira

maju – arco-íris

ELEMENTOS NATURAIS

ka ʔa – mato

ita – pedra

ĩw ĩ - terra

jah ĩ - lua

warah ĩ - sol

ĩwa – céu

aman – chuva

ʔĩ - água

m ĩra – árvore

PLANTAS SILVESTRES

akaju – caju

mani ʔok – mandioca

jurumu – jerimum

kãtãĩ – castanha-do-Pará

awa ſi- ʔi
milho-DIMIN
“arroz” [= milho pequeno]

ESPÉCIES DE ANIMAIS

arapuha - veado

sɔʔɔ-ran
caça-SIM
“coelho” [= semelhante à caça]

jakamin – pássaro jakamin

warahɛ *mɔj*
sol cobra
“Cobra coral”

jawa-ran
cachorro-SIM
“Raposa” [= semelhante ao cachorro]

Já os nomes possuídos precisam de vir acompanhados dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} para denotar a relação [POSSUIDOR-POSSUÍDO], situação sintática que reforça a hipótese de que esses nomes podem ser núcleos de sintagmas de posse. Adicionalmente, verifica-se que os nomes possuídos se subdividem em inalienavelmente possuídos e alienavelmente possuídos. Começamos, então, com os inalienavelmente possuídos.

3.2.1 NOMES INALIENAVELMENTE POSSUÍDOS

Os nomes inalienavelmente possuídos são caracterizados por serem nomes que não permitem a transferência de posse para outras pessoas. Esses itens estão relacionados ao campo semântico de partes do corpo humano, de relações de parentesco, de partes de planta, de animais e de produtos de animais. A lista de vocábulos a seguir exemplifica os D/NPs inalienavelmente possuídos:

NOMES POSSUÍDOS

INALIENAVELMENTE POSSUÍDOS

PARTES DO CORPO HUMANO

ihẽ Ø-*kupε*
eu CT-costas
“Minhas costas”

ihẽ *r-ãi*
eu CT-dente
“Meu dente”

i-ãkã
NCT-cabeça
“Cabeça (dele)”

ihẽ *r-a*
eu CT-cabelo
“Meu cabelo”

h-uwa
NCT-rosto
“Rosto (dele)”

RELAÇÕES DE PARENTESCO

ihẽ *r-ainõ*

eu CT-neto
“meu neto”

aʔɛ *Ø-sawaʔɛ*

ela CT-marido
“Marido dela”

i-pen

NCT-sogra
“Sogra (dele)”

h-en ãr

NCT-irmã
“Irmã (dele)”

PARTES DE PLANTAS

kaʔa *r-ɔ*

mato CT-folha
“Folha do mato”

sãpɔ *Ø-put ãr*

cipó CT-flor
“A flor do cipó”

h-akã

NCT-galho
“Galho (da árvore)”

i-ʔa

NCT-fruto
“Fruto (da árvore)”

PARTES DE ANIMAIS

ma ʔε *Ø-ka*
algo CT-gordura
“Gordura de algum animal”

parawa *r-uwai*
papagaio CT-rabo
“Rabo de papagaio”

i-ʔak
NCT-chifre
“Chifre (dele)”

h-ait ž
NCT-ninho
“Ninho (dele)”

PRODUTOS DE ANIMAIS

jakar ε *Ø-pi ʔa*
jacaré CT-OVO
“Ovo do jacaré”

eir *r-etã*
mel NCT-colmeia
“Colméia do mel” [= cera]

h-uwai
NCT-rabo
“Rabo (do japu)”

i-kam ž
NCT-leite
“Leite (da vaca)”

3.2.2 NOMES ALIENAVELMENTE POSSUÍDOS

Já os nomes alienavelmente possuídos são formados por palavras que designam a transferência de posse para outras pessoas. Esses nomes estão associados a campos semânticos de utensílios domésticos, de armas, de ferramentas e de lugares. Os exemplos abaixo listam os nomes alienavelmente possuídos.

ALIENAVELMENTE POSSUÍDOS

UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS, ARMAS, FERRAMENTAS E LUGARES

ita r-ekui
pedra CT-cuia
“Cuia de pedra”

i-ŋɛha
NCT-rede
“A rede (dele)”

i-pɛ Ø-pukɛ-ha
NCT-pé CT-cobrir-NOMI
“Meia (dele)” [= cobertor do pé dele]

i-nami Ø-putɛr
NCT-orelha CT-flor
“O brinco (dele)” [= a flor da orelha dele]

ihẽ r-uʔɛ
eu CT-flecha
“Minha flecha”

i-ji
NCT-machado
“Machado (dele)”

h-apar
NCT-arco
“O arco (dele)”

tata *r-ena*
fogo CT-lugar
“O lugar do fogo [=cozinha]”

paratu *r-ɔk*
forno CT-casa
“Casa do forno” (onde se torra farinha)

Na próxima seção, averiguo a ocorrência dos prefixos relacionais nos sintagmas de posse e nos sintagmas posposicionais. Nesses contextos gramaticais, observa-se que os prefixos apontam para a relação gramatical de contigüidade e não-contigüidade.

3.3 PREFIXOS RELACIONAIS NOS SINTAGMAS DE POSSE

No sintagma de posse, os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} são acionados na raiz do nome possuído para indicar a relação genitiva entre um D/NP possuidor (complemento) e um D/NP possuído (núcleo). Essa relação pode ser de contigüidade ou de não-contigüidade. Assim sendo, quando a relação é de contigüidade do possuidor em relação ao possuído, usa-se o prefixo {r- ∞ Ø-}, conforme indicam as orações de (8) e (9) a seguir:

- (8) *tajɨ* \emptyset -*putɨr* *kɛ* *arapuha* *u-ʔu* \mathcal{O} - $\int\mathcal{O}$
 ipê CT-flor AFET veado 3-comer 3-mover
 “O veado está comendo a flor do ipê”
 (Informante: M. K.)

- (9) *pɛ* *tamũj* *r-akehar* \emptyset -*sɔsɔk*
 e velho CT-esposa 3-socar
 “E a esposa do velho socou [a abóbora]”
 (Informante: O. K.)

Vejam que, nos exemplos (8) e (9) acima, o prefixo relacional {r- ∞ \emptyset -} está junto às raízes nominais *-putɨr* “flor” e *-akehar* “esposa”. Esses nomes apontam para a contigüidade dos D/NPs possuidores *tajɨ* “ipê” e *tamũj* “velho”.

Todavia, se o possuidor for omitido e, por essa razão, não estiver imediatamente contíguo ao possuído, o prefixo usado é a série {i- ∞ h- ∞ \emptyset -}. Assim, o prefixo {i- ∞ h- ∞ \emptyset -} que figura nos núcleos nominais *pɔ* “mão” e *ãʔim* “caroço”, nas orações em (10) e (11), a seguir, apontam para o fato de os D/NPs possuidores não estarem contíguos ao núcleo nominal:

- (10) *tamũj* *Ø-ra-hɔ*¹³ *i-pɔ* *Ø-pɛ*
 velho 3-CAUS COMI-levar NCT-mão CT-em
 “O velho levou [algo na sua] mão”
 (Informante: O. K.)
- (11) *aʔɛ* *h-ã ʔim* *kɛ* *Ø-matir*
 ele NCT-carçoço AFET 3-ajuntar
 “Ele ajuntou o carçoço [do cacau]”
 (Informante: G. K.)

Na próxima seção, descrevo a flexão relacional nos sintagmas posposicionais.

3.4 PREFIXOS RELACIONAIS NOS SINTAGMAS POSPOSICIONAIS

Os sintagmas posposicionais apresentam a ordem sintática [COMPLEMENTO-NÚCLEO], sendo a posposição o núcleo do sintagma e o D/NP, o complemento do sintagma. Assim como nos nomes e nos verbos, a raiz posposicional também pode tomar os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h-∞ Ø-}.

¹³ Consoante Corrêa da Silva (1997:68), os verbos em Ka’apor como *rahɔ* (levar), *rur* (trazer) e *rekɔ* (ter) são constituídos pelo prefixo causativo comitativo e pela raiz verbal. Numa perspectiva diacrônica, esse prefixo vem da forma em Tupinambá *ro-* e tem os seguintes alomorfes em Ka’apor: *r-* ~ *ra-*. Abaixo, observa-se o paradigma da composição do prefixo causativo comitativo em Ka’apor nos verbos supra-citados:

ra-hɔ - “fazer ir consigo”

r-ur - “fazer vir consigo”

r-ekɔ - “fazer estar em movimento”

Abaixo, considerando os exemplos (12a) e (12b), nota-se que os complementos *ku ʔẽ* “manhã” e *ihẽ pĩ ʔa-ʔaŋ* “meu espírito” vêm contíguo à posposição *-kotĩ* “em direção a” e *-pɛ* “em, para”. Essa relação de contigüidade se manifesta na morfologia por meio do uso do prefixo relacional {r- ∞ Ø-}, conforme demonstram os exemplos a seguir:

(12a) *ku ʔẽ* *Ø-kotĩ*
 manhã CT-em direção a
 “De manhã”

(12b) *ihẽ* *Ø-pĩ ʔa-ʔaŋ* *Ø-pɛ*
 eu CT-fígado-alma CT-em
 “No meu espírito”

Entretanto, quando o complemento não vem imediatamente contíguo ao núcleo posposicional, usa-se o prefixo {i- ∞ h-∞ Ø-}. Esta é a situação nos exemplos (13a) e (13b), em que os sintagmas *kurumĩ* “menino” e *janɛ ramũ* “nosso avô” foram omitidos.

(13a) *i-pɛ*
 NCT-para
 “Para (o menino)”

(13b) *h-akɛ*
 NCT-para
 “Perto de (nosso avô)”

É importante ressaltar que, além das posições *-kotĩ*, *-pɛ* e *-akɛ*, há ainda outras posições em Ka'apor que codificam diferentes nuances de significado, como origem, companhia, localização, conforme se vê abaixo:

-upi: pelo

- (14) *kaʔa* ***r-upi*** *a-kekar* *a-hɔ*
 mato CT-pelo eu-caçar eu-ir
 “Eu fui caçar pelo mato”

-ɪji: origem

- (15) *kanindɛ* ~~Ø~~***ɪji*** *a-jur*
 Canindé CT-de eu-vir
 “Eu vim de Canindé”

-ɛhɛ: em, para, por, sobre

- (16) *nɛ* *maʔɛ* ~~Ø~~*puʃi* *kɛ* ***r-ɛhɛ***
 tu bicho CT-fezes AFET CT-em

re-pĩrũ
 tu-pisar
 “Tu pisastes nas fezes do bicho”

namõ: com

- (17) *h-akehar* *maʔɛ* ~~Ø~~*kɛkar* *ɔ-hɔ* ***i-namõ***
 NCT-esposa caça 3-caçar 3-ir NCT-com
 “A esposa (dele) vai caçar a caça com (ele)”

Na próxima seção, analiso o estatuto gramatical da flexão relacional quando figura em verbos intransitivos estativos. Minha hipótese é a de que os prefixos relacionais podem codificar o traço [+/- PESSOA], quando figuram nesses contextos.

3.5 PREFIXOS RELACIONAIS NOS VERBOS INTRANSITIVOS ESTATIVOS: TRAÇO [+/-PESSOA]

A análise dos verbos estativos, oriundos de adjetivos, mostra que os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {h- ∞ i- ∞ Ø-} refletem, ao final das contas, o traço [+/-PESSOA]. Além disso, conforme veremos pelos dados arrolados abaixo, esses prefixos sinalizam quando determinado argumento na posição sintática de sujeito é um pronome de primeira ou segunda pessoa, singular e plural, ou, um D/NP com traço [NÃO-PESSOA]¹⁴. Por essas razões, assumirei, doravante, duas hipóteses, a saber:

- (I) o prefixo {r- ∞ Ø-}, por só ocorrer quando o sujeito é de primeira e segunda pessoa, singular e plural, reflete, ao final das contas, o traço [+PESSOA] que o D/NP sujeito carrega;
- (II) já o prefixo {h- ∞ i- ∞ Ø-}, por ser acionado somente quando o sujeito é de terceira pessoa, indica o traço [-PESSOA].

¹⁴ No capítulo 4 de morfologia verbal, irei discutir a noção dos pronomes pessoa e não-pessoa na língua Ka'apor.

A hipótese em (I) pode ser confirmada pelo fato de os prefixos {r- ∞ Ø-} ocorrerem na raiz de verbos estativos somente quando o seu sujeito carrega os traços [+EGO, +TU], conforme se vê pelos exemplos (18) a (20) a seguir:

(18) *ihẽ* r-urĩ
 eu eu-ter alegria
 “Eu sou alegre”
(Corrêa da Silva, 2002:344)

(19) *nɛ* r-e ʔõ
 tu tu-ter cansaço
 “Tu tens cansaço”
(Silva, 2001:51)

(20) *ihẽ* *kɛ* Ø-kĩʔa
 eu AFET eu-ter sujeira
 “Eu estou sujo”
(Silva, 2001:49)

Já a hipótese em (II) pode ser confirmada pelo fato de os prefixos {h- ∞ i- ∞ Ø-} sempre fazerem referência a D/NPs sujeitos contendo o traço [NÃO-PESSOA], conforme mostram os exemplos a seguir:

(21) *tamũi* h-urĩ
 velho 3-estar alegre
 “O velho ficou alegre”
(Informante: P.K.)

(22) *Ana* *kɛ* h-e ʔõ
 Ana AFET 3-ter cansaço
 “Ana está cansada”
(Silva, 2001:6)

- (23) *ka ʔa* *kɛ* *ĩ-akĩm*
 mato AFET 3- ter umidade
 “O mato está úmido”

(Silva, 2001:23)

- (24) *a ʔɛ* *kɛ* *ĩ-kĩ ʔa*
 ele AFET 3-ter sujeira
 “Ele está sujo”

(Silva, 2001:6)

Notem que a hipótese (II) é particularmente confirmada pelo fato de, nos exemplos acima, a raiz verbal não poder vir com o prefixo de contigüidade {r- ∞ Ø-}. Assim, se o prefixo {r- ∞ Ø-} ocorrer na raiz verbal dos verbos *-urĩ* “ter alegria” e *kĩ ʔa* “ter sujeira”, a sentença (21) e (24), repetidas abaixo como

(25) e (26), seriam agramaticais:

- (25) **tamũĩ* *r-urĩ*
 velho eu-alegria
 “O velho tem alegria”

- (26) **tamũĩ* *Ø-kĩ ʔa*
 velho eu-ter sujeira
 “O velho tem sujeira”

As orações em (25) e (26) seriam gramaticais, somente se acrescentássemos o sufixo nominalizador {-ha} aos verbos *-urĩ* “ter alegria” e

kɛʔa “ter sujeira”, conforme se vê pelos exemplos em (27) e (28). Notem que a relação agora é de posse.

(27) *tamũi* *r-urɛ-ha*
 velho CT-alegria
 “A alegria do velho”

(28) *tamũi* *∅-kɛʔa-ha*
 velho CT-ter sujeira-NOMI
 “A sujeira do velho”

3.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Nesse capítulo, analisei os prefixos relacionais {r- ∞ ∅-} e {i- ∞ h- ∞ ∅-} na língua Ka’apor. Destaquei que esses prefixos têm três funções, a saber: (i) classificam os nomes concretos em possuídos e não-possuídos. Os nomes possuídos vêm com os prefixos {r- ∞ ∅-} e {i- ∞ h- ∞ ∅-} e os nomes não-possuídos não ocorrem com esses prefixos; (ii) estabelecem a relação de contigüidade e não-contigüidade nos sintagmas de posse e posposicionais; e por fim, (iii) codificam o traço [+/-PESSOA] quando o predicado possui um verbo intransitivo estativo. O prefixo {r- ∞ ∅-} faz referência a um D/NP sujeito [+PESSOA] e o prefixo {i- ∞ h- ∞ ∅-} a um D/NP sujeito [-PESSOA].

No próximo capítulo, apresento uma descrição da estrutura morfológica dos verbos em Ka'apor. O objetivo é averiguar o estatuto gramatical dos prefixos verbais e o sufixo de negação {-ʔim}.

CAPÍTULO 4

MORFOLOGIA VERBAL

Neste capítulo, tenho por objetivo fazer uma análise da estrutura morfológica dos verbos em Ka'apor. Os prefixos verbais são de dois tipos, a saber: (i) os prefixos pessoais que apontam para a relação de concordância entre o sujeito e o verbo: {*a-* “eu”; *re ~ ere ~e-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós”, *o-/u-* ~ \emptyset “ele,ela(s), o pessoal”}; e (ii) os prefixos responsáveis por alterarem a valência dos verbos, a saber: o causativo {*mu-*} e o reflexivo {*ju-*}. E posso afirmar até o momento que o item de negação {- $\eta\dot{\imath}m$ } constitui-se num sufixo verbal.

Com o propósito de analisar cada um dos prefixos e do sufixo verbal, organizo este capítulo com a seguinte seqüência: na seção 4.1, justifico a distinção entre os pronomes de pessoa (*ihẽ-* “eu”; *nɛ-* “tu”; *janɛ-* “nós”; *pehẽ-* “vós”) e não-pessoa (*aPɛ (ta)* - “ele(s)/ela(s)”, *ɲã* - “o pessoal”) adotando a proposta de Benveniste (1991). E a seguir, apresento os prefixos pessoais que são divididos em prefixos de pessoa {*a-* “eu”; *re ~ ere ~e-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós”} e em prefixo de não-pessoa { *o- ∞ u- ∞ ∅-* “ele,ela(s), o pessoal”}; na seção 4.2, focalizo o morfema causativo {*mu-*} que é acionado na língua para aumentar a valência dos predicados verbais derivados de verbos intransitivos (estativos, ativos e inativos) e transitivos; na seção 4.3, investigo a função do morfema

reflexivo {ju-} que atua na diminuição da valência dos verbos transitivos e dos verbos causativizados; na seção 4.4, analiso o item verbal de negação {-ʔim}, procurando argumentos que comprovam que esse item é um sufixo em Ka'apor; e por fim, na seção 4.5, resalto os principais pontos deste capítulo.

4.1 PROPRIEDADES GRAMATICAIS DOS PRONOMES PESSOAIS E DOS PREFIXOS DE CONCORDÂNCIA

Nesta seção, investigo as propriedades dos prefixos pessoais de concordância que figuram nos verbos transitivos e intransitivos não-estativos. Para tanto, retomo, na próxima subseção, a distinção entre os pronomes de pessoa e de não-pessoa, acompanhando o essencial da proposta elaborada por Benveniste (1991).

4.1.1 DISTINÇÃO ENTRE OS PRONOMES DE PESSOA E DE NÃO-PESSOA

Consoante Benveniste (1991), nas línguas naturais, os pronomes de primeira, de segunda e de terceira pessoa dividem-se em dois grupos, a saber: (i) os pronomes de pessoa que contêm a primeira e segunda pessoa; e (ii) o pronome de não-pessoa formado pela terceira pessoa.

Os pronomes de pessoa caracterizam-se por pertencerem à interlocução “eu” e “tu”, isto é, à pessoa que fala e à pessoa a quem se fala. Também se pode

observar que essa interlocução é sempre dêitica¹⁵ no sentido de que ela aponta para os interlocutores no discurso. Já o pronome de não-pessoa não pertence à relação enunciativa “eu-tu”. Geralmente, esse pronome indica um referente localizado no texto, sendo assim, sua função é anafórica.

Na língua Ka’apor, considerando a proposta de Benveniste (1991), proporei classificar os pronomes de primeira e de segunda pessoa com o traço [+PESSOA] e de terceira pessoa com o traço [-PESSOA], a este último referir-me-ei, doravante, como pronome de não-pessoa. No quadro abaixo, temos a divisão dos pronomes nessas duas classes:

| PRONOMES | |
|--------------------|------------------------------|
| PRONOMES DE PESSOA | PRONOMES DE NÃO-PESSOA |
| ihē “eu” | aʔε “ele/ela” |
| nε “tu” | aʔε ta “eles/elas” |
| janε “nós” | ɲã “o pessoal” ¹⁶ |
| pehē “vós” | |

Quadro 7: Pronomes pessoais

¹⁵ Cabe aqui destacar as noções de referências dêiticas e anafóricas. Estarei utilizando esses termos na perspectiva textual onde a dêixis caracteriza-se pelo fato de que seu referente só pode ser determinado em relação à situação dos interlocutores no momento em que falam. E a anáfora é uma expressão cuja interpretação referencial depende de uma outra expressão mencionada no texto (Charaudeau & Maingueneau, 2004).

¹⁶ A diferença entre os pronomes *aʔε ta* “eles/elas” e *ɲã* “o pessoal” é estabelecida a partir dos critérios de visibilidade e distância propostos por Rodrigues (1981) para o Tupinambá. A partir desses critérios, posso afirmar que o pronome *aʔε ta* é [+VISÍVEL; + DISTANTE]. O significado desse pronome seria “esses de quem eu falo no discurso”. Já o pronome *ɲã* é classificado com os critérios [- VISÍVEL; + DISTANTE]. Uma interpretação semântica possível seria “aquele pessoal”.

Observando os pronomes de não-pessoa *aʔɛ*, *aʔɛ ta*, *ɲã*, destacamos quatro contextos gramaticais que corroboram para agruparmos esses pronomes em um paradigma separado dos pronomes de pessoa. Esses contextos são os seguintes:

- (i) o uso anafórico do pronome *aʔɛ/aʔɛ ta/ɲã* distingue-se do uso dêitico dos pronomes de primeira e segunda pessoa.

Nas orações abaixo, notem que o uso anafórico dos pronomes *aʔɛ/aʔɛ ta/ɲã* sempre faz remissão a D/NPs mencionados anteriormente no texto. Em (1b), o pronome *aʔɛ* “ele” faz remissão anafórica ao D/NP *Araúju* em (1a). Na oração (2c), o pronome *ɲã* “eles” remete ao pronome *aʔɛ* “ele = o velho” em (2a), e ao D/NP *hakehar* “esposa do velho” em (2b):

(1a) *ɛman Araúju_(i) h-ur ɛ katu Ø-r-ur*
há muito Araújo 3-ser alegre INTEN 3-CAUS-COMI-VIR
“Há muito tempo atrás, Araújo fez vir muita alegria”

(1b) *mutu Ø-pɛ aʔɛ_(i) u-h ɛk u-w ɛr*
motor CT-com ele 3-chegar 3-vir
“E ele chegou com o motor”

(Kakumasu, 1990:183)

(2a) *m ɛra-ʔar Ø-pɛ jakamĩ aʔɛ_(i) Ø-map ɛk*
Árvore-alto CT-em jakamĩ ele 3-colocar
“Ele (o velho) colocou o jakamĩ em cima de um pedaço de árvore”

(2b) *jakamĩ kε h-akehar_(i) Ø-mu-pupur*
jakamĩ AFET NCT-esposa 3-CAUS-fever
 “A esposa (do velho) cozinhou o *jakamĩ*”

(2c) *Ø-hem ĩk ŋĩ_(i) Ø-pε*
3-ser gostoso o pessoal CT-para
 “(Os cozidos) foram gostosos para o pessoal” [= o velho e sua esposa]
 (Informante: R. K.)

(ii) o pronome de não-pessoa *aʔε* pode vir acompanhado da posposição -
εhε (por), sendo utilizado como um conector junto com a posposição,
 como se vê nas orações em (3b) e (4b):

(3a) *ame ʔē kūjã-tãi Ø-putar riki*
aquela mulher-DIMI 3-querer FOC

(3b) *a ʔε r-εhε riki Ø-namō*
isso CT-por FOC 3-morrer
 “Foi aquela moça que quis, foi por isso que (ela) morreu”
 (Kakumasu, 1990:69)

(4a) *ame ʔē tεʔε ma ʔε kε upa u-ʔu*
aquele mesmo coisa AFET tudo 3-comer
h-akehar Ø-ŋi
NCT-esposa CT-de

(4b) *a ʔε r-εhε h-akehar kε Ø-ʃirik ɔ-hɔ*
isso CT-por NCT-esposa AFET 3-secar 3-ir
 “Aquele mesmo [= a cabeça do marido] comeu tudo da sua esposa. Por
 isso, ele foi secando.”
 (Kakumasu, 1990:43)

- (iii) o pronome de não-pessoa *aʔɛ* pode receber o sufixo de caso locativo {-p}. Esse sufixo permite que o pronome *aʔɛ* se torne um item dêitico. As orações de (5) a (7) mostram o sufixo locativo no pronome de não-pessoa:

(5) *pɛ* ***aʔɛ-p*** *aʔɛ* *u-hɛk* *u-wɛr*
 e ele-LOC ele 3-chegar 3-ir
 “Ali ele chegou”
 (Kakumasu, 1990:46)

(6) ***aʔɛ-p*** *sawaʔɛ* *u-k^wer* *ɔ-hɔ* *u-ĩ*
 ele-LOC homem 3-dormir 3-ir 3-estar sentado
 “O homem estava indo dormir sentado lá”
 (Kakumasu, 1990:161)

(7) *peteĩ* ***aʔɛ-p*** *u-k^wer* *ĩ*
 um ele-LOC 3-dormir REP
 “Ela dormiu uma noite lá novamente”
 (Kakumasu, 1990:121)

- (iv) o pronome de não-pessoa pode vir seguido do clítico quantificador [.ta] assim como os pronomes demonstrativos *ameʔẽ* (aquele) *amõ* (outro). Nas orações abaixo, vê-se a partícula [.ta] enclítica aos pronomes *aʔɛ*, *ameʔẽ*, *amõ*:

PRONOME *aʔɛ*

(8) *pɛ* ***aʔɛ*** ***ta*** *Ø-pija* *ɔ-hɔ* *kaʔa* *Ø-pɛ*
 e ele q 3-entrar 3-ir mata CT-na
 “E eles [= o homem e seu irmão] entraram [indo] dentro da mata”
 (informante: P. Ka’apor)

PRONOME *ame ʔē*

- (9) *kujā ame ʔē ta Ø-heta-ha tĩ*
assim aquele Q 3-ser muito-NOMI REP
“Assim, aqueles (= os filhos do pica-pau) eram multidões também”
(Kakumasu, 1990:75)

PRONOME *amõ*

- (10) *amõ ta jape ʔa Ø-mat ĩr tĩ*
outro Q lenha 3-juntar REP
“Os outros (macacos) juntaram a lenha”
(Kakumasu, 1990:13)

Em suma, tomando por base o uso anafórico dos pronomes *a ʔε/a ʔε ta/ʔã* e da possibilidade desses pronomes virem acompanhados da posposição *-εhε* (por), do sufixo de caso locativo {-p} e do clítico quantificador [.ta], proporei que há duas subclasses de pronomes: os pronomes com o traço [+PESSOA] e os pronomes com o traço [-PESSOA]. Deve-se observar que os pronomes que carregam o traço [+PESSOA, +EGO, +TU], como *ihē* “eu”, *nε* “tu”, *janε* “nós” e *pehē* “vós”, não poderão figurar nos quatros contextos arrolados acima. Já os pronomes com o traço [-PESSOA] *a ʔε/a ʔε ta/ʔã* por serem anafóricos podem ser classificados com os pronomes demonstrativos *amõ (ta)* “outro(s)”, *ame ʔē ta* “aquele(s)”.

Na próxima seção, analiso o estatuto dos prefixos pessoais que emergem como fruto da concordância que se dá entre o sujeito e os verbos (transitivos e intransitivos não-estativos) na língua Ka'apor.

4.1.2 ESTATUTO DOS PREFIXOS PESSOAIS

Na língua Ka'apor, o verbo aciona concordância com o sujeito de verbos transitivos e intransitivos por meio dos prefixos de pessoa {*a-* “eu”; *re ~ ere ~ e-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós”} e de não-pessoa {*o-* ~ *u-* ∞ *∅-* “ele(s),ela(s), o pessoal”}. O quadro a seguir apresenta os prefixos verbais de concordância juntamente com os seus respectivos pronomes de pessoa:

| PESSOA | SINGULAR | | PLURAL | | MODO IMPERATIVO | |
|--------|----------|------------|------------|----------|-----------------|--------|
| | PRONOMES | PREFIXOS | PRONOMES | PREFIXOS | PREFIXOS | |
| 1 | ihẽ- eu | a- | janε - nós | ja- | SINGULAR | PLURAL |
| 2 | nε - tu | ere- ~ re- | pehẽ - vós | pe- | e- | pe- |

Quadro 8: Pronomes de pessoa e prefixos pessoais

A ocorrência dos prefixos de concordância nos verbos transitivos e intransitivos pode ser mais bem visualizada pelos paradigmas de conjugação verbal arrolados nos exemplos de (11) a (14):

PARADIGMA VERBAL DOS PREFIXOS PESSOAIS

TRANSITIVO

- (11) ihē **a-**pirɔk “eu descasco (algo)”
nε **ere/re-**pirɔk “tu descascas (algo)”
janε **ja-**pirɔk “nós descascamos (algo)”
pehē **pe-**pirɔk “vós descascais (algo)”

INTRANSITIVO ATIVO

- (12) ihē **a-**pɔr “eu pulo”
nε **ere/re-**pɔr “tu pulas”
janε **ja-**pɔr “nós pulamos”
pehē **pe-**pɔr “vós pulais”

INTRANSITIVO INATIVO

- (13) ihē kε **a-**ʔar “eu caio”
nε kε **ere/re-**ʔar “tu caís”
janε kε **ja-**ʔar “nós caímos”
pehē kε **pe-**ʔar “vós caíeis”

MODO IMPERATIVO

- (14) **e-**sak “olhe”
 pe-sak “olhes”

Já o quadro abaixo apresenta o prefixo pessoal que emerge quando o sujeito é realizado por meio dos pronomes de não-pessoa:

| PRONOME DE NÃO-PESSOA | | |
|-----------------------|-------------------|--|
| PRONOMES | PREFIXOS | |
| | SINGULAR / PLURAL | |
| aʔε | “ele/ela” | o- ~ u- “ele(s)/ela(s), o pessoal” raízes verbais monossilábicas |
| aʔε ta | “eles/elas” | ∅- “ele(s)/ela(s), o pessoal” – raízes verbais com mais de uma sílaba. |
| ŋã | “o pessoal” | |

Quadro 9: Pronome de não-pessoa e prefixos pessoais

No paradigma verbal em (15) e (16), a seguir, há realização do prefixo de concordância dos pronomes de não-pessoa com suas variações morfofonológicas. O prefixo {u-} segue a raiz verbal monossilábica -ʔar “cair”; o prefixo {o-} realiza-se foneticamente como uma vogal aberta médio-baixa {ɔ-}, devido à assimilação da abertura vocálica da vogal tônica da raiz verbal monossilábica – pɔr “pular”; e o prefixo {∅-} acompanha a raiz verbal dissilábica -pirɔk “descascar”:

PARADIGMA VERBAL DOS PREFIXOS DO PRONOME DE NÃO-PESSOA

- (15) aʔε kε u-ʔar “ele/ela cai”
aʔε u-ʃε “ele/ela entra”
aʔε ɔ-pɔr “ele/ela pula”
aʔε ɔ-hɔ “ele/ela foi”
aʔε Ø- pirɔk “ele/ela descasca (algo)”
aʔε Ø-puʔam “ele/ela levanta”
- (16) aʔε ta/ŋã kε u-ʔar “eles/elas caem/ o pessoal cai”
aʔε ta/ŋã ɔ-pɔr “eles/elas pulam/ o pessoal pula”
aʔε ta/ŋã Ø- pirɔk “eles/elas descascam (algo)/
o pessoal descasca (algo)”

Com base na descrição feita entre os prefixos de pessoa e de não-pessoa, na próxima seção, analiso a função que esses prefixos desempenham na codificação dos traços [+PESSOA]/[-PESSOA], por um lado, e número [SINGULAR]/[PLURAL], por outro.

4.1.3 TRAÇOS DE NÚMERO E DE PESSOA NOS PREFIXOS DE CONCORDÂNCIA

Com relação à realização do traço de número [SINGULAR] e [PLURAL], cabe destacar uma importante diferença entre os prefixos verbais. Em geral, o que se observa é que o prefixo de não-pessoa {o- ~ u- ∞ Ø- “ele(s),ela(s), o pessoal”} codifica apenas o traço [-PESSOA], uma vez que o traço de número é recuperado contextualmente. Por exemplo, observem que as orações em (17b), (18b) e (19b)

possuem sujeito nulo. A identificação da noção de número não é codificada pelo prefixo de não-pessoa {*o-* ~ *u-* ∞ ∅ “ele(s),ela(s), o pessoal”}, mas, ao contrário, sua identificação depende muito mais do contexto pragmático em que as orações estão inseridas do que da morfologia de concordância. Para confirmar isso, notem os exemplos a seguir:

PRONOME E PREFIXO VERBAL DO PRONOME DE NÃO-PESSOA NO SINGULAR E PLURAL

(17a) *sawa* $\mathcal{P}\mathcal{E}_{(i)}$ *u-h ík* *tat* \mathcal{E} *rahã*
 homem 3-chegar quase quando

(17b) $\emptyset_{(i)}$ -*ma* $\mathcal{P}\tilde{a}$
 3-olhar
 “Quando o homem quase chegou, (ele) olhou”

(Kakumasu, 1990:5)

(18a) *a* $\mathcal{P}\mathcal{E}$ -*p* *Tupã* $_{(i)}$ *u-hĩ*
 ISSO-LOC Tupã 3-estar
 “Ali estava Tupã”

(18b) *u* $_{(i)}$ -*esak-* $\mathcal{P}\tilde{a}$ *m* \emptyset -*eh* \mathcal{E} *rĩ*
 eu-olhar-NEG NCT-em IMPERF
 “(Tupã) ainda não viu o (menino)”

(Kakumasu, 1991:38)

(19a) *a* $\mathcal{P}\tilde{a}$ *ta* $_{(i)}$ *riki* \emptyset -*panu*
 Velha Q FOC 3-falar

(19b) *p* \mathcal{E} *juk* \tilde{a} *r* *upa* $\emptyset_{(i)}$ -*puk* \mathcal{E} *k*
 e sal Q 3-embrulhar

““Foram as velhas que falaram e as velhas embrulharam todo o sal”

(Kakumasu, 1991:204)

Observem que os contextos de (17a) a (19b) mostram claramente que o Ka'apor e, possivelmente, outras línguas da família lingüística Tupí-Guaraní, diferem substancialmente de línguas de concordância forte como as línguas românicas, visto que nestas línguas o traço de número e o traço [-PESSOA] realizam-se sincreticamente na terceira pessoa do singular e plural como no dialeto padrão do português brasileiro:

cant-a-∅
cantar-VT-3.SG
“Ele canta”

cant-a-mos
cantar-VT-3.PL
“Eles cantam”

Já em relação aos prefixos de pessoa {*a-* “eu”; *re ~ ere ~ e-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós”}, posso afirmar que há sim um sincretismo nesses prefixos, visto que eles carregam tanto o traço de pessoa quanto o traço de número. Nesse ponto, o Ka'apor se assemelha muito às línguas românicas, visto que estas últimas também apresentam sincretismo entre morfologia de pessoa e morfologia de número. Sabemos, por exemplo, que, em Português, o sufixo {-o} remete-nos a uma primeira pessoa e ao número singular, quando o verbo está flexionado no indicativo do presente. Em Ka'apor, dá-se o mesmo, visto que os prefixos com o traço [+PESSOA] realizam sincreticamente os traços de [PESSOA] e [NÚMERO], conforme mostram os exemplos a seguir:

PRONOME E PREFIXO VERBAL DA PRIMEIRA PESSOA NO SINGULAR E PLURAL

| | | | | | |
|-------|-----------------------|----------------|-----------|-----------|-----------|
| (20a) | <i>ihē</i> | <i>a-juhɛk</i> | <i>ta</i> | <i>nɛ</i> | <i>kɛ</i> |
| | eu | eu-alisar | IMPERF | tu | AFET |
| | “Eu vou alisar vocês” | | | | |
| | (Caldas, 2001:31) | | | | |

| | | | | | | |
|-------|------------------------------|---------------|-----------|-----------|---------------------------|-----------|
| (20b) | <i>janɛ</i> | <i>ja-ker</i> | <i>ta</i> | <i>tɛ</i> | <i>ja-ʃɔ</i> | <i>tĩ</i> |
| | nós | nós-dormir | IMPERF | VER | nós-estar em movimento | REP |
| | “Nós estamos quase dormindo” | | | | | |
| | (Silva, 2001:13) | | | | | |

Semelhantemente ao que ocorre nas orações (20), observa-se que, nas orações (21a) e (21b), os prefixos {*ere-*} do verbo *juk* ^{wa} “matar” e {*pe-*} do verbo *ma ʔã* “olhar” apontam para os pronomes *nɛ* “tu” e *pehē* “vós”, respectivamente:

PRONOME E PREFIXO VERBAL DA SEGUNDA PESSOA NO SINGULAR E PLURAL

| | | | | | | | |
|-------|----------------------------------|-----------|-----------------|-----------|------------------------------|-------------|------------|
| (21a) | <i>Mɛja</i> | <i>nɛ</i> | <i>tapi ʔir</i> | <i>nɛ</i> | <i>ere-juk</i> ^{wa} | <i>katu</i> | <i>mɛ?</i> |
| | como | tu | anta | tu | tu-matar | INTEN | INTERR. |
| | “Como é que você mata uma anta?” | | | | | | |
| | (Kakumasu, 1990:186) | | | | | | |

| | | | | | |
|-------|--------------------------|-------------|--------------|-----------------|-----------|
| (21b) | <i>pehē</i> | <i>kujã</i> | <i>r-ɛhɛ</i> | <i>pe-ma ʔã</i> | <i>ʔɛ</i> |
| | vós | mulher | CT-para | vós-olhar | PERF |
| | “Vocês olharam a mulher” | | | | |
| | (Silva, 2001:15) | | | | |

Em suma, tomando por base os contextos analisados acima, concluo que, à semelhança dos pronomes pessoais, os prefixos pessoais subdividem-se nos prefixos de pessoa {*a-* “eu”; *re ~ ere ~ e-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós”} e nos de não-pessoa {*o-* ~ *u-* ~ \emptyset “ele(s),ela(s)”}. Esses prefixos distinguem-se entre si pelo simples fato de os prefixos de pessoa carregarem os traços [+PESSOA] e o traço de número [SINGULAR; PLURAL], enquanto o prefixo de não-pessoa contém apenas o traço [-PESSOA], sendo o traço de número só recuperado pelo contexto pragmático.

Na próxima seção, analiso o estatuto do morfema causativo {*mu-*}. Este morfema, quando acionado aumenta as valências dos verbos intransitivos estativos, intransitivos não-estativos e transitivos.

4.2 PROPRIEDADES DO MORFEMA CAUSATIVO {*mu-*}

Em Ka’apor, os verbos podem, em princípio, se causativizar, alterando a sua valência por meio do acréscimo do prefixo causativo {*mu-*}. Este morfema pode prefixar-se a raízes de verbos intransitivos (estativos, inativos e de ação) e transitivos (de ação e psicológicos) quando figuram na posição de núcleo de predicado. Em síntese, o prefixo {*mu-*} provoca a mudança de valência dos predicados. Nessa mudança, o argumento em posição de sujeito passa a ocupar a posição de objeto e um novo argumento, com o papel- θ [AGENTE], é introduzido na posição de sujeito.

Na estrutura morfológica dos verbos causativizados, o prefixo {mu-} vem antes da raiz verbal e situa-se depois dos prefixos pessoais. Assim, temos a seguinte ordem interna dos prefixos verbais {CONCORDÂNCIA+CAUSATIVO+VERBO}.

Nota-se ainda que o prefixo {mu-} apresenta os alomorfes {m- ∞ mo ∞ ma}, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

- (22) *nɛ ʔĩ re-m-aku*
 tu água tu-CAUS-ter quentura
 “Tu fazes esquentar a água”

(Silva, 2001:24)

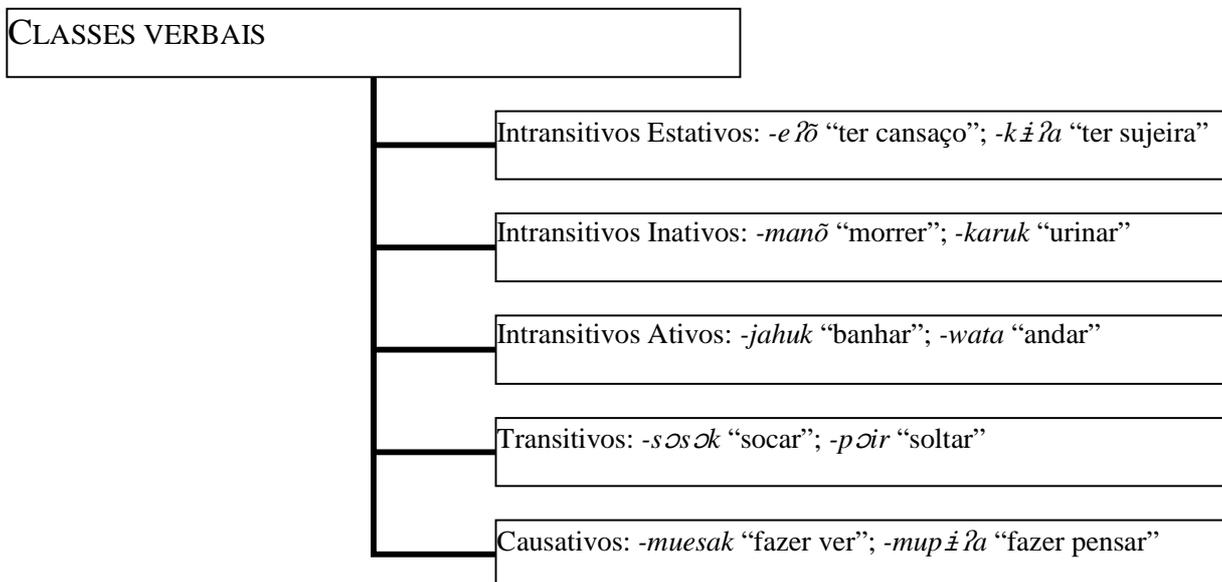
- (23) *pɛ h-akehar Ø-mo-u*
 e NCT-esposa 3-CAUS-estar deitado
 “E (ele) fez sua esposa deitar”

(Kakumasu, 1990:22)

- (24) *ihẽ a-ju-ma-kĩ rĩ*
 eu eu-REFL-CAUS-estar molhado IMPERF
 “Eu me molhei”

(Caldas, 2001:40)

É importante destacar que, com o mecanismo morfossintático de causativização, podemos estabelecer a existência de, pelo menos, cinco tipos de verbos na língua Ka’apor, a saber:



Aqui, cabe fazer uma observação com relação à classe dos verbos causativos. Estou considerando os verbos causativos como uma classe, pois esses verbos apresentam duas projeções sintáticas, a saber: (i) o vP (sintagma do verbo causativo) e (ii) o VP (sintagma do verbo lexical). A dupla projeção dos verbos causativos difere da projeção dos verbos transitivos e intransitivos, pois esses verbos possuem apenas a projeção VP. Essa proposta está baseada no trabalho de Duarte e Garcia (2006:295-296)¹⁷

¹⁷ “Vemos que o prefixo {mu-} tem como função principal mudar a valência dos predicados verbais. Uma maneira de captarmos esta alternância é assumirmos que esse prefixo seja a instanciação, no âmbito do componente morfossintático, do verbo causativo (light verb) na concha v-VP [cf. Hale e Keyser (1993a, 2000)]. Com base nessa hipótese, assumamos que o prefixo causativo {mu-} seja juntado como núcleo de vP, podendo, em princípio, c-selecionar tanto VPs transitivos quanto VPs intransitivos.

A seguir, arrolo os exemplos das classes verbais em Ka'apor:

INTRANSITIVO ESTATIVO

- (25) *kaka* *kε* *h-ēʔē* *katu*
 cacau AFET 3-ser doce INTEN
 “O cacau está muito doce”

(Informante: G.K.)

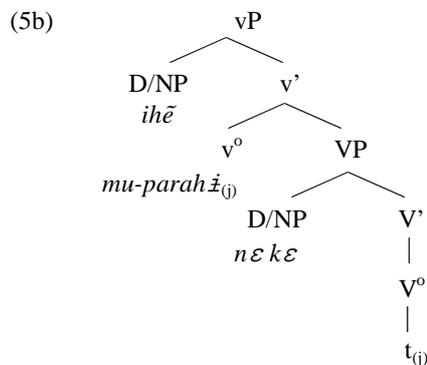
- (26) *ihē* *Ø-pirer* *kε* *i-juhar*
 eu CT-pele AFET 3-ter coceira
 “Minha pele tem coceira”

(Silva, 2001:49)

Assim sendo, na sentença (5a) abaixo, o prefixo causativo {mu-} c-seleciona um VP monádico (intransitivo ativo), o qual exibe, na posição de SPEC-VP, o D/NP [*nε kε*]. Suponhamos ainda que sua natureza afixal torna obrigatória a incorporação do verbo ativo, resultando o verbo [-mu-parah_ġ] “fazer ficar zangado”. A incorporação do verbo pode ser visualizada pela configuração sintática em (5b):

- (5a) *ihē* *nε* *kε* *a-mu-parah_ġ*
 eu tu AFET eu-CAUS-zangar
 “Eu te fiz ficar zangado”

(Silva, 2001:24)



INTRANSITIVO INATIVO

(27) *ihē* *r-eha* *kε* *Ø-puŋa* *hũ*
eu CT-olho AFET 3-inchar INTEN
“Meu olho inchou muito”

(Caldas, 2001:8)

(28) *a-pak* *ta* *katu* *ihē* *kε*
eu-acordar IMPERF INTEN eu AFET
“Eu tenho necessidade de acordar”

(Silva, 2001:46)

INTRANSITIVO ATIVO

(29) *janε* *ja-jeŋar* *ja-ĩ*
nós nós-cantar nós-estar sentado
“Nós cantamos sentados”

(Silva, 2001:20)

(30) *a?ε* *Ø-purahaj* *ta* *tĩ*
ele 3-dançar IMPERF REP
“Ele dançará”

(Silva, 2001:19)

TRANSITIVO

(31) *tamũi* *wasakã* *kε* *Ø-mũjã* *ta*
velho paneiro AFET 3-fazer IMPERF
“O velho fará o paneiro”

(Informante: O.K.)

(32) *pakɔ* *kε* *upa* *a?ε* *ta* *Ø-jĩtĩm*
banana AFET tudo ele q 3-plantar
“Eles plantaram toda a banana”

(Informante: P.K.)

CAUSATIVO

- (33) *jakamĩ* *kε* *h-akehar* *∅-mu-pupur*
jakamĩ AFET NCT-esposa 3-CAUS-fever
“A esposa dele [=do velho] fez cozinhar o jakamĩ”

(Informante: R.K.)

- (34) *makaser* *kε* *aʔε* *∅-mu-hĩk*
macaxeira AFET ela 3-CAUS-chegar
“Ela fez chegar a macaxeira”

(Informante: W.K.)

Nas próximas subseções, detalho os vários tipos de causativização por meio dos quais as classes dos verbos intransitivos e transitivos podem passar . Começamos, então, com a causativização dos verbos estativos.

4.2.1 CAUSATIVIZAÇÃO DE INTRANSITIVOS ESTATIVOS

Os verbos intransitivos estativos são caracterizados por selecionarem um D/NP sujeito com papel-θ [AFETADO] que é realizado por meio do clítico [.kε] e por receberem os prefixos relacionais {r- ∞ ∅-} e {i- ∞ h- ∞ ∅-}, conforme se observa nas orações abaixo:

- (35a) *ihẽ* *∅-ʔa* *kε* *i-akĩm* *ĩ*
meu CT-cabelo AFET 3-ter umidade REP
“O meu cabelo está molhado”

(Silva, 2001:23)

(36a) *ihẽ* *Øjuru* *kε* *upa* *Øtaj*
 eu CT-boca AFET tudo 3-ter ardor
 “Toda minha boca tem dor”

(Silva, 2001:50)

Contudo, quando os verbos estativos acima vêm acompanhados do prefixo causativo {mu-}, esses verbos passam a transitivos. Essa mudança também afeta a escolha dos prefixos, de sorte que o verbo estativo transitivizado toma os prefixos pessoais de concordância sujeito-verbo, e não mais os prefixos relacionais. Além dessa alteração, os D/NPs, que ocupam a posição sintática de sujeito do verbo estativo, passam à posição de objeto, conforme se vê pela alteração de valência nos exemplos em (b) a seguir:

(35b) *aʔε* *ihẽ* *Øʔa* *kε* *Ø-mu-akĩm* *tĩ*
 ele meu CT-cabelo AFET 3-CAUS-ter umidade REP
 “Ele fez o meu cabelo ficar molhado”

(Silva, 2001:23)

(36b) *ihẽ* *Øjuru* *kε* *upa* *aʔε* *Ø-mu-taj*
 eu CT-boca AFET tudo ele 3-CAUS-ter ardor
 “Eu faço o café ficar quente”

(Silva, 2001:50)

4.2.2 CAUSATIVIZAÇÃO DE INTRANSITIVOS INATIVOS

Os verbos intransitivos inativos se caracterizam por selecionarem um D/NP sujeito com papel-θ [AFETADO] que se realiza por meio do clítico [*.kε*] e por ocorrerem com os prefixos de concordância {*a-* “eu”; *re ~ ere ~e-* “tu”;

ja- “nós”, *pe-* “vós”, *o-/u-* ~ *Ø* “ele,ela(s), o pessoal”}, conforme mostram as orações abaixo:

(37a) *ihẽ* *Øjɛʔɛ-ha* *kɛ* *upa* *Ø-kajim* *ɔ-hɔ*
 eu CT-falar-NOMI AFET Q 3-perder-se 3-ir
 “Minha fala toda vai fugindo”
 (Silva, 2001:18)

(38a) *aʔɛ ta* *Ø-jiʃiʔu*
 ele Q 3-chorar
 “Eles choram”
 (Silva, 2001:20)

O que se observa é que, quando ocorre a causativização dos verbos intransitivos *kajim* “perder-se” e *jiʃiʔu* “chorar”, os sujeitos realizados pelo D/NP *ihẽ jɛʔɛ-ha upa* “toda a minha fala” e pelo D/NP *aʔɛ ta* “eles” passam a ocupar a posição de objeto do verbo causativizado, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(37b) *ihẽ* *Øjɛʔɛ-ha* *kɛ* *upa* *a-mu-kajim* *a-hɔ*
 minha CT-falar-NOMI AFET Q eu-CAUS-perder-se eu-ir
 “(Eu) faço a minha fala toda fugir”
 (Silva, 2001:18)

(38b) *ihẽ* *aʔɛ ta* *a-mu-jiʃiʔu*
 eu ele Q eu-CAUS-chorar
 “Eu o fiz chorar”
 (Silva, 2001:20)

Outro fato que chama atenção é que a causativização dos verbos intransitivos sempre se dá acompanhada da inserção de um argumento com papel- θ [AGENTE]. Ademais, esse argumento ocupará a posição de sujeito, controlará a concordância e, necessariamente, apanhará as propriedades semânticas [-AFETADO; +DESENCADEADOR; +CONTROLE]. Por conseguinte, a previsão é a de que ele não poderá co-ocorrer com o clítico [**.kɛ**], visto que esse clítico sinaliza para o componente semântico a propriedade [+AFETADO].

4.2.3 CAUSATIVIZAÇÃO DE INTRANSITIVOS ATIVOS

Os verbos intransitivos ativos são caracterizados por selecionarem um D/NP com papel- θ [AGENTE] e por ocorrerem com os prefixos de concordância {*a-* “eu”; *re ~ ere ~e-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós”, *o-/u-* ~ \emptyset “ele,ela(s), o pessoal”}, como se vê nas orações abaixo:

(39a) **nɛ** *re-wa:wak* *mi?*
 tu tu-rodar INTERR
 “Tu rodastes?”

(Silva, 2001:19)

(40a) **janɛ** *ja-jeŋar* *ja-in*
 nós nós-cantar nós-estar
 “Nós estamos cantando”

(Silva, 2001:19)

Nas alternâncias causativas com os verbos intransitivos ativos, os D/NPs sujeitos passam para D/NPs objetos recebendo o papel- θ [AFETADO], o qual é indicado morfossintaticamente pelo clítico [.kɛ], conforme mostram os dados abaixo:

(39b) *ihē* *aʔɛ* *kɛ* *a-mu-wa:wak*
 eu ele AFET eu-CAUS-rodar
 “Eu o fiz rodar”
 (Silva, 2001:19)

(40b) *ihē* *aʔɛ ta* *kɛ* *a-mu-jeŋar*
 eu ele Q AFET eu-CAUS-cantar
 “Eu faço eles cantarem”
 (Silva, 2001:20)

4.2.4 CAUSATIVIZAÇÃO DE TRANSITIVOS

Os verbos transitivos são caracterizados por selecionarem dois D/NPs, sendo um D/NP sujeito marcado com papel- θ [AGENTE] e o outro D/NP objeto marcado com papel- θ [AFETADO] que se manifesta por meio do item clítico [.kɛ].

Na oração abaixo, se vê o D/NP sujeito *Arakakāi* e o D/NP objeto *uʔi* “flecha” como argumentos do verbo *pɛtar* “querer”:

(41a) *Arakakāi* *uʔi* *kɛ* *Ø-pɛtar*
 Arakakāi flecha AFET 3-querer
 “Arakakāi queria a flecha”

O processo de causativização de verbos transitivos distingue-se da causativização dos verbos intransitivos, visto que o D/NP sujeito passa para a posição de objeto indireto. Ademais, o D/NP objeto direto não altera a sua função sintática no predicado transitivo causativizado.

Considerando a causativização do verbo transitivo *p̣ɛ̃tar* “querer”, o D/NP sujeito *Arakakãi* em (41a) é promovido a oblíquo, fato que pode ser percebido pela inserção da posposição *ɲi* e um novo D/NP sujeito *i-mũ ta* “irmãos de Arakakãi” com papel- θ [AGENTE] é introduzido na sentença:

- (41b) *i-mũ ta uʔɛ̃ kɛ Ø-mu-p̣ɛ̃tar i-ɲi*
 NCT-irmão Q flecha AFET 3-CAUS-querer NCT-de
 “Os irmãos (de Arakakãi) queriam a flecha de (Arakakãi)”
 (Informantes do curso de 2008)

4.3 MORFEMA REFLEXIVO {JU-}

Em Ka’apor, a diminuição de valência pode ser realizada pelo prefixo reflexivo {ju-}. Este prefixo pode ocorrer em verbos transitivos e em verbos intransitivos causativizados. O prefixo {ju-} vem entre os prefixos de concordância e o prefixo causativo. Dessa forma, temos a seguinte organização morfológica no verbo: {CONCORDÂNCIA + REFLEXIVO + CAUSATIVO + VERBO}.

Nas orações abaixo, exemplificamos os contextos de ocorrência do prefixo {ju-} nos verbos transitivos e nos verbos intransitivos:

VERBOS TRANSITIVOS CAUSATIVIZADOS

(42a) *ihẽ* *ihẽ* *Ø-nami* *a-kutuk* *ta*
 eu eu CT-orelha eu-furar IMPERF
 “Eu vou furar minha orelha”
 (Silva, 2001:40)

(42b) *ihẽ* *a-ju-kutuk* *ʔĩ*
 eu eu-REFL-furar PERF
 “Eu me furei”
 (Silva, 2001: 30)

VERBOS INTRANSITIVOS CAUSATIVIZADOS

(43) *ihẽ* *a-ju-mu-p ǐ ʔai- ʔĩm*
 eu eu-REFL-CAUS-ter tristeza-NEG
 “Eu não me entristeço”
 (Silva, 2001:32)

(44) *ʔã* *Ø-ju-mu-katu* *ta*
 o pessoal 3-REFL-CAUS-ser bom IMPERF
 “O pessoal irá se fazer de bonm”
 (Kakumasu, 1986:344)

Na próxima seção, analiso o item de negação {-ʔĩm}. Arrolo quatro evidências que contribuem para classificá-lo como um sufixo do verbo lexical e não como uma partícula.

(46a) *Ø-jirar-ʔim* *ɔ-hɔ* *ʔi*
 3-desamarrar-NEG 3-ir PERF
 “(Ele) não foi desamarrar”

(Kakumasu, 1990:97)

(46b) **Ø-jirar* *ɔ-hɔ-ʔim* *ʔi*
 3-desamarrar 3-ir-NEG PERF
 “(Ele) não foi desamarrar”

(ii) O sufixo {-ʔim-} sempre estará adjacente ao verbo lexical. Por essa razão, se o verbo se mover para outras posições no interior da sentença, ele leva junto o afixo de negação. Caso o afixo fique retido na posição de base, o resultado será uma sentença agramatical, conforme indicam os dados em (b) a seguir:

ORDEM VSO

(47a) *a-k^wa-ʔim* *ihẽ* *a-pɛhɛk-ih* *kɛ*
 eu-saber-NEG eu eu-pegar-NOMI AFET
 “Eu não sabia do pegador” [Lit: caçador]

(Kakumasu, 1990:12)

(47b) **a-k^wa* *ihẽ* *a-pɛhɛk-ih* *kɛ* *ʔim*
 eu-saber eu eu-pegar-NOMI AFET NEG
 “Eu não sabia do pegador” [Lit: caçador]

Ordem VS

(48a) *Ø-jupɛk-ʔim* *aʔɛ* *kɛ*
 3-cobrir-NEG ele AFET
 “Ele não cobriu”

(Kakumasu, 1990:141)

(48b) **Ø-jupɛk* *aʔɛ* *kɛ* *ʔim*
 3-cobrir ele AFET NEG
 “Ele não cobriu”

(iii) Quando ocorrer partículas aspectuais e intensificadoras nas sentenças, o sufixo {ʔɨm-} nunca pode vir após esses itens, como bem ilustram a agramaticalidade das sentenças em (b)

(49a) *awa* *Ø-manõ-ʔɨm* *hũ* *ta*
 gente 3-morrer-NEG INTEN IMPERF
 “A pessoa não morrerá mais”

(Kakumasu, 1990:27)

(49b) **awa* *Ø-manõ* *hũ* *ta-ʔɨm*
 gente 3-morrer INTEN IMPERF--NEG
 “A pessoa não morrerá mais”

(50a) *a-hɔ-ʔɨm* *ta* *ihẽ*
 eu-ir-NEG IMPERF eu
 “Eu não irei”

(Kakumasu, 1990:32)

(50b) **a-hɔ* *ta-ʔɨm* *ihẽ*
 eu-ir IMPERF-NEG eu
 “Eu não irei”

(iv) O item {-ʔɨm} é realmente um sufixo, pois está entre a raiz do verbo e o sufixo nominalizador {-ha}:

(51a) *u-ʔu-ʔɨm-ha* *Ø-sirik* *ɔ-hɔ*
 3-comer-NEG-NOMI 3-secar 3-ir
 “O não-comedor foi secando (= emagrecendo)”

(Kakumasu, 1990:43)

(51b) **u-ʔu-ha* *ʔɨm* *Ø-sirik* *ɔ-hɔ*
 3-comer-NOMI NEG 3-secar 3-ir
 “O não-comedor foi secando (= emagrecendo)”

4.5 RESUMO DO CAPÍTULO

A partir da análise feita até aqui sobre a estrutura morfológica dos verbos em Ka’apor, posso propor que os verbos são constituídos por prefixos e sufixo. Os prefixos e o sufixo têm como função: (i) fazer a concordância com o argumento em posição de sujeito de verbos transitivos e intransitivos não-estativos; e (ii) alterar a valência dos verbos; (iii) codificar a negação.

Com relação à ordem linear dos afixos verbais em Ka’apor, proporei que eles se enquadram no seguinte paradigma flexional:

| PREFIXO 1 | PREFIXO 2 | PREFIXO 3 | RAIZ VERBAL | SUFIXO 1 |
|---|---|---|-------------------------|--|
| Concordância | Reflexivo | Causativo | <i>ʃirik</i> “secar” | Negação |
| a- “eu” <i>re ~ ere ~ e-</i> “tu” <i>ja-</i> “nós” <i>pe-</i> “vós” <i>o-/u-</i> ∞ ∅ - “ele(s),ela(s), pessoal” | ju- | mu- | | -ʔim |
| Verbos: Transitivos Intransitivos não- estativos | Verbos Transitivos Verbos Causativizados | Verbos: Transitivos Intransitivos Não-estativos Estativos | | Transitivos Intransitivos Não-estativos Estativos |
| Quadro 10: Ordem dos afixos verbais | | | | |

No próximo capítulo, analiso a expressão da gradação e da quantificação em Ka’apor. Irei destacar os processos morfológico e sintático envolvidos na gradação e quantificação. O processo morfológico trata da gradação por meio da

composição com a palavra *raʔɨr* “filhote” e do sufixo intensificador {-uhu ~ -hu}. Já o processo sintático da gradação se realiza pelo adjetivo *keruhu* “grande”. Com relação à quantificação, ela pode ser expressa por meio de palavras e expressões numéricas, do verbo permansivo/existencial *-eta* “ser/ter muito” e dos clíticos quantificadores [.ta] e [.upa] (tudo).

CAPÍTULO 5

EXPRESSÃO DA GRADAÇÃO E DA QUANTIFICAÇÃO

Em Ka'apor, identificam-se distintos recursos gramaticais para a expressão da gradação e da quantificação. Dentre esses se destacam processos morfológico e sintático. O processo morfológico codifica a gradação por meio da composição com a palavra *raʔɛr* “filho” e da ocorrência do sufixo endocêntrico¹⁹ intensificador {-uhu ∞ -hu}²⁰. Já o processo sintático pode expressar tanto a gradação, pelo adjetivo *keruhu*²¹ “grande”, quanto à quantificação por meio de palavras e expressões numéricas, por meio do verbo

¹⁹ Os sufixos derivativos endocêntricos formam palavras da mesma classe lexical da raiz e os exocêntricos produzem palavras de classe lexical e constituintes diferentes da base. (Rodrigues, 1981).

Com os dados do Ka'apor, exemplifico a distinção entre os sufixos endocêntricos e exocêntricos:

SUFIXOS ENDOCÊNTRICOS

| | | |
|--------|------------------------------|---|
| {-ran} | <i>murukuja</i> : “maracujá” | <i>murukuja-ran</i> : “parece maracujá” |
| {-wam} | <i>ʔɔk</i> : “casa” | <i>ʔɔk-wam</i> : “será casa” |
| {-kɛ} | <i>ʔɔk-kɛ</i> : “foi casa” | |

SUFIXO EXOCÊNTRICO

| | | |
|-------|----------------------|--------------------------------|
| {-ha} | <i>kutuk</i> : furar | <i>kutuk-ha</i> : furador |
| | <i>i-pɛ</i> | <i>i-pɛ</i> |
| | <i>r-ɛhɛ</i> | <i>r-ɛhɛ-ha</i> |
| | NCT-pé | NCT-pé |
| | CT-em | CT-em-NOMI |
| | “No pé dele” | “Está no pé dele” [= sandália] |

²⁰ As formas [uhu] e [hu] estão em variação com [uhũ] e [hũ].

²¹ A *keruhu* está em variação com *keruhũ*

permansivo/existencial *-eta* “ser/ter muito” e por meio dos clíticos quantificadores [.ta] e [.upa] (tudo).²²

Para compreender a expressão da gradação e quantificação em Ka’apor, esse capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 5.1, apresento a realização da gradação pela composição com a palavra *ra?ɨr* “filho”, pela afixação do sufixo endocêntrico intensificador {-uhu ∞ -hu} nos D/NPs e pelo adjetivo *keruhu*; na seção 5.2, descrevo a realização da quantificação pelas palavras e expressões numéricas; na seção 5.3 trato das posições do quantificador numérico na oração; na seção 5.4, focalizo a quantificação por meio do verbo permansivo/existencial *-eta*; nas seções 5.5 e 5.6, exponho a distribuição morfossintática dos clíticos [.ta] e [.upa] e suas respectivas funções sintático-semântica; e, finalizando, na seção 5.7 resumo os principais tópicos sobre a expressão da gradação e da quantificação analisado neste capítulo.

5.1 GRADAÇÃO: PROCESSOS MORFOLÓGICO E SINTÁTICO

Na morfologia, a gradação vem codificada por meio da composição de palavras ou do sufixo endocêntrico intensificador. Esses dois processos

²² Nessa tese, adotamos a distinção entre afixos, clíticos e partículas proposta por Seki (2000:83): “As categorias funcionais ‘partícula’, ‘clítico’ e ‘afixo’ se distinguem de modo bastante claro quanto ao tipo de elementos a que aparecem ligados nas construções sintáticas e quanto ao grau de liberdade sintática: diferentemente dos afixos, que se ligam a radicais de determinadas classes, e dos clíticos, que se ligam a determinados tipos de constituintes, as partículas ou se associam a distintos tipos de constituintes (partículas flutuantes) ou ocupam posições fixas na sentença ou em relação à sentença, caso em que podem seguir ou preceder palavras de diferentes categorias morfossintáticas.”

morfológicos denotam uma propriedade intrínseca ao nome ao qual se compõe ou se afixam. Por exemplo, a palavra *raʔɨr* “filho” é utilizada para expressar a noção de diminutivo, conforme demonstram os exemplos a seguir:

(1a) *jawaɾ*
“onça”

(1b) *jawar* *ɾ-aʔɨr*
onça CT-filho
“Filho da onça” [= oncinha]

(2a) *maʔɛwɨɾa*
“pássaro”

(2b) *maʔɛwɨɾa* *ɾ-aʔɨr*
pássaro CT-filho
“Filho do pássaro” [= passarinho]

(3a) *uʔɨ*
“flecha”

(3b) *uʔɨ* *ɾ-aʔɨr*
flecha CT-filho
“Filho da flecha” [= flechinha]

(4a) *kisɛ*
“faca”

(4b) *kisɛ* *ɾ-aʔɨr*
faca CT-filho
“Filho da faca” [= faquinha]

Já o sufixo {-uhu ∞ -hu} denota a intensificação nos nomes. A variante {-uhu} é afixada aos nomes que terminam em consoante, enquanto a variante

{-hu} segue nomes terminados em vogal, conforme indicam os exemplos de (5a)

a (10b):

(5a) *tapi ʔir*
“anta”

(5b) *tapi ʔir-uhu*
anta-INTEN
“anta grande [= boi ou vaca]”

(6a) *aman*
“chuva”

(6b) *aman-uhu*
chuva-INTEN
“chuva grossa”

(7a) *u ʔi*
“flecha”

(7b) *u ʔi-hu*
flecha-INTEN
“espingarda”

(8a) *ʔi*
“água”

(8b) *ʔi-hu*
água-INTEN
“rio”

(9a) *s ɨpɔ*
“cipó”

(9b) *s ɨpɔ-hu*
cipó-INTEN
“cipó grosso”

(10a) *íw ítu*
vento

(10b) *íw ítu-hu*
vento-INTEN
“vento forte” [= ventania]

A expressão da gradação na sintaxe efetua-se pelo adjetivo *keruhu* “grande”. Nas orações de (11) a (13), verifica-se que o adjetivo *keruhu* aparece seguindo os D/NPs *kupapa* “colher de pau”, *sɔʔɔ-ran* “animais”, *íw ítu* “vento”:

(11) *pɛ kupapa keruhĩ Ø-pɛ Ø-p íwur tĩ*
e colher de pau grande NCT-COM 3-mexer REP
“E (ele) mexeu com a colher de pau grande”
(Kakumasu, 1990:15)

(12) *pɛ sɔʔɔ-ran keruhu Ø-patu-patuk*
e caça-SIM grande 3-bater-bater
“E a carne de caça grande bateu (com os pés no chão como sinal de raiva)”
(Kakumasu, 1990:36)

(13) *íw ítu keruhu apɔ Ø-tur*
vento grande agora 3-vir
“O vento forte vem agora”
(Kakumasu, 1990:94)

Comparando as palavras e orações de (5a) a (13) que são formadas pelo sufixo {-uhu ∞ -hu} e pelo adjetivo *keruhu*, percebe-se que o sufixo {-uhu ∞ -hu} origina-se do adjetivo *keruhu*, o qual se gramaticalizou a tal ponto a se firmar

como um afixo na língua. A hipótese plausível é considerarmos que o adjetivo *keruhu*, quando se afixou a D/NPs, desenvolveu de lexema pleno à forma presa, emergindo, assim, as formas abaixo:

$$[[D/NP] + keruhu] > \sim [[D/NP] - ruhũ] > \sim [[D/NP]-uhu/hu]]^{23}$$

Nas seções de 5.2 a 5.3, apresento como se dá a expressão da quantificação realizada por meio de lexemas e expressões numéricas.

5.2 PALAVRAS E EXPRESSÕES NUMÉRICAS

Em Ka’apor, os números se manifestam por palavras e expressões numéricas. Observando a organização das palavras e expressões numéricas, podemos afirmar, consoante os modelos de sistemas numéricos de línguas indígenas descritos por Green (2002), que o Ka’apor é uma língua de sistema vigesimal de base quinária.

O sistema vigesimal significa que os números vão até 20 e os demais números derivam desse sistema vigesimal. Já a base quinária estabelece que a contagem dos números de 6 a 10 e de 16 a 20 baseia-se nos números 5 e 15. A seguir, descrevo como se realiza o sistema numérico em Ka’apor.

²³ Aqui, destaco o único exemplo com a forma sufixal *ruhũ* encontrado em nossos dados:

| | | | | |
|--|---------------|-------------|----------------|-------------|
| <i>?ĩ-hu</i> | <i>Ø-mĩ?ĩ</i> | <i>Ø-pε</i> | <i>wa siŋl</i> | <i>ruhũ</i> |
| água-INTEN | CT-beira | CT-em | waxini | grande |
| “Na beira do rio, o grande (rio) Waxini” | | | | |

(Silva, 2001:74)

Abaixo, listo os números de 1 a 4, os quais se compõem de lexemas independentes:

(14) PALAVRAS NUMÉRICAS DE 1 A 4

petēĩ
“um”

mɔkɔĩ
“dois”

mahapĩr
“três”

tumεmε
“quatro”

Por sua vez, o número 5 é realizado por meio de um sintagma complexo constituído do sintagma de posse *awa pɔ* “mão de gente”, do lexema *petēĩ* “um” e do quantificador *upa ~ pa* “tudo”, conforme mostra o exemplo a seguir:

(15) *awa* *Ø-pɔ* *petēĩ* *pa*
gente CT-mão um tudo
“Toda uma mão de gente”

Para expressar os números de 6 a 10, a base será o número cinco. Assim, a estrutura da expressão numérica de 6 a 10 será composta do sintagma de posse *awa pɔ* “mão de gente”, que refere-se ao número 5, dos itens quantificadores, tais

como *wajar* “metade” ou *upa ~ pa* “tudo”, e dos lexemas numéricos de 1 a 4, conforme se verifica nos dados a seguir:

(16) EXPRESSÕES NUMÉRICAS DE 6 A 10

| | | | |
|---|-------------------------|--------------|-------------|
| <i>awa</i> | \emptyset - <i>pɔ</i> | <i>wajar</i> | <i>petẽ</i> |
| gente | CT-mão | metade | um |
| “Uma mão de gente mais uma metade” [= seis] | | | |

| | | | |
|---|-------------------------|--------------|-------------|
| <i>awa</i> | \emptyset - <i>pɔ</i> | <i>wajar</i> | <i>mɔkõ</i> |
| gente | CT-mão | metade | dois |
| “Uma mão de gente mais duas metades” [= sete] | | | |

| | | | |
|---|-------------------------|--------------|----------------|
| <i>awa</i> | \emptyset - <i>pɔ</i> | <i>wajar</i> | <i>mahapĩr</i> |
| gente | CT-mão | metade | três |
| “Uma mão de gente mais três metades” [= oito] | | | |

| | | | |
|---|-------------------------|--------------|---------------|
| <i>awa</i> | \emptyset - <i>pɔ</i> | <i>wajar</i> | <i>tumɛmɛ</i> |
| gente | CT-mão | metade | quatro |
| “Uma mão de gente mais quatro metades” [= nove] | | | |

| | | |
|--------------------------------|-------------------------|-----------|
| <i>janɛ</i> | \emptyset - <i>pɔ</i> | <i>pa</i> |
| nós | CT-mão | tudo |
| “Todas as nossas mãos” [= dez] | | |

Na contagem dos números de 11 a 20, observa-se a mesma configuração sintática usada para expressar os números de 5 a 10. Os números de 11 a 20 são contados a partir dos dedos do pé, de sorte que o sintagma de posse é formado pela seguinte expressão:

(17) *awa* \emptyset -*pĩ*
 gente CT-pé
 “Pé de gente”

A quantificação dos números de 11 a 14 é feita com os números 1 a 4.

Assim há a seguinte configuração:

[[_{DP} *awa p ĩ*] _{QP} *peteĩ*/ *mɔkɔĩ*/ *mahap ĩr*/ *tum em ε*]]:

(18) EXPRESSÕES NUMÉRICAS DE 11 A 14

awa *Ø-p ĩ* *peteĩ*
 gente CT-pé um
 “Um (dedo) do pé de gente” [= onze]

awa *Ø-p ĩ* *mɔkɔĩ*
 gente CT-pé dois
 “Dois (dedos) do pé de gente” [= doze]

awa *Ø-p ĩ* *mahap ĩr*
 gente CT-pé três
 “Três (dedos) do pé de gente” [= treze]

awa *Ø-p ĩ* *tum em ε*
 gente CT-pé quatro
 “Quatro (dedos) do pé de gente” [= quatorze]

A quantificação do número 15 contém a expressão *awa p ĩ* “pé de gente”,

o número um – *peteĩ* - mais o quantificador *upa* “tudo”; assim, há a seguinte

configuração: [[[_{DP} *awa p ĩ*] _{Q1} *peteĩ*] _{Q2} *upa*]].

(19) *awa* *Ø-p ĩ* *peteĩ* *upa*
 gente CT-pé um tudo
 “Todos os (dedos) de um pé de gente” [= quinze]

A quantificação dos números 16 a 20 se realiza com a expressão *awa p̄* (pé de gente), representando a base 15, mais os quantificadores - *wajar* “metade” ou *upa ~ pa* “tudo” – e os números *petēi* “um”, *mokōi* “dois”, *mahap̄r* “três” *tumεmε* “quatro” como em:

[[[_{DP} *awa p̄*] _{QP1} *wajar/pa*] _{QP2} *petēi/mokōi/mahap̄r/tumεmε*]]]:

(20) EXPRESSÕES NUMÉRICAS DE 16 A 20

| | | | |
|--|-------------|--------------|--------------|
| <i>awa</i> | <i>Ø-p̄</i> | <i>wajar</i> | <i>petēi</i> |
| gente | CT-pé | metade | um |
| “Um pé de gente mais uma metade” [= dezesseis] | | | |

| | | | |
|--|-------------|--------------|--------------|
| <i>awa</i> | <i>Ø-p̄</i> | <i>wajar</i> | <i>mokōi</i> |
| gente | CT-pé | metade | dois |
| “Um pé de gente mais duas metades” [= dezessete] | | | |

| | | | |
|--|-------------|--------------|----------------|
| <i>awa</i> | <i>Ø-p̄</i> | <i>wajar</i> | <i>mahap̄r</i> |
| gente | CT-pé | metade | três |
| “Um pé de gente mais três metades” [= dezoito] | | | |

| | | | |
|---|-------------|--------------|---------------|
| <i>awa</i> | <i>Ø-p̄</i> | <i>wajar</i> | <i>tumεmε</i> |
| gente | CT-pé | metade | quatro |
| “Um pé de gente mais quatro metades” [= dezenove] | | | |

| | | |
|-----------------------------------|-------------|-----------|
| <i>awa</i> | <i>Ø-p̄</i> | <i>pa</i> |
| gente | CT-pé | tudo |
| “Todos os pés de gente” [= vinte] | | |

Na próxima seção, investigo a ordem do sintagma quantificador numérico na oração.

5.3 QUANTIFICADOR NUMÉRICO NA ORAÇÃO

No nível da sintaxe, os quantificadores numéricos podem vir antes ou depois de um nome ou, então, retomar um nome anteriormente explicitado no texto.

Nas orações de (21) a (23), nota-se que os quantificadores *mɔkɔĩ* “dois” e *awa pɔ pa* “dez” antecedem os D/NPs *mɛ̃tun* “mutuns”, *jahĩ* “lua” e *pɛ̃tun* “noite”:

(21) *mɔkɔĩ* *mɛ̃tun* *ihẽ* *a-juk ʷa*
dois mutum eu eu-matar
“Eu matei dois mutuns”

(Kakumasu, 1988: 340)

(22) *pɛ* *mɔkɔĩ* *jahĩ* *rahã*
e dois lua quando
“E quando foram dois meses...”

(Kakumasu, 1990:77)

(23) *pe-kɛr-ɬĩm* *tɛ* *awa* *Ø-pɔ* *pa* *pɛ̃tun*
vós-dormir-NEG VER gente CT-mão tudo noite
“Vós não dormireis as dez noites”

(Silva, 2001:70)

Nas orações (24) a (26), os quantificadores numéricos *mɔkɔĩ* “dois” e *tumɛmɛ* “quatro” ocorrem depois dos D/NPs *janɛ* “nós”, *pehẽ* “vós” e *japekã* *kak ʷar* “feixe de espinho”:

(24) *janɛ* *mɔkɔĩ* *Ø-ra-hɔ* *ʔĩ*
 nós dois 3-CAUS.COMIT.-ir PERF
 “Nós dois levamos”
 (Kakumasu, 1986: 375)

(25) *pehẽ* *mɔkɔĩ* *pɛ-hɔ*
 vós dois vós-ir
 “Vocês dois foram”
 (Kakumasu, 1986: 375)

(26) *pɛ* *japekã* *Ø-kak ʷar* *kɛ* *tumɛmɛ we-rur*
 e espinho CT-feixe AFET quatro -3-CAUS. COMIT.-vir
 “E (ele) trouxe quatro feixes de espinhos”
 (Kakumasu, 1990:94)

Também há possibilidade de o quantificador numérico ser um elemento anafórico que retoma um D/NP anterior explicitado no texto. Nos exemplos (27b) e (28b), a palavra *tumɛmɛ* “quatro” e a expressão *awa pɔ pa* “dez” recuperam, no discurso, os D/NPs elípticos *jaʃi* “jabuti” em (27a) e *japukai-ʔĩ* “árvore de sapukai” em (28b):

- (27a) *ja ſi_(i)* *Ø-mi ſir*
jabuti 3-cozinhar
- (27b) *tum em ε_(i)* *ŋã* *Ø-ra-hɔ* *tĩ*
quatro o pessoal 3- CAUS. COMMIT levar REP
“O pessoal levou quatro jabutis para cozinhar novamente”
(Kakumasu, 1990: 44)
- (28a) *japukai-ʔɛ_(i)* *kε* *Ø-kekar* *ɔ-hɔ*
sapukai-árvore AFET 3-caçar 3-ir
- (28b) *awa* *Ø-pɔ* *pa_(i)* *Ø-mahem*
gente CT-mão tudo 3-achar
“(Ele) foi caçar árvore de sapucaí. (Ele) achou 5 (árvores de japukai)”
(Kakumasu, 1990:93)

Na próxima seção, analiso o outro modo de expressão da quantificação em Ka’apor que se realiza por meio do verbo permansivo/existencial *-eta*.

5.4 VERBO QUANTIFICADOR *-eta*

Uma outra forma de expressar a quantificação em Ka’apor é por meio da utilização do verbo permansivo/existencial *-eta* “ser/ter muito”. Classifico esse verbo como um intransitivo estativo, pois ele aciona os prefixos relacionais de [+PESSOA] {r-} e [-PESSOA] {h-}.

Até agora, a análise pôde averiguar que este verbo aparece, pelo menos, em dois contextos sintáticos distintos, a saber: (i) com o sujeito expresso na oração, podendo ter a ordem SV ou VS, conforme se vê pelos exemplos de (29) a

(33) ou (ii) ocorrendo como uma oração de sujeito nulo, conforme mostra o exemplo (34):

ORDEM SV

- (29) *janε* *r-eta-ʔim* *tĩ*
 nós nós-ser muito-NEG REP
 “Nós não somos muito também”

(Silva, 2001:71)

- (30) *ihẽ* *Ø-anam* *ta* *h-eta* *tĩ*
 eu CT-parente Q 3-ser muito REP
 “Meus parentes eram muitos também”

(Caldas, 2001:82)

ORDEM VS

- (31) *εrεhε* *apɔ* *h-eta* *karai* *ʔi*
 por isso agora 3-ser muito não-índio água

r-upi *riki*
 CT-por FOC
 “Por isso hoje há muitos não índios pela água”

(Silva, 2001:62)

- (32a) *h-eta* *uk^wεr*
 3-ter muito dia
 “Há muitos dias...”

- (32b) *pε-kεr-ʔim* *tε*
 vós-dormir-NEG VER
 “...que vocês realmente não dormem”

(Silva, 2001:70)

- (33a) *h-eta kɨsɛ kɛ*
 3-ser muito faca AFET
 “Há muitas facas...”
- (33b) *Ø-ra-hɔ i-nõ tĩ*
 3-CAUS. COMIT.-levar 3-mandar REP
 “...que (os não-índios) mandaram levar”

(Kakumasu, 1990:154)

ORAÇÃO DE SUJEITO NULO

- (34a) *h-eta tɛ hũ Ø-juk^ʷa*
 3-ser muito VER INT 3-matar
 “Houve realmente muitas (queixadas)...”
- (34b) *Ø-juk^ʷa*
 3-matar
 “...que (os Ka’apor) mataram”

(Kakumasu, 1990:29)

Nas seções 5.5 e 5.6, o objetivo da análise é investigar a expressão da quantificação, quando essa realização se dá por meio dos clíticos [.ta] e [.upa]. Começo, então, com o clítico [.ta].

5.5 ESCOPO DO CLÍTICO QUANTIFICADOR [.ta]

Em Ka’apor, o clítico [.ta], quando mantém escopo orientado a D/NPs, codifica a idéia de coletividade e sempre figura enclítica ao último elemento que compõe o D/NP. Adicionalmente, verifica-se que o escopo morfossintático que esta partícula estabelece com o D/NP permite levantar a hipótese de que sua distribuição sintática no interior do D/NP nos serve como um interessante

diagnóstico para operarmos a distinção entre argumentos e predicados na língua Ka'apor.

Para a análise do clítico quantificador [.ta], esta seção está organizada em três partes, a saber: na seção 5.5.1, mostro o contraste semântico entre os D/NPs quantificados e os não quantificados e como esse clítico se comporta no nível pragmático/textual; na seção 5.5.2, delimito os contextos morfossintáticos do [.ta]; e na seção 5.5.3, levanto a hipótese de que o [.ta], em Ka'apor, permite distinguir argumentos e predicados.

5.5.1 NÍVEIS SEMÂNTICO E PRAGMÁTICO/TEXTUAL DO CLÍTICO [.ta]

Com relação ao nível semântico, o clítico [.ta] é utilizado para denotar o sentido de coletividade aos D/NPs contáveis como, por exemplo, os nomes *jaʃi* “jabuti”, *karai* “não-índio”, *tamũj* “ancestral, velho”, *taʔin* “criança”, *sawaʔɛ* “homem”, *kũjã* “mulher”. O [.ta] não ocorre com D/NPs de massa como, por exemplo, *kaʔa* “mata”, *ʔɛ* “água”, *aman* “chuva”.²⁴

²⁴ Minha hipótese é que os nomes de massa denotam a coletividade por meio do sufixo intensificador {-uhu ∞ -hu} ao invés de utilizar o clítico [.ta], conforme exemplifico abaixo:

- (1a) *kaʔa-hu*
mato-INTEN
“mato grande” [= floresta]
- (1b) **kaʔa ta*
mato Q
“os matos”

O mecanismo gramatical de indicação da quantificação pode ser observado nas orações de (35) a (38). Nestas sentenças, há o contraste entre os nomes seguidos do clítico [**ta**] e os nomes sem esse clítico. Os D/NPs *ta ʔɛn* “criança” e *amõ* “outro” das orações (35) e (37) vêm marcados com o clítico [**ta**], indicando o sentido de coletividade nesses D/NPs. Já nas orações (36) e (38), os mesmos D/NPs ocorrem sem o [**ta**], sinalizando com isso a não coletividade dos nomes, conforme se vê nos exemplos abaixo:

- (35) *ta ʔɛn* *ta* *kɛ* *Ø-karuk* *hũ* *o-u*
criança Q AFET 3-urinar INT 3-estar deitado
“*As crianças estão urinando muito*”
(Caldas, 2001:48)
- (36) *ta ʔɛn* *h-ok ʷen* *kɛ* *Ø-nupã* *u-ʔam*
criança NCT-porta AFET 3-bater 3-estar em pé
“*A criança está batendo à porta*”
(Caldas, 2001:50)

-
- (2a) *ʔɛ-hu*
água-INTEN
“rio”
- (2a) **ʔɛ* *ta*
água Q
“águas”
- (3a) *aman-uhu*
chuva-INTEN
“chuva forte”
- (3b) **aman* *ta*
chuva Q
“chuvas”

- (37) *amõ ta jape ʔa Ø-matyr tĩ*
 Outro Q lenha 3-juntar REP
 “Os outros juntaram as lenhas”

(Kakumasu, 1990:154)

- (38) *amõ u-h ãk tĩ*
 outro 3-chegar REP
 “Um outro chegou também”

(Kakumasu, 1990:205)

Em relação ao nível pragmático/textual, nota-se que, quando um D/NP acompanhado do clítico [.ta] é introduzido no discurso pela primeira vez, a retomada desse D/NP pode ocorrer ou não por meio do clítico [.ta], conforme mostram os exemplos a seguir:

D/NP COLETIVO COM ta: ji ta (machados)

- (39a) *pε ji ta_(i) Ø-w era rahã*
 e machado Q 3-clarear quando

RETOMADA DE D/NP COLETIVO COM ta: ji ta (machados)

- (39b) *tε ʔε ji ta_(i) Ø-m ɔn ɔk*
 mesmo machado Q 3-cortar
 “Quando os machados foram limpos, os machados cortaram mesmo”
 (Kakumasu, 1990:153)

D/NP COLETIVO COM *ta: kɛsɛ ta* (facas)

| | | | | | | |
|-------|-----------|-------------|-------------------------|------------|----------------|-------------|
| (40a) | <i>pɛ</i> | <i>kɛsɛ</i> | <i>ta_(i)</i> | <i>upa</i> | <i>Ø-wɛrɔk</i> | <i>rahã</i> |
| | e | facas | Q | tudo | 3-desmatar | quando |

RETOMADA DE D/NP COLETIVO SEM *ta: kɛsɛ* (facas)

| | | | | | |
|-------|-----------|-------------|---------------------------|-----------------|-----------|
| (40b) | <i>pɛ</i> | <i>tɛpɛ</i> | <i>kɛsɛ_(i)</i> | <i>Ø-tui</i> | <i>tĩ</i> |
| | ali | mesmo | facas | 3-estar deitado | REP |

“Quando todas as facas desmataram, ali, as facas estavam deitadas (no chão) novamente”

(Kakumasu, 1990:153)

D/NP COLETIVO COM *ta: anam ta* (parentes)

| | | | | |
|-------|---------------|-------------------------|-------------|---------------|
| (41a) | <i>i-anam</i> | <i>ta_(i)</i> | <i>Ø-ŋi</i> | <i>Ø-kɛjɛ</i> |
| | NCT-parente | Q | CT-de | 3-ter medo |

“(Ele) estava com medo dos parentes dele”

(Kakumasu, 1990:117)

RETOMADA DE D/NP COLETIVO SEM *ta: anam* (parentes)

| | | | | | |
|-------|-----------|-----------------------------|----------------|--------------|--------------------|
| (41b) | <i>pɛ</i> | <i>i-anam_(i)</i> | <i>Ø-panu:</i> | <i>ɔrɔpɔ</i> | <i>Ø-katu- pĩm</i> |
| | e | NCT-parente | 3-falar: | Oropó | 3-ser bom-NEG |

“E os parentes (deles) disseram: Oropó não é bom”

(Kakumasu, 1990:191)

D/NP COLETIVO COM *ta: sumukapɛ ta* (urubus)

| | | | | | |
|-------|-----------|-----------------|-------------------------|--------------|-----------|
| (42a) | <i>pɛ</i> | <i>sumukapɛ</i> | <i>ta_(i)</i> | <i>u-wɛr</i> | <i>tĩ</i> |
| | e | urubu | Q | 3-vir | REP |

“E os urubus vieram também”

(Kakumasu, 1990:49)

RETOMADA DE D/NP COLETIVO SEM *ta*: *sumukap ε* (urubus)

- (42b) *sumukap ε*_(i) *u-w ĩr p ĩ* *t ε* *ame ʔẽ* *k ε*
urubu 3-vir primeiro VER aquele AFET
“Foram aqueles urubus que vieram primeiro”
(Kakumasu, 1990:49)

Na próxima seção, investigo a distribuição morfossintática do clítico [**ta**] que sempre figura enclítico ao último elemento que compõe a estrutura do D/NP.

5.5.2 DISTRIBUIÇÃO MORFOSSINTÁTICA DO CLÍTICO [**ta**]

Em relação à distribuição morfossintática do clítico [**ta**], observa-se que, curiosamente, ele sempre figura enclítico ao último elemento que compõe a estrutura do D/NP. Como exemplo dessa distribuição, as orações (43) e (44) apresentam o clítico [**ta**] seguindo os D/NPs *kurumĩ* “menino” e *dʒawar p ĩtan* “onça vermelha”; e as orações (45) e (46) exibem o clítico [**ta**] ocorrendo nos D/NPs, *sawa ʔε* “homem” e *i-anam* “parente”, internos aos sintagmas posposicionais:

- (43) *kurumĩ* *ta* *u- ʔu* *tĩ*
menino Q 3-comer REP
“Os meninos comeram também”
(Informante: R. K.)

- (44) *pɛ jawa pɪtan ta u-hɪk u-wɪr*
 e onça vermelha Q 3-chegar 3-vir
 “As onças vermelhas voltaram”
 (Kakumasu, 1990:123)

- (45) *pɛ makak ta(i) sawa ʔɛ ta Ø-namõ*
 e macaco Q homem Q CT-com

ŋã(i) o-ho tĩ
 o pessoal 3-ir REP
 “E os macacos_i com os homens, o pessoal_i foi também”
 (Kakumasu, 1990:13)

- (46) *i-anam ta Ø-ŋi Ø-kɪjɛ*
 NCT-parente Q CT-de 3-ter medo
 “E ele estava com medo dos parentes”
 (Kakumasu, 1990:117)

Uma outra evidência de que, realmente, o clítico [.ta] só pode figurar após o último elemento interno ao D/NP advém dos contextos em que o [.ta] co-ocorre com o clítico [.kɛ] e com o clítico quantificador [.upa]. Em tais contextos, observa-se que o [.ta] só pode figurar imediatamente enclítico aos nomes *ta ʔɪn* “criança”, *mɪra* “árvore” e *pururɛ* “enxada”, não podendo interpolar em outras posições, conforme mostram as orações abaixo:

- (47) *ta ʔɨn ta kɛ Ø-karuk hũ o-u*
 criança Q AFET 3-urinar INT 3-estar deitado
 “As crianças estão urinando muito”
 (Caldas, 2001:48)
- (48) *pɛ m̃ira ta kɛ upa katu tɛ ɔ-hɔ*
 e árvore Q AFET tudo INT VER 3-ir
 “E todas as árvores realmente foram (neles)”
 (Kakumasu, 1990:141)
- (49) *pɛ pururɛ ta kɛ upa we-r-ur ʔi*
 e enxada Q AFET tudo 3-CAUS. COMIT.-VIR PERF
 “E todas as enxadas, eles fizeram vir consigo/trouxeram”
 (Kakumasu, 1990:155)

Na próxima seção, com base na distribuição morfossintática do clítico [.ta], irei comparar a distribuição de [.ta] com o sufixo marcador de argumento {-a} em Tupinambá. Assumirei a hipótese de que o [.ta], assim como o sufixo {-a} do Tupinambá, constitui um importante diagnóstico morfossintático que possibilita operar a distinção entre argumentos e predicados em Ka’apor.

5.5.3 CLÍTICO [.ta] NA DISTINÇÃO DE ARGUMENTOS E PREDICADOS

Consoante Rodrigues (1996)²⁵, a realização do sufixo marcador de argumento {-a} em Tupinambá assinala a função sintática de um item lexical na oração, isto é, se esse item exerce a função de argumento ou de predicado. Como

²⁵ (Rodrigues 1996:6) afirma o seguinte:

“...todos os verbos do Tupinambá, tanto intransitivos como transitivos, podem ser usados como argumentos, ou seja, como núcleos de sintagmas nominais. Nessa situação eles se comportam como nomes possuíveis e recebem marcadores de caso.”.

exemplo desse contexto gramatical, o autor observa que os adjetivos *un* “preto” e *pinim* “pinta” podem assumir tanto a função de argumento quanto a função de predicado:

(50a) *ja ʔwar un-a*
 onça preto-ARG
 “Onça preta”

(50b) *ja ʔwar-a s-un*
 onça-ARG 3-preto
 “A onça é preta”

(51a) *ja ʔwa pinim-a*
 onça pinta-ARG
 “Onça pintada”

(51b) *ja ʔwa-a i-pinim*
 onça-ARG 3-pinta
 “A onça é pintada”

Notem que, nas orações (50a) e (51a), os adjetivos *un* e *pinim* estão numa posição argumental, uma vez que fazem parte de um D/NP argumento de um verbo e recebem o sufixo {-a}, o que não ocorre nas orações (50b) e (51b) em que os adjetivos exercem a função de núcleo.

Examinando os dados do Ka’apor, nota-se que o clítico [.ta] sempre co-aparece enclítico ao D/NP que está na função de argumento de um predicator. Por esta razão, a hipótese que desenvolverei é a de que o clítico [.ta], assim como o sufixo {-a} do Tupinambá, permite distinguir o argumento e o predicado em

Ka'apor, visto que sua ocorrência como item quantificador está sempre circunscrita ao último elemento do complexo D/NP. Tal hipótese sustenta-se particularmente pelos exemplos de (52a) a (57b), a seguir:

(52a) *tamũi ta h-urĩ*
 velho Q 3-ser alegre
 “Os velhos são alegres”

(52b) **tamũi urĩ ta*
 velho alegre Q
 “Os velhos alegres”

(53a) *tamũi ta Ø-pĩai*
 velho Q 3-estar triste
 “Os velhos são tristes”

(53b) **tamũi pĩai ta*
 velho triste Q
 “Os velhos tristes”

(54a) *kaka ta Ø-tawa*
 cacau Q 3-ser maduro
 “Os cacaos são maduro”

(54b) **kaka tawa ta*
 cacau maduro Q
 “Os cacaos maduros”

(Informantes dos cursos de 2008)

Vejam que as orações (52a), (53a) e (54a) são gramaticais e mostram que o clítico [.ta] tem escopo sobre os D/NPs *tamũi* “velho” e *kaka* “cacau”. Já as orações (52b), (53b) e (54b) são agramaticais, pois o [.ta] tem escopo sobre os verbos descritivos *-urĩ* “ser alegre”, *pĩai* “estar triste” e *tawa* “ser maduro”.²⁶

²⁶ Em Ka’apor, há três tipos de [.ta], a saber:

(a) O [.ta] quantificador:

- (1) *ihẽ* *Ø-mũ* *ta*
 eu CT-irmão Q
 “Meus irmãos”

(b) O [.ta] indicador do aspecto imperfectivo que ocorre enclítico aos verbos causativos, transitivos e intransitivos (ativos, inativos e estativos):

CAUSATIVO

- (2) *re-mu-kĩʔa* *ta* *aʔɛ* *kɛ* *kĩ*
 tu-CAUS-ter sujeira IMPERF ele AFET INT
 “Tu vais fazer ele sujar”

(Caldas, 2001:62)

TRANSITIVO

- (3) *tamũi* *tatu* *kɛ* *Ø-kutuk* *ta*
 velho tatu AFET 3-furar IMPERF
 “O velho furará o tatu”

(Informante: I.K.)

INTRANSITIVO ATIVO

- (4) *kurumĩ* *Ø-wata* *ta*
 menino 3-andar IMPERF
 “O menino andarã”

(Informante: M.K.)

INTRANSITIVO INATIVO

- (5) *apararĩ* *kε* *u-ʔε* *ta*
lâmparina AFET 3-apagar IMPERF
“A lâmparina apagará”

(Caldas, 2001:62)

INTRANSITIVO ESTATIVO

- (6) *Ø-wera* *ta* *ɔ-hɔ*
NCT-amanhecer Q` 3-ir
“Vai amanhecer”

(Caldas, 2001:34)

Com relação aos verbos intransitivos estativos, deve-se investigar se o [.ta] aspectual ocorre somente quando os verbos estativos vêm acompanhados de verbo auxiliar de ação. Tal indagação, deve-se ao fato de termos encontrado somente o exemplo (6) com o clítico aspectual [.ta] nos verbos estativos.

(c) O [.ta] pode ser uma partícula do modo desiderativo ocorrendo com:

(i) Posposições:

- (7) *pε* *r-upi* *ta* *ɔ-hɔ*
caminho CT-pelo DESI 3-ir
“(Ele) deseja ir pelo caminho”

(Kakumasu, 1990:149)

- (8) *ɛwɛ* *r-εhε* *ta* *nε* *kε* *a-nupã*
terra CT-em DESI tu AFET eu-bater
“(Eu) desejo ti bater no chão”

(Kakumasu, 1990:100)

(ii) Conectores:

- (9) *aja* *ta* *ihẽ* *a-panu* *pehẽ* *Ø-pε*
assim DESI eu eu-dizer vós CT-para
“Assim que eu desejo dizer para vocês”

(Silva, 2001:68)

(iii) Pronomes pessoais

- (10) *ihẽ* *ta* *tε* *kawaru* *kε* *a-juk ʷa*
eu DESI VER paca AFET eu-matar
“Eu realmente desejo matar a paca”

(Silva, 2001:72)

Já nas orações de (55a) a (56b) a seguir, os adjetivos *panem* “azarado” e *p̣ĩtan* “vermelho” podem vir como argumento, pois o clítico [.ta] tem escopo sobre esses adjetivos. Eles podem ainda vir como núcleo de predicado, situação em que o quantificador [.ta] terá escopo sobre os D/NPs *tamũi* “velho”, *ḍzawar* “onça vermelha”, como se vê abaixo:

(55a) *tamũi* *panem* *ta*
 velho azarado Q
 “Os velhos azarados”

(55b) *tamũi* *ta* Ø-*panem*
 velho Q 3-azarado
 “Os velhos são azarados”

(56a) *ḍzawar* *p̣ĩtan* *ta*
 onça vermelha Q
 “As onças vermelhas”

(56b) *ḍzawar* *ta* Ø-*p̣ĩtan*
 onça Q 3-vermelha
 “As onças são vermelhas”

(Informantes do curso de 2008)

Tomando por base (i) os exemplos de (52a) a (56b); (ii) o paralelismo morfossintático que há entre o sufixo {-a} do Tupinambá e o clítico [.ta] e (iii) o escopo quantificacional que esta partícula estabelece com D/NPs em posição de argumento de predicadores, proporei o seguinte filtro sintático:

(I) **FILTRO ARGUMENTAL DE D/NPs CONTÁVEIS**

“Um determinado constituinte XP contável será um argumento nuclear de um predicado Y^o se, e somente se, este argumento puder vir acompanhado da partícula quantificadora -ta: [_{YP} [XP-ta] Y^o...]”

Na próxima seção, o objetivo é averiguar o escopo quantificacional que o clítico [.upa] mantém com D/NPs argumentos nucleares.

5.6 CLÍTICO QUANTIFICADOR [.upa]

Outra forma de expressão da quantificação em Ka'apor refere-se ao clítico [.upa]. Esse clítico codifica o sentido de completude. O clítico [.upa] pode aparecer enclítico a D/NPs em posição de argumento nuclear (=sujeito ou objeto), conforme mostram os exemplos de (57) a (59) a seguir:

(57) *ihē* *r-aʔɨr* *kɛ* *upa* *u-ʔu*
eu CT-filho AFET todo 3-comer
“Ele comeu todo meu filho”
(Kakumasu, 1990:72)

(58) *tarara* *kɛ* *upa* *u-ʔar*
enxada AFET tudo 3-cair
“Toda a enxada caiu”
(Kakumasu, 1990:157)

(59) *kaʔa* *kɛ* *upa* *ŋã* *Ø-w ɨrɔk* *ʔɨ*
mata AFET tudo o pessoal 3-desmatar PERF
“Toda a mata, o pessoal desmatou”
(Kakumasu, 1990:78)

Além dos contextos acima, o item [.upa] tem o seu correlato homônimo com o verbo *upa* “ter fim”. O verbo *upa* ocorre com o prefixo relacional {Ø-} o qual faz referência ao argumento na função sintática de sujeito. Nas orações (60) e (61), esse prefixo codifica os D/NPs *nɛ pɛ ʔai-ha* “sua tristeza” e *fita kɛ* “fita” sujeitos do verbo [.upa]:

| | | | | |
|------|-------------------------|----------------------|--------------|-------------------|
| (60) | <i>nɛ</i> | <i>Ø-pɛ ʔai-ha</i> | <i>Ø-upa</i> | |
| | tu | CT-ter tristeza-NOMI | 3-ter fim | |
| | “Sua tristeza terminou” | | | |
| | | | | (Caldas, 2001:38) |

| | | | | | |
|------|---------------------|-----------|--------------|-----------|--------------------|
| (61) | <i>fita</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-upa</i> | <i>ta</i> | <i>tɛ</i> |
| | fita | AFET | 3-ter fim | IMPERF | VER |
| | “A fita vai acabar” | | | | |
| | | | | | (Caldas, 2001: 38) |

5.7 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, mostrei como se realiza a expressão da gradação e da quantificação em Ka’apor. Vi que a gradação e a quantificação se manifestam por meio de processos morfológico e sintático.

A gradação se realiza pelo processo morfológico da composição com o nome *raʔɛr* “filho” e da afixação do sufixo intensificador {-uhu ∞ -hu} nos D/NPs. Esses dois processos codificam um sentido inerente ao D/NP que é o da

dimensão do objeto. Um outro processo da gradação em Ka'apor é realizado pelo adjetivo *keruhu* co-ocorrendo com D/NPs.

A quantificação ocorre também pelo processo sintático. Esse processo se caracteriza pelas palavras e expressões numéricas; pelo verbo permansivo/existencial *-eta*; e pelos clíticos **[.ta]** e **[.upa]**.

As palavras e expressões numéricas foram descritas como itens lexicais que precedem ou seguem um D/NP ou, então, retomam um D/NP explicitado anteriormente no texto.

O verbo permansivo/existencial *-eta* é estativo, podendo vir com o prefixo relacional [+PESSOA] {r-} ou [-PESSOA] {h-}.

E, por fim, analisei os clíticos quantificadores **[.ta]** e **[.upa]**. O clítico **[.ta]** possui as seguintes características, a saber: (i) codifica o sentido semântico de coletividade a D/NPs contáveis; (ii) ocorre sempre no último elemento interno do D/NP; (iii) serve como um diagnóstico morfosintático na distinção entre argumentos e predicados. Já o clítico **[.upa]**, caracteriza-se por ocorrer com D/NPs denotando o significado de completude a esses sintagmas. Também, deve-se ressaltar que **[.upa]** é um item lexical homônimo ao verbo processual *upa* (ter fim).

No próximo capítulo, descrevo o escopo morfossemântico do clítico **[.ke]** nos argumentos nucleares dos predicados verbais e nos complementos dos sintagmas posposicionais. Neste capítulo, assumo a hipótese de que a principal

função do clítico [.kɛ] é codificar o papel- θ [AFETADO] nos argumentos nucleares e nos complementos posposicionais. Com relação aos argumentos nucleares, os contextos basilares do clítico [.kɛ] são os sujeitos de verbos intransitivos inativos e estativos e o objeto de verbo transitivo.

CAPÍTULO 6

ESCOPO MORFOSSEMÂNTICO DO CLÍTICO **KE**

Neste capítulo, analiso o escopo morfossemântico que o clítico [**ke**] mantém com os argumentos nucleares nas funções de sujeito de verbo intransitivo inativo e estativo (So)²⁷ e de objeto de verbo transitivo (O). Assumirei a hipótese de que o clítico [**ke**] é um item de natureza enclítica cuja função principal é codificar o papel- θ [AFETADO]²⁸ dos argumentos (So) e (O) em:

²⁷ Neste trabalho, assumirei a nomenclatura proposta por Dixon (1979) que subdivide os argumentos nucleares dos verbos em:

- Sa: argumento em posição de sujeito de predicado intransitivo ativo;
- So: argumento em posição de sujeito de predicado intransitivo inativo ou estativo;
- O: argumento em posição de objeto de predicado transitivo;
- A: argumento em posição de sujeito de predicado transitivo.

²⁸ De acordo com Saeed (2003), há os seguintes tipos de papéis temáticos:

- (i) Agente: o desencadeador de alguma ação;
- (ii) Causa: o desencadeador de alguma ação, sem controle;
- (iii) Paciente/Afetado: entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado;
- (iv) Tema: a entidade deslocada por alguma ação;
- (v) Instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada;
- (vi) Experienciador: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico;
- (vii) Beneficiário: a entidade que é beneficiada pela ação descrita;
- (viii) Estativo: a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja afetada por algo;
- (ix) Locativo: o lugar em que algo está situado ou acontece;
- (x) Alvo/Fonte: a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.

(a) D/NPs em posição de objeto de verbos transitivos:

- (1) *Sandi keruhũ ihẽ kɛ Ø-maman u-nom*
 Sandi grande eu AFET 3-enrolar 3-estar deitado
 “Um grande sandi me enrolou”
 (Kakumasu, 1990:3)

- (2) *amõ i-mu Ø-mahem jaxi kɛ*
 outro NCT-irmão 3-achar jabuti AFET
 “outro irmão (dele) achou um jabuti”
 (kakumasu, 1990:1)

(b) D/NPs em posição de sujeito de verbos monoargumentais e transitivos:

- (3) *ihẽ Ø-ʔa kɛ Ø-puku*
 eu CT-cabelo AFET 3-ter comprimento
 “O meu cabelo é comprido”
 (Caldas, 2001:5)

- (4) *sawa ʔɛ kɛ Ø-manõ ɔ-hɔ ɔ-ʃɔ*
 homem AFET 3-morrer 3-ir 3-estar em movimento
 “O homem está morrendo”
 (Silva, 2001:46)

- (5) *ihẽ kɛ u ʔi a-karāj*
 eu AFET farinha eu-torrar
 “Eu torro farinha”
 (Silva, 2001:51)

(c) D/NPs em posição de sujeito e objeto de verbos transitivos:

- (6) *a ʔɛ kɛ i-pĩ kɛ Ø-tuk^{wa}*
 ele AFET NCT-pé AFET 3-bater
 “Ele bateu no pé dele”
 (Silva, 2001:53)

- (7) *a ʔɛ ta kɛ u-ʔu ta mɔj kɛ tĩ*
 ele Q AFET 3-comer IMPERF cobra AFET REP
 “Eles vão comer cobra”
 (Silva, 2001:53)

(d) D/NPs complemento de sintagmas posposicionais:

(8) *ihẽ kamanai a-panu nɛ kɛ Ø-pɛ*
 eu feijão eu-pedir tu ALVO-AFET CT-para
 “Eu pedi feijão para você”
 (Silva, 2001:52)

(9) *pɛ h-akehar kɛ r-ɛhɛ Ø-tur*
 e NCT-esposa ALVO-AFET CT-em 3-vir
 “E (a cabeça arrancada) veio para a sua esposa”
 (Kakumasu, 1990:43)

Tomarei como referencial teórico a proposta de propriedades semânticas elaborada por Cançado (2005), segundo a qual os papéis- θ podem ser concebidos como um feixe de traços constituídos das seguintes propriedades semânticas: [+/- CONTROLE]; [+/- DESENCADEADOR]; [+/- AFETADO] e [+/- ESTATIVO]. Tomando por base esses traços, busco compreender o papel- θ [AFETADO] realizado pelo clítico [**kɛ**].

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 6.1, destaco as funções sintática e pragmática do clítico [**kɛ**] proposta por Kakumasu (1986); na seção 6.2, discuto as diferentes funções do clítico [**kɛ**] e da partícula [**riki**]. Minha proposta é que o clítico [**kɛ**] não sinaliza foco e sim a partícula [**riki**]; na seção 6.3, exponho a proposta de Silva (2001) que relaciona a ocorrência do clítico [**kɛ**] ao contexto pragmático; na seção 6.4, exponho a proposta que

considera o clítico [.kɛ] como marca de papel-θ [AFETADO] (Duarte e Garcia, 2006); na seção 6.5, arrolo dados do clítico [.kɛ] em D/NPs sujeito de verbos transitivos e intransitivos ativos; na seção 6.6, averiguo a ocorrência do [.kɛ] em D/NPs complemento de sintagmas posposicionais; na seção 6.7; analiso o papel-θ [AFETADO] com base nas propriedades semânticas estabelecida por Cançado (2005); e por fim, na seção 6.8, destaco as principais conclusões do presente capítulo.

6.1 PROPOSTAS DE KAKUMASU (1986)

De acordo com Kakumasu (1986), o clítico [.kɛ] possui duas funções, uma sintática e outra pragmática. Com relação à função sintática, o [.kɛ] atua como um marcador de D/NPs em posição de objeto de verbo transitivo e sinaliza que o objeto é afetado no evento verbal:

“In transitive clauses where two nominals occur, one of them may be marked with ‘ke’ to indicate that the marked one is the object, that is the one to whom the action is done.” (Kakumasu, 1986:350)

As orações abaixo mostram os contextos de ocorrência do clítico [.kɛ] nos

D/NPs objetos *Tuti*, em (10), e *ʃaʔɛ* “Xa’e”, em (11):

- (10) *Tuti* *kɛ* *ʃaʔɛ* *Ø-jukwa*
 Tuti AFET Xa'e 3-matar
 “Xa'e matou Tuti”
 (Kakumasu, 1986:351)
- (11) *Mataru* *ʃaʔɛ* *kɛ* *Ø-nupã* *tĩ*
 Mataru Xa'e AFET 3-bater REP
 “Mataru bateu em Xa'e”
 (Kakumasu, 1986:351)

Já em relação à função pragmática, Kakumasu defende que o clítico [**kɛ**] focaliza argumentos nucleares em posição de sujeito de verbos intransitivos e de verbos transitivos:

“Object marking is not, however, the only function of ‘ke’. It can occur with the subject nominal, of intransitive and transitive clauses. (...) I do not fully understand the conditions under which ‘ke’ is used to express these different functions, but reactions of native speakers to its use with a single nominal in a transitive clause consistently demonstrate that its function is then to distinguish the direct object constituent. For the present, when it occurs with some other constituent, I interpret its function as that of highlighting, and gloss it as ‘focus’. (Kakumasu, 1986: 351)

Nas orações de (12) a (14) a seguir, conforme exemplos de Kakumasu (1986), o clítico [**kɛ**] codificará que os D/NPs *ʃaʔɛ* “Xa'e” e *ihẽ* “eu” estão em foco:

Uma evidência a favor de que o clítico [.kɛ] não marca foco em Ka'apor relaciona-se com a distribuição sintática entre o clítico [.kɛ] e a partícula [.riki]. Esta última é considerada por Kakumasu como tendo também a propriedade de marcar foco. A distribuição desses dois itens se distingue da seguinte maneira: enquanto [.kɛ] tem apenas escopo orientado a D/NPs argumentos de verbos e de posposições, [.riki] figura em contextos mais amplos, podendo vir focalizando não só D/NPs, mas também sintagmas verbais, sintagmas posposicionais e até mesmo conectores e orações. Nos exemplos abaixo, verifica-se a distribuição sintática da partícula focalizadora [.riki]. Dessa maneira, em (15) e (16), observa-se que [.riki] segue os D/NPs *ja fi* “jabuti”, em posição de sujeito de verbo intransitivo de ação, e *u xi* “farinha”, em posição de objeto de verbo transitivo:

SINTAGMA NOMINAL

- | | | | | |
|------|----------------------------------|-------------|--------------------------------|-------------------------|
| (15) | <i>ja fi</i> | <i>riki</i> | \emptyset - <i>peju:peju</i> | ɔ-fɔ |
| | jabuti | FOC | 3-soprar:soprar | 3-estar em movimento |
| | “É UM JABUTI que está tocando” | | | |
| | (Kakumasu, 1990:103) | | | |
| | | | | |
| (16) | <i>u xi</i> | <i>riki</i> | \emptyset - <i>juhei</i> | |
| | farinha | FOC | 3-desejo de comer | |
| | “É FARINHA que ele deseja comer” | | | |
| | (Kakumasu, 1990:188) | | | |

Já em (17) e (18), a partícula [**riki**] focaliza os verbos *-esak* “ver” e *-urĩ*

“estar alegre”:

SINTAGMA VERBAL

- (17) *a-esak* **riki** *nε* *kε* *r-εhε*
 eu-ver FOC tu AFET CT-a
 “VI você”

(Kakumasu, 1990:96)

- (18) *a ʔi* **h-urĩ** **riki**
 velha 3-estar alegre FOC
 “A VELHA ESTÁ ALEGRE”

(Kakumasu, 1990:127)

As orações em (19) e (20), por sua vez, mostram a partícula **riki** com escopo para os sintagmas posposicionais *kaixã pε* “no caixão” e *janε rεhε* “por nós”:

SINTAGMA POSPOSICIONAL

- (19) *kaixã* *Øpε* **riki** *kapitã* *Mi ʃik* *Ø-mɔnɔk*
 caixão CT-em FOC capitão Mesquita 3-mandar
 “É NO CAIXÃO que Capitão Mesquita (o) colocou”

(Kakumasu, 1990:190)

- (20) *janε* *r-εhε* **riki** *karai* *ta* *Ø-panu*
 nós CT-em FOC não-índio Q 3-falar
 “É POR NÓS que os não-índios chamaram”

(Kakumasu, 1990:169)

Outro contexto refere-se às situações em que a partícula focalizadora [.riki] figura depois dos conectores *aja* “assim” e *pε* “lá”, conforme indicam as orações (21) e (22):

CONECTORES

(21) *aja riki ame ʔē kurumĩ Ø-kanim-iha*
 assim FOC aquele menino CT-esconder-NOMI
 “FOI ASSIM o esconderijo [=a morte] daquele garoto”
 (Kakumasu, 1990:41)

(22) *pε riki Arau ʃu h-ɔk r-εna Ø-mu-katu*
 lá FOC Araújo NCT-casa CT-lugar 3-CAUS-ser
 bom

ɔ-ʃɔ

3-estar em movimento

“FOI LÁ que o Araújo limpou o lugar da (sua) casa”

(Kakumasu, 1990:166)

Por fim, podem ainda acontecer situações sintáticas em que a partícula [.riki] vem focalizando não apenas um constituinte menor, mas todo o predicado, como parecem demonstrar os dados a seguir em (23) e (24):

ORACÃO

(23) *Ø-je ʔē tεʔε riki*
 3-falar mesmo FOC
 “O QUE (ELE) FEZ FOI FALAR MESMO ”
 (Kakumasu, 1990:177)

(24) *p ɨt ɨm Ø-katu- ʔɨm riki*
 cigarro 3-ser bom-NEG FOC
 “CIGARRO FAZ MAL”
 (Caldas, 2001:61)

Outra forte evidência a favor da análise de não considerar a partícula [.kɛ] como foco surge do fato de um D/NP seguido por este clítico poder co-ocorrer com a partícula [.riki]. O fato de esses dois itens poderem co-ocorrer num mesmo D/NP sinaliza, uma vez mais, que eles têm funções distintas, a saber: (i) o clítico [.kɛ] indica papel-θ [AFETADO] e (ii) a partícula [.riki] codifica foco. Considerando essa co-ocorrência entre [.kɛ] e [.riki], proporei que eles devem figurar na seguinte ordem na configuração sintática abaixo:

(25) [FocP....[[Foc'....[NP] kɛ]] + riki]]

Vejam que os dados abaixo mostram que o item funcional [.riki], de fato, ocorre sistematicamente após o [.kɛ], e não o contrário:

(26) *ta ʔɪr* *kɛ* *riki* *Ø-pɪai* *tɛ* *hũ*
 filho AFET FOC 3-estar triste VER INT
 “É SEU FILHO que está muito triste”
 (Kakumasu, 1990:82)

(27) *ame ʔɛ* *sawa ʔɛ* *kɛ* *riki* *sarakai* *Ø-je ʔɛ-ha*
 Aquele homem AFET FOC saracáí CT-falar-NOMI

(27b) *aja* *tɛ ʔɛ* *a ʔɛ* *kɛ* *Ø-henu-ha*
 assim mesmo ele AFET CT-OUVIR-NOMI
 “É AQUELE HOMEM que ouviu como se fosse a fala de um saracáí”
 (Kakumasu, 1990:86)

Na próxima seção, apresento a proposta de Silva (2001) sobre o clítico [kɛ].

6.3 PROPOSTA DE SILVA (2001)

Silva (2001) elabora uma teoria na qual o clítico [kɛ] tem essencialmente a função de denotar, a partir do contexto pragmático, o sentido de afetação aos argumentos de um verbo, independentemente de suas posições sintáticas. Vejam o que afirma a autora:

“...os dados apresentados neste estudo mostram que a função de kɛ não é a de identificar uma expressão na função de objeto, distinguindo-o, dessa forma, do sujeito. (...) essa partícula é de natureza pragmática e serve essencialmente para sinalizar que alguém ou algo é afetado ou prejudicado de alguma forma, independentemente da função sintática que desempenha. No caso de desempenhar a função de objeto de algum verbo é natural que o nível pragmático se superponha ao nível semântico, tornando a interpretação de kɛ menos clara. Mas, por outro lado, tendo em vista que os objetos desses mesmos verbos podem ocorrer sem kɛ, há evidências suficientes de que essa partícula não é exigida pela estrutura argumental de verbos transitivos.” (Silva, 2001:44)

É interessante observar que a análise de Silva (2001) abrange todos D/NPs em posição de sujeito ou de objeto. Por essa razão, postularei doravante que, de fato, o clítico [kɛ] codifica o papel-θ [AFETADO], o que implica que o sentido de afetação não está circunscrito somente aos D/NPs em função de objeto como proposto por Kakumasu (1986). Diferentemente de Kakumasu (1986), assumirei

que esse clítico pode co-ocorrer não só com objetos de transitivos, mas também com sujeitos de intransitivos, particularmente os intransitivos inativos e estativos, com sujeito de transitivos e com complemento de posposições.

Na próxima seção, retomo a hipótese de Duarte e Garcia (2006) que assume o sentido de afetação, porém, considerando que o clítico [.**kɛ**] é uma manifestação morfossemântica do papel- θ [AFETADO].

6.4 CLÍTICO **kɛ COMO MARCA DE PAPEL- θ [AFETADO]**

Duarte e Garcia (2006) desenvolvem uma teoria, acompanhando o essencial da proposta de Silva (2001), de que o clítico [.**kɛ**], ao final das contas, codifica o papel- θ [AFETADO]. Assim, a hipótese desenvolvida é a de que o clítico [.**kɛ**] tem como função tornar visível, ao nível do componente sintático-semântico, o papel- θ [AFETADO] dos D/NPs na função sintática de sujeito de verbos intransitivos inativo e estativo e dos D/NPs na posição de objeto de verbos transitivos. Tal intuição fica particularmente assentada quando averiguamos os contextos em que o clítico [.**kɛ**] co-aparece no D/NP objeto de verbos transitivos e no D/NP sujeito de verbos intransitivos (estativos e inativos). Para tanto, vejam os dados a seguir:

[.kɛ] MARCANDO O

- (28) *upa makak sawa ʔɛ kɛ Ø-mu ʔɛ katu ɔ-hɔ*
 tudo macaco homem AFET 3-ensinar INTEN 3-ir
 “Tudo, o macaco ensinou intensamente ao homem”
 (kakumasu, 1990:7)

- (29) *a ʔɛ ʔɔk kɛ Ø-mujã*
 ele casa AFET 3-fazer
 “Ele faz a casa”.
 (Silva, 2001:39)

[.kɛ] MARCANDO So: VERBOS INTRANSITIVOS ESTATIVOS

- (30) *Ana kɛ h-e ʔõ ʔĩ*
 Ana AFET 3-ter cansaço PERF
 “Ana já cansou”
 (Caldas, 2001:26)

- (31) *puk ɛk kɛ Ø-katu tɛ*
 peixe assado AFET 3-ser bom VER
 “O peixe assado está ótimo”
 (Kakumasu, 1975)

[.kɛ] MARCANDO So: VERBOS INTRANSITIVOS INATIVOS

- (32) *ihẽ kɛ a- ʔar*
 eu AFET eu-cair
 “Eu caio”
 (Silva, 2001:47)

- (33a) *ta ʔin ta kɛ Ø-ji si ʔu*
 criança Q AFET 3-chorar

- (33b) *ja-jur rahã*
 nós-vir quando
 “As crianças choravam, quando nós viemos.”
 (Silva, 2001:46)

Notem nos predicados transitivos de (28) e (29) que os D/NPs objetos *sawa ʔɛ* “homem” e *ʔɔk* “casa” vêm acompanhados do clítico [.kɛ], sinalizando, assim, que os D/NPs são afetados no evento verbal. Nos predicados estativos e inativos de (30) a (33b), os D/NPs sujeitos, *Ana*, *puk ɛk* “peixe assado”, *ihē* “eu” e *ta ʔin* “criança” são marcados com o [.kɛ] codificando a afetação desses D/NPs no evento verbal.

Contudo, a mesma situação de marcação de papel-θ por meio do clítico [.kɛ] não se verifica em D/NPs de sujeito que ocupa a posição sintática de verbos intransitivos ativos (Sa) e transitivos ativos (A), pois, nesses predicados, os D/NPs carregam o papel-θ [AGENTE], codificando que esses D/NPs têm o controle da ação do evento verbal. Assim, esses argumentos não vêm, a princípio, seguidos do clítico [.kɛ], conforme mostram os exemplos de (34) a (37):

SUJEITO (Sa): VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS

- (34) *jan ɛ* *ja-je ʔar* *ja-in*
 nós nós-cantar nós-estar sentado
 “Nós estamos cantando”

(Caldas, 2001:47)

- (35) *n ɛ* *re-wa:wak* *m ĩ ?*
 tu tu-rodar INTERR
 “Tu rodastes?”

(Silva, 2001:18)

SUJEITO (A): VERBOS TRANSITIVOS

- (36) *ta ʔɪn* *h_i-okwen* *kɛ* *∅-nupã* *u-ʔam*
criança NCT-porta AFET 3-bater 3-estar em pé
“A criança está (em pé) batendo à porta (dele)”
(Caldas, 2001:50)

- (37) *isawi ʔa* *upa* *ihẽ* *ma ʔɛ* *kɛ* *∅-su ʔu:su ʔu*
rato tudo minha roupa AFET 3-roer:roer
“O rato roeu toda a minha roupa”
(Caldas, 2001:53)

Tanto nos predicados intransitivos ativos quanto nos transitivos, notem que os sujeitos *janɛ* “nós” e *nɛ*, em (34) e (35), e *ta ʔɪn* “criança” e *isawi ʔa* “rato”, em (36) e (37), não recebem o clítico [.kɛ].

Ainda sobre o escopo do clítico [.kɛ] nos D/NPs em posição de objeto de verbo transitivo (O) e sujeito de verbo monoargumental (intransitivos estativo e inativo), destaco que o clítico [.kɛ] pode ou não ocorrer com esses argumentos, mas nunca esses argumentos deixarão de ter o papel-θ [AFETADO], conforme exemplificam os dados listados abaixo:

OBJETO (O) DE VERBO TRANSITIVO

- (38) *makaser* *∅* *a ʔɛ* *∅-hupi* *katu*
macaxeira AFET ela 3-carregar INTEN
“Ela carregou bem a macaxeira”
(Informante: W.K.)

SUJEITO (So) DE VERBO ESTATIVO

- (39) *kaka* \emptyset \emptyset -*tawa* *katu*
cacau AFET 3-ser amarelo INTEN
“O cacau está muito amarelo”

(Informante: G.K.)

Notem que, embora os D/NPs objeto *makaser* “macaxeira” e *kaka* “cacau” não ocorrem com o clítico [**kɛ**], o papel- θ [AFETADO] continua inerente a esses argumentos. Por isso, uma maneira de manter a intuição de que esses D/NPs, de fato, recebem papel- θ [AFETADO] é postular que o clítico [**kɛ**], embora não esteja realizado fonologicamente na morfossintaxe, está presente no nível da representação lógica.

Aqui, posso propor a seguinte generalização descritiva para delimitar o escopo morfossintático do clítico [**kɛ**] em Ka’apor:

(I) FUNÇÃO MORFOSSEMÂNTICA DO CLÍTICO *kɛ*

*O clítico [**kɛ**] tem a função morfossemântica de codificar papel- θ [AFETADO] aos D/NPs em posição de objeto de verbos transitivos e em posição de sujeito de verbos monoargumentais (intransitivos estativo e inativo). Com relação à manifestação morfológica, o [**kɛ**] pode ou não ocorrer enclítico a esses argumentos.*

Na próxima seção, mostro que o clítico [**kɛ**] pode ainda ter escopo sobre o sujeito de verbos de ação (=os transitivos e os intransitivos ativos), o que pode parecer, a princípio, inusitado, visto que viola a generalização proposta em (I).

6.5 OCORRÊNCIA DO CLÍTICO **kɛ** EM SUJEITOS DE VERBOS DE AÇÃO

Além dos contextos arrolados na seção anterior, notei, a partir dos dados colhidos até o momento, que há outros contextos nos quais o clítico [**kɛ**] pode curiosamente figurar. O [**kɛ**] vem enclítico a D/NPs que ocupam a posição de sujeito de verbos de ação (=transitivos e intransitivos ativos). Assim, embora os sujeitos de verbo de ação sejam prototipicamente marcados com o papel- θ [AGENTE], observei que, quando eles vêm acompanhados do clítico [**kɛ**], o seu o papel- θ [AGENTE] é alterado para o papel- θ [AFETADO]. Os dados a seguir mostram estas ocorrências:

VERBOS TRANSITIVOS

(41) *tamũ kɛ mɛra kɛ Ø-monɔk*
velho AFET árvore AFET 3-derrubar

hũ tɛ jɛ tĩ
INT VER DISQUE REP

“Diz que o velho derrubou bastante árvore (na roça)”

(Informante: Q. K.)

(42) *aʔɛ kɛ u-ʔu ta pɛpɛhu kɛ tĩ*
ele AFET 3-comer IMPERF coruja AFET REP
“Ele vai comer coruja”

(Silva, 2001:53)

VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS

- (43) *Purutu* *kɛ* *Ø-ahem*
Purutu AFET 3-gritar
“Purutu gritou [de dor]”

(Informante: Q.K.)

- (44) *Maíra* *kɛ* *Ø-wata*
Maíra AFET 3-andar
“Maira andou [com sofrimento]”

(Informante: Q. Ka'apor)

Observei que tanto nas orações com predicados transitivos, (41) e (42), quanto nas orações com predicados intransitivos ativos, (43) e (44), os D/NPs *tamũi* “velho”, *a ʔɛ* “ele”, *Purutu* e *Maíra* são marcados pelo clítico [**kɛ**], o que sinaliza que esses argumentos carregam a propriedade semântica de serem afetados, embora sejam também os agentes da ação.

Na próxima seção, irei descrever o escopo que o clítico [**kɛ**] tem sob os D/NPs complemento dos sintagmas posposicionais. Ressaltarei que, da mesma forma como acontece com os argumentos nucleares em posição de sujeito dos predicados transitivo e intransitivos ativos, os D/NPs complementos de posposições também serão marcados com o papel- θ [AFETADO].

6.6 CLÍTICO **kɛ** NOS COMPLEMENTOS DOS SINTAGMAS POSPOSICIONAIS

Quando o [**kɛ**] ocorre enclítico aos D/NPs em posição de complemento dos sintagmas posposicionais, ela codificará que o complemento carrega a propriedade de estar sendo afetado no evento verbal. Essa afetação capta a noção semântica de que o complemento pode ser prejudicado ou causar danos a outros referentes envolvidos no evento. A seguir, arrolo exemplos de orações que mostram o complemento da posição acompanhado do clítico [**kɛ**].

PAPEL-θ [OBJETIVO-AFETADO]

Na oração (45), o complemento da posição *rɛhɛ* “em” - *upa maʔɛ* “todas as coisas” - é marcado com o clítico [**kɛ**]. Na narrativa “*pɛai tɛʔɛ hũ ame ʔẽ kɛ*” “o magoado”, o sujeito da oração bebe um líquido feito com mandioca que provoca alucinações. Então, o clítico [**kɛ**], nesse D/ NP, traz o sentido de que as coisas vistas pelo sujeito são conseqüências da bebida feita com a mandioca.

- (45) *upa maʔɛ kɛ r-ɛhɛ u-esak*
tudo coisa OBJE-AFET CT-em 3-ver
“(Ele) viu todas as coisas” [=fogo, água, tamata]

(Kakumasu, 1990:87)

Na oração (46a), o D/NP *m̄ira p̄irer* “casca da árvore”, complemento da posição *r̄eh̄e* “em”, vem acompanhado do clítico [**.k̄e**], pois, na narrativa “*juru p̄ihun*” “o boca preta”, a casca da árvore se transforma num peixe, conforme se vê em (46b). Por isso, esse D/NP recebe papel-θ [OBJETIVO-AFETADO].

(46a) *p̄e m̄ira Øp̄irer k̄e r̄-eh̄e t̄eʔe*
 lá árvore CT-pêlo OBJE-AFET CT-em mesmo

u-hĩ

3-estar

“Lá estava uma casca de árvore”

(46b) *m̄ira Øp̄irer k̄e t̄eʔe p̄ira-wan Ø-mu-wak*
 árvore NCT-pêlo AFET mesmo peixe-PROSP 3-CAUS-virar
 “A casca de árvore se transformará num peixe”

(Kakumasu, 1990:21)

PAPEL-θ [BENEFICIÁRIO-AFETADO]

Nas orações (47) e (48), os complementos da posição *p̄e* “em” - *jan̄e* (nós) e *ih̄ẽ* “eu” – ocorrem com o clítico [**.k̄e**], pois, nos textos, esses D/NPs são prejudicados com objetos que lhes causam prejuízos, a saber: um jabuti podre e uma bebida venenosa.

- (47) *nε i-nem re-r-ur*
 tu NCT-podridão tu-CAUS.COMIT-*vir*
- janε kε Ø-pε*
 nós BENE-AFET CT-para
 “Você fez vir consigo um jabuti estragado para nós”
- (Silva, 2001:52)

- (48) *aʔε ta maʔε Ø-jukwa-ha*
 ele q coisa 3-matar-NOMI
- ihẽ kε Ø-pε Ø-me ʔẽ*
 eu BENE-AFET CT-para 3-dar
 “Eles deram a coisa da morte para mim” [Lit: Eles deram veneno para mim].
- (Kakumasu, 1990:52)

PAPEL-θ [ALVO-AFETADO]

Em (49), o complemento posposicional *jaɲwate r-aj ɣr* “a filha da onça” é marcado com o clítico [**kε**] por trazer danos ao sujeito da oração, o coelho. E no exemplo (50), o [**kε**] vem enclítico ao complemento *janε* “nós”, pois significa que a fala dos brancos é prejudicial aos Ka’apor.

- (49) *pε jaɲwate r-aj ɣr kε Ø-namõ*
 e onça CT-filha ALVO-AFET CT-com
- tεʔε u-kwer o-u ʔĩ*
 mesmo 3-dormir 3-deitar PERF
 “E [ele = o coelho] deitou e dormiu com a filha da onça”
- (Kakumasu, 1990:110)

- (50) \emptyset -je $\mathcal{P}\bar{e}$ $h\bar{u}$ $karai$ ta $jan\ \epsilon$ $k\ \epsilon$
 3-falar INT não-índio Q nós ALVO-AFET
- r - $\epsilon h\ \epsilon$
 CT-em
 “A fala dos não-índios [= os brancos] para nós [= Ka’apor]”
 (Kakumasu, 1990:168)

Com base no exposto até o momento, posso ampliar a generalização (I) para incluir os contextos em que o clítico [**kε**] figura enclítico a sujeitos de verbos transitivos e intransitivos de ação e a complemento de posposição, de modo que a generalização pode ser assim proferida:

(II) ESCOPO DO CLÍTICO *kε* EM D/NPs [AGENTE] E COMPLEMENTOS DE SINTAGMAS POSPOSICIONAIS

*Quando o clítico [**kε**] tem escopo sobre D/NPs em posição de sujeito de predicados transitivos e intransitivos ativos e complemento de posições, o papel-θ atribuído a esses argumentos será [AFETADO]. E para esses argumentos receberem o papel-θ [AFETADO] é necessário a ocorrência morfossintática do clítico [**kε**].*

Na próxima seção, o objetivo é investigar qual é o real estatuto gramatical do papel-θ [AFETADO] em sentenças transitivas e intransitivas. Defenderei que o rótulo [AFETADO] não abrange as nuances semânticas envolvidas nos contextos de ocorrência do clítico [**kε**] apresentados até aqui.

6.7 ESTATUTO GRAMATICAL DO PAPEL- θ [AFETADO]

Até aqui, venho assumindo que o clítico [.kɛ] reflete a manifestação do papel- θ [AFETADO] nos argumentos nucleares dos predicados verbais e dos sintagmas posposicionais. Contudo, observando a atribuição do papel- θ [AFETADO] ao sujeito de verbos transitivos e intransitivos ativos, nota-se que a utilização da nomenclatura [AFETADO] não permite distinguir as nuances semânticas do papel- θ que os sujeitos de verbos de ação recebem, quando ocorrem com o clítico [.kɛ]. Nesta linha de investigação, surge a seguinte indagação: nas orações de (51) a (55) a seguir, será que todos os D/NPs que recebem o clítico [.kɛ] possuem a mesma forma de afetação ou há variação dentro dessa afetação?

VERBO TRANSITIVO

| | | | | | |
|------|--|-----------|--------------|-----------|----------------|
| (51) | <i>tamũĩ</i> | <i>kɛ</i> | <i>m ĩra</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-mɔnɔk</i> |
| | velho | AFET | árvore | AFET | 3-derrubar |
| | <i>hũ</i> | <i>tɛ</i> | <i>jɛ</i> | <i>tĩ</i> | |
| | INT | VER | DISQUE | REP | |
| | “Diz que o velho derrubou bastante árvore (na roça)” | | | | |
| | (Informante: Q. K.) | | | | |

VERBO INTRANSITIVO ATIVO

| | | | |
|------|--------------------------|-----------|---------------|
| (52) | <i>Purutu</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-ahem</i> |
| | Purutu | AFET | 3-gritar |
| | “Purutu gritou [de dor]” | | |
| | (Informante: Q.K.) | | |

VERBO INTRANSITIVO INATIVO

- (53) *Amõ* *sawa ʔε* *r-a ʔĩr* *kε* *u- ʔar*
outro homem CT-filho AFET 3-nascer
“O outro filho do homem nasceu”

(Informante: P.K.)

VERBO ESTATIVO

- (54) *kaka* *kε* *Ø-tĩarõ* *katu*
cacau AFET 3-ser maduro INTEN
“O cacau está muito maduro”

(Informante: G.K.)

SINTAGMA POSPOSICIONAL

- (55) *jarusu* *kε* *r-εhε* *ɔã*
canoa ALVO-AFET CT-em o pessoal

u-hĩk *u-wĩr* *tĩpε*
3-chegar 3-vir FRUST
“O pessoal chegou na canoa”

(Kakumasu, 1990:212)

Para responder à pergunta formulada acima, irei assumir a proposta de Cançado (2005) segunda a qual os papéis- θ podem ser considerados como um grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento nuclear a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda proposição na qual esse argumento se encontra. As propriedades semânticas dos papéis- θ estabelecidas pela autora são as seguintes:

- (i) Propriedade de controle: essa propriedade está associada à capacidade de se interromper uma ação, um processo ou um estado:
- (56) João quebrou o vaso – João contém a propriedade de controle;
- (ii) Propriedade de desencadeador: essa propriedade faz referência ao argumento que desencadeia o evento:
- (57) João quebrou a janela – João tem as propriedades de controle e desencadeador;
- (58) João quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão – João tem a propriedade de desencadeador;
- (iii) Propriedade de afetado: essa propriedade corresponde à mudança de estado:
- (59) João matou seu colega – colega possui a propriedade de afetado;
- (iv) Propriedade de estativo: essa propriedade é definida por não alterar as características do argumento num intervalo de tempo:
- (60) João leu um livro – livro contém a propriedade de estativo

Tomando por base a proposta de que o papel- θ [AFETADO] pode ser integrado como uma das várias propriedades semânticas que um determinado argumento nuclear pode assumir, proporei a seguinte tipologia:

| PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DO PAPEL-θ [AFETADO] | | |
|---|---|--|
| Transitivo e Intransitivo ativo: D/NP $k\epsilon$ - sujeito | Transitivo: D/NP- $k\epsilon$ - objeto Intransitivo Inativo: D/NP- $k\epsilon$ - sujeito Posposição: D/NP-$k\epsilon$ | Estativo: D/NP-$k\epsilon$ sujeito |
| + Afetado + Controle + Desencadeador - Estativo | + Afetado - Controle - Desencadeador - Estativo | + Afetado - Controle -Desencadeador + Estativo |
| Quadro 11 | | |

De acordo com o quadro 11, assumirei que o papel- θ [AFETADO] se manifesta da seguinte maneira nos diferentes tipos de argumentos nucleares de verbos transitivos, intransitivos (ativos, inativos e estativos) e sintagmas posposicionais:

- (a) D/NPs em posição sujeito de predicados transitivos e de intransitivos ativos são caracterizados por conter as seguintes propriedades semânticas: [+ AFETADO; +DESENCADADOR; + CONTROLE; -ESTATIVO]. Nas orações de (61) a (65), os D/NPs sujeito de verbo transitivo e intransitivo ativo tem controle e são desencadeadores, mas recebem sempre algum tipo de afetação no evento verbal. Para ilustrar esses contextos, arrolo os dados a seguir:

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DOS SUJEITO DE VERBO TRANSITIVO: [+AFETADO; +
DESENCADEADOR; + CONTROLE; -ESTATIVO]

- (61) *tamũ kɛ* *mɛra* *kɛ* *Ø-mɔnɔk*
 velho AFET árvore AFET 3-derrubar
- hũ* *tɛ* *jɛ* *tĩ*
 INT VER DISQUE REP
 “Diz que o velho derrubou bastante árvore (na roça)”²⁹
 (Informante: Q. K.)
- (62) *ame ʔẽ* *kɛ* *awa fi* *Ø-pɛahu* *kɛ* *u-ʔu*
 aquela AFET milho 3-ser novo AFET 3-comer
 “Aquele [a moça menstruada] comeu o milho que é novo”
 (Kakumasu, 1990:51)
- (63) *ihẽ* *kɛ* *a-jeɣar* *ta*
 eu AFET eu-cantar IMPERF
 “Eu cantarei”
 (Informante: Q.K)
- (64) *Maíra* *kɛ* *Ø-wata*
 Maíra AFET 3-andar
 “Maíra anda (com sofrimento)”
 (Informante: Q.K)
- (65) *jan ɛ* *kɛ* *ja-pɛkũj* *ta* *mɛ*
 nós AFET nós-remar IMPERF INTERR
 “Nós remaremos (com esforço físico)”
 (Informante: Q.K.)

(b) D/NPs em posição de objeto de predicado transitivo, sujeito de predicado intransitivo inativo e complemento de posições possuem as seguintes

²⁹ Essa frase traz o sentido de que o trabalho na roça envolve o desgaste físico. Por isso, o sujeito *tamũ* “velho” é marcado com a partícula [.kɛ].

propriedades semânticas: [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; - ESTATIVO]. Nas orações de (66) e (67), notem a partícula [**kɛ**] nas posições sintáticas supracitadas:

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DO OBJETO DE VERBO TRANSITIVO E SUJEITO DE VERBO INTRANSITIVO INATIVO: [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; - ESTATIVO]

- (66) *amõ* *i-mu* *Ø-mahem* *ja ſi* *kɛ*
 outro NCT-irmão 3-achar jabuti AFET
 “O outro irmão (dele) achou o jabuti”
 (Kakumasu, 1990:13)

- (67) *ma ʔɛ* *kɛ* *Ø-kukui*
 coisa AFET 3-cair
 “Algo caiu”
 (Kakumasu, 1989)

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DO D/NP COMPLEMENTO DA POSPOSIÇÃO: [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; - ESTATIVO]

- (68) *sawa ʔɛ* *kɛ* *r-ɛhɛ* *tɛ ʔɛ*
 homem AFET CT-em mesmo

kurupir *Ø-parahĩ* *tɛ* *ʔĩ*
 Curupira 3-zangar VER PERF
 “Curupira zangou-se realmente com o homem”
 (Kakumasu, 1990:17)

- (69) *upa* *ma ʔɛ* *kɛ* *r-ɛhɛ* *u-esak*
 todo coisa OBJE-AFET CT-em 3-ver
 “(Ele) viu todas as coisas” [=fogo, água, tamata]
 (Kakumasu, 1990:87)

Averigüei ainda que, quando o clítico ocorre com D/NPs sujeitos de verbos transitivos e intransitivos ativos e em complementos de posposições, teremos argumentos marcados com o papel- θ [AFETADO].

E por fim, fiz uma análise preliminar das propriedades semânticas que constituem o papel- θ [AFETADO] atribuído pelos verbos e posposições aos seus argumentos. Estabeleci que D/NPs em posição sujeito de predicados transitivos e intransitivos ativos são caracterizados por conter as seguintes propriedades semânticas: [+AFETADO; + DESENCADEADOR; + CONTROLE; - ESTATIVO]; D/NPs em posição de objeto de predicado transitivo, sujeito de predicado intransitivo inativo e complemento de posposições têm as propriedades semânticas [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; - ESTATIVO]; D/NPs em posição de sujeito de predicado intransitivo estativo possuem as propriedades semânticas [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; +ESTATIVO].

No próximo capítulo, faço a análise dos alinhamentos nos predicados verbais em Ka'apor. Desenvolvo a hipótese de que essa língua aciona quatro tipos de alinhamentos, a saber:

- (i) o nominativo-absolutivo;
- (ii) o ergativo paciente;
- (iii) o intransitivo fluído (*Fluid-S Systems*);
- (iv) o neutro.

CAPÍTULO 7

ALINHAMENTO NOS PREDICADOS VERBAIS

Neste capítulo, investigo a realização dos alinhamentos em predicados verbais na língua Ka'apor. As pesquisas de Corrêa da Silva (1997); Kakumasu, (1986) e Jensen, (1998) têm classificado o Ka'apor como uma língua que contém somente o padrão nominativo/acusativo. Todavia, a análise que desenvolvo neste capítulo busca testar uma hipótese alternativa, mais precisamente a de que o Ka'apor, na verdade, exhibe quatro tipos de alinhamento, a saber:

- (i) o nominativo-absolutivo;
- (ii) o ergativo paciente;
- (iii) o intransitivo fluido (*Fluid-S Systems*);
- (iv) o neutro.

Conforme mostrarei mais adiante, posso afirmar, com certa segurança, que, na língua Ka'apor, o padrão nominativo se realiza (i) pelo alinhamento que ocorre entre os D/NPs em posição de sujeito de verbos transitivos (A) e em posição de sujeito de intransitivos (S) e (ii) pela ocorrência dos prefixos pessoais no núcleo verbal. Nota-se que, em geral, esses prefixos fazem referência somente aos argumentos nucleares que estejam em posições de sujeito de predicados transitivos (A) e de sujeito de predicados intransitivos não-estativos (S). Já o padrão absolutivo é determinado por dois fatores, a saber: (i) pela marcação dos prefixos relacionais - {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} - nos verbos estativos e (ii) pela

posição enclítica do clítico [**.kɛ**] em D/NPs sujeitos de verbos estativos e objeto de verbos transitivos.

Vejam que a cisão em Ka’apor é, em parte, condicionada pela natureza semântica dos predicados estativos e, em parte, pelo papel temático que os argumentos nucleares apanham dos seus predicadores. Outro condicionamento é de natureza morfosintática e tem a ver com a distribuição complementar que se observa entre os prefixos nominativos e os prefixos relacionais (absolutivos).

O alinhamento nominativo pode ser visualizado nos exemplos de (1) a (3) onde os sujeitos (A) e (S) são codificados no verbo por meio dos prefixos nominativos {u- ∞ Ø-}:

VERBO TRANSITIVO: SUJEITO (A)

- | | | | | | |
|-----|---------------------------|---------------|-----------|--------------|-------------|
| (1) | <i>arapuha</i> | <i>tareka</i> | <i>kɛ</i> | <i>u- ʔu</i> | <i>katu</i> |
| | veado | tareka | AFET | 3-comer | INTEN |
| | “O veado come bem tareca” | | | | |
| | (Kakumasu, 1989) | | | | |

VERBOS INTRANSITIVOS NÃO-ESTATIVOS: SUJEITO (S)

- | | | | | | |
|-----|------------------------|--------------------|------------|--|--|
| (2) | <i>kiatāj</i> | <i>Øjahuk- ʔɛm</i> | | | |
| | menina | 3-banhar-NEG | | | |
| | “A menina não banhou” | | | | |
| | (Silva, 2001:10) | | | | |
| (3) | <i>aman</i> | <i>u-kɛr</i> | <i>uhũ</i> | | |
| | chuva | cair/chover | INTEN | | |
| | “A chuva choveu muito” | | | | |
| | (Kakumasu, 1989) | | | | |

Já nos exemplos de (4) a (7), aciona-se o alinhamento absoluto. Neste alinhamento, os prefixos relacionais {r-} e {h-} nos verbos estativos e a ocorrência do clítico [.kɛ] em D/NPs objeto de verbos transitivos e sujeito de verbos estativos desempenham papel determinante para o alinhamento entre (S) e (O).

VERBOS ESTATIVOS: PREFIXOS RELACIONAIS {r-} e {h-}

- (4) *ihẽ* *r-ur ð- ʔɛm*
 Eu ABS-ter alegria-NEG
 “Eu não tenho alegria”
 (Silva, 2001:5)

- (5) *ihẽ* *r-ua* *h-ɛaj- ʔɛm* *rĩ*
 eu CT-rostos ABS-ter suor-NEG IMPERF
 “O meu rosto ainda não está completamente suado”
 (Silva, 2001:6)

VERBOS TRANSITIVOS E ESTATIVOS: CLÍTICO [.kɛ]

- (6) *arahã* *sawa ʔɛ* *tajahu* *ta* *kɛ*
 depois homem queixada Q AFET

Ø-wa ʃĩ *ɔ-hɔ*
 3-encontrar 3-ir
 “Depois o homem foi encontrar com um grupo de queixadas”
 (Informantes do curso de 2008)

- (7) *ihẽ* *kɛ* *Ø-pahar*
 eu AFET ABS-ter pressa
 “Eu tenho pressa”
 (Silva, 2001:7)

Outro tipo de alinhamento acionado é o ergativo paciente. Neste último, leva-se em consideração apenas o escopo do clítico [**kɛ**] que, como propus no capítulo precedente, sinaliza papel-θ [AFETADO] a (O) e (S). Assim sendo, com base no escopo morfossemântico dessa partícula, a hipótese que desenvolverei é que há o alinhamento entre os D/NPs na função de sujeito de verbo transitivo (A) e de sujeito de verbo intransitivo ativo (Sa), por um lado, e entre o sujeito de verbo intransitivo inativo e estativo (So) e de objeto de verbo transitivo (O), por outro lado. Neste alinhamento, argumentarei que os sujeitos (A) e (Sa), quando apanham papel-θ de [AGENTE], nunca co-ocorrem com o clítico [**kɛ**], oposto ao que se observa com os sujeitos (So) de intransitivos (=inativos e estativos) e com o objeto (O) de verbos transitivos, os quais figuram com o clítico [**kɛ**]. A teoria que proponho é a de que este clítico, além de atribuir papel temático, também contribui no surgimento do padrão absolutivo, ao alinhar semanticamente os argumentos nas funções (So) a (O), conforme sugerem os dados a seguir:

VERBO TRANSITIVO: CLÍTICO [**kɛ**] EM (O)

- | | | | | |
|-----|----------------------------|---------------|-----------|---------------|
| (8) | <i>ka</i> | <i>kurumĩ</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-jupi</i> |
| | abelha | menino | AFET | 3-ferruar |
| | “A abelha ferrou o menino” | | | |

(Kakumasu, 1989)

VERBO INTRANSITIVO INATIVO: CLÍTICO [.kɛ] EM (So)

- (9) *ame ʔẽ* *kɛ* *u-k^wɛr* *katu* *tɛ* *o-u-p*
aquela AFET 3-dormir INTEN VER 3-estar deitado-LOC
“Aquela [= boca preta] dormiu realmente bem ali”
(kakumasu, 1990:22)

VERBO ESTATIVO: CLÍTICO [.kɛ] EM (So)

- (10) *ɔk* *kɛ* *i-tuwɨr* *uhũ*
oca AFET ABS-ser branco INTEN
“Oca é branca”
(Kakumasu, 1990:55)

Para avaliar a validade e o alcance das hipóteses propostas acima, divido este capítulo da seguinte maneira: na seção 7.1, defino o termo alinhamento de predicados verbais; na seção 7.2, exponho os tipos de alinhamento encontrado nas línguas naturais; na seção 7.3 analiso os alinhamentos na língua Ka’apor; e por fim, na seção 7.4, resumo as idéias gerais do capítulo.

7.1 ALINHAMENTO DE PREDICADOS VERBAIS: DEFINIÇÃO

Considerando a perspectiva tipológica (Comrie, 1978; Dixon, 1994; Payne, 1997; e Whaley, 1997), o alinhamento de predicados é o agrupamento gramatical que se realiza entre os argumentos nucleares (A), (S) e (O). Esse agrupamento determina os tipos de alinhamentos existentes nas línguas naturais.

A realização morfossintática dos alinhamentos nas línguas pode se manifestar por meio dos seguintes mecanismos gramaticais, a saber: (i) marcas

morfológicas nos D/NPs; (ii) concordância verbal; e (iii) ordem dos argumentos nucleares na oração. É importante ressaltar que as línguas podem utilizar de um ou mais de um desses expedientes. Abaixo, exemplifico cada um desses mecanismos gramaticais usados na configuração dos alinhamentos nas orações:

7.1.1 MARCA MORFOLÓGICA NOS D/NPS

Notem que os exemplos do latim em (11a) e (11b) mostram a marcação casual dos D/NPs em posição de argumento nuclear. A alternância das marcas morfossintáticas nos D/NPs leva a relações gramaticais distintas com o predador, isto é, os D/NPs *Petrus* e *amicum*, em (11a), são marcados respectivamente com caso nominativo que sinaliza a função de sujeito e acusativo que sinaliza a função de objeto. Já em (11b), as funções se modificam com *Petrum* e *amicus*, marcados com caso acusativo e nominativo, que agora assumem a função de objeto e sujeito da oração respectivamente:

(11a) *Petr-us* *amic-um* *uisitat*
Pedro-NOM amigo-AC visita
“Pedro visita o amigo”

(11b) *Petr-um* *amic-us* *uisitat*
Pedro-AC amigo-NOM visita
“O amigo visita Pedro”

7.1.2. CONCORDÂNCIA VERBAL

O mecanismo de concordância verbal caracteriza-se pela ocorrência de afixos verbais para codificar o sujeito ou o objeto. No português brasileiro, o alinhamento nominativo se manifesta através da desinência número-pessoal que figura no tema verbal fazendo referência ao D/NP que exerce a função de sujeito de verbos transitivos e intransitivos. Portanto, a diferença entre o latim e o português é que o D/NP sujeito, em português, não carrega nenhuma marca morfológica³⁰, ao contrário do D/NP sujeito em latim:

(12a) João as chutou ~ João chutou elas

(12b) Elas chutaram o João

7.1.3. ORDEM DOS CONSTITUINTES

Na língua Makusi, a ordem dos constituintes reflete o alinhamento ergativo-absolutivo. Nessa língua, o objeto de verbo transitivo (O) e sujeito de verbo intransitivo (S) sempre figuram numa posição pré-verbal, ao contrário do sujeito de verbo transitivo (A) que assume a posição pós-verbal. Dessa maneira a ordem dos argumentos nucleares em Makusi mostra um alinhamento entre (S) e (O) que não inclui (A). Esse contexto de ordenação dos argumentos na oração indica a ocorrência do padrão ergativo-absolutivo. Nos exemplos (13) e (14),

³⁰ No Português, há marcas morfológicas apenas no sistema pronominal, o que é resquício de Caso que proveio do Latim.

nota-se que (S) e (O) assumem a posição pré-verbal, enquanto (A) está na posição pós-verbal:

VERBO INTRANSITIVO: ORDEM SV

- (13) *pemonkon-yami* *witi-pi*
homem-AFET ir-POSP
“O homem foi”

VERBO TRANSITIVO: ORDEM OVA

- (14) *tuna* *ekaranmapo-pi* *uuri-ya*
água perguntar-POSP eu-ERG
“Eu pedi por água”

(Whaley, 1997:157)

Na próxima seção, arrolo os tipos de alinhamentos de predicados verbais possíveis nas línguas naturais, a saber: nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo/puro, ergativo ativo, tripartite e neutro.

7.2 TIPOS DE ALINHAMENTOS

Com relação aos tipos de alinhamentos, faz-se necessário observar como se dá o alinhamento entre os argumentos nucleares (A), (S) e (O) de verbos transitivos, intransitivos não-estativos e estativos. Tomando por base o alinhamento desses argumentos nucleares, a literatura tipológica detecta, pelo menos, cinco subtipos de alinhamentos: nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo/ergativo puro, ergativo ativo, tripartido e neutro.

7.2.1 NOMINATIVO-ACUSATIVO E ERGATIVO-ABSOLUTIVO/ ERGATIVO PURO

O alinhamento nominativo-acusativo é caracterizado por alinhar o sujeito do verbo transitivo (A) do mesmo modo que o sujeito do verbo intransitivo (S). Neste sistema, os argumentos (A) e (S) são os argumentos não-marcados, enquanto o objeto (O) é o termo marcado. É o que se verifica nos dados a seguir em que o D/NP objeto, nas orações da língua Huánuco, é marcado com o sufixo {-ta}, ao passo que os sujeitos (A) e (S) vêm sem nenhuma marca morfológica. Tal situação possibilita o alinhamento entre (A) e (S) diferindo de (O):

- (15a) *Juan aywan*
Juan ir
“Juan foi”
- (15b) *Juan Pedro-ta maqan*
Juan Pedro-AC bater
“Juan bateu em Pedro”

(Payne, 1997:134)

Já no alinhamento ergativo-absolutivo/ergativo puro ocorre o oposto, pois o D/NP que recebe a marca morfológica é o sujeito do verbo transitivo (A). Neste padrão, o sujeito do verbo intransitivo (S) e o objeto do verbo transitivo (O) não recebem nenhum morfema para indicar o padrão absolutivo.

O padrão ergativo puro é identificado na língua Kuikúro da família Karib. Nessa língua, o sujeito (A) recebe a posposição *heke* para marcar o padrão

ergativo, enquanto o sujeito (S) e o objeto (O) não recebem um morfema casual específico para o padrão absolutivo, permanecendo, por esta razão, não marcado.

As orações (16a) a (17b) ilustram o sistema ergativo-absolutivo do Kuikuro.

(16a) *ekege* *apiüngu*
 onça morrer-PONT
 “A onça morreu”

(16b) *ekege* *apiüngu-ne-nügü* *u-heke*
 onça morrer-TR-PONT eu-ERG
 “Eu fiz a onça morrer”

(17a) *itsuni* *uga-nügü*
 mato queimar-PONT
 “O mato queimou”

(17b) *itsuni* *uga-ne-nügü* *u-heke*
 mato queimar-TR-PONTU eu-ERG
 “Eu queimei o mato”

(Francheto e Santos, 2001:104)

O esquema seguinte expressa o alinhamento dos argumentos nucleares dos dois padrões supracitados:

| Alinhamento | argumento | Alinhamento |
|---|-----------|-------------|
| Nominativo | | Ergativo |
| | A | Ergativo |
| Nominativo | { | |
| | S | |
| | } | |
| Acusativo | O | Absolutivo |
| Alinhamentos Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo | | |

7.2.2 ERGATIVO ATIVO

Já o alinhamento ergativo ativo opera uma subdivisão nos verbos intransitivos (ativos, inativos e estativos) em que o sujeito do verbo ativo (Sa) alinha-se ao sujeito-agente do verbo transitivo (A), enquanto o sujeito dos verbos inativos e estativos (So) alinham-se ao objeto (O) dos verbos transitivos.

Na língua Marubo da família Pano, consoante Costa (2002:97), os verbos transitivos e intransitivos ativos recebem os pronomes livres que se cliticizam ao verbo com a nasalização da vogal final dos pronomes, como se vê em (19a), (19b), (20a) e (20b).³¹ Já os verbos intransitivos inativos não ocorrem com o pronome clítico, como nas orações (21a) e (21b):

³¹ Em Marubo, o padrão ergativo-absolutivo manifesta-se nos argumentos nucleares. Considerando os pronomes, identifica-se a nasalização vocálica como marca da ergatividade e a ausência dessa nasalização como a realização de caso absoluto. No quadro a seguir, exponho os pronomes livres, que podem ser realizados como argumentos nucleares, e a forma clítica desses pronomes no verbo. Quando os pronomes são proclíticos ao verbo, verifica-se uma cisão intransitiva nos verbos em Marubo, isto é, os verbos transitivos e intransitivos ativos recebem o

VERBOS TRANSITIVOS COM PRONOMES CLÍTICOS

(19a) *matũ* *ĩa-∅* *mã-ʃutũ-ai*
 vocês-ERG eu-ABS vocês-empurrar-PRES
 “Vocês me empurram”

(19b) *nukĩ* *miã-∅* *nũ-tʃaʃi-ai*
 nós-ERG galho-ABS nós-quebrar-PRES
 “Nós quebramos o galho”

VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS COM PRONOMES CLÍTICOS

(20a) *ĩa-∅* *ĩ-wiʃa-i-ki*
 eu-ABS eu-escrever-estar-PRES
 “Eu estou escrevendo”

(20b) *mia-∅* *ramaka-si* *mĩ-munu-ai*
 você-ABS agora-MODO você-dançar-PRES
 “Você está dançando agora”

pronome clítico nasal, sinalizando a agentividade do D/NP sujeito do verbo, e os verbos inativos não vêm acompanhados com os pronomes clíticos:

| PESSOA | SINGULAR | | | PLURAL | | |
|---|----------------------|--------------------|--------------------------------|----------------------|---------------------|--------------------------------|
| | Pronomes Absolutivos | Pronomes Ergativos | Pronome Clítico Marca Ergativa | Pronomes Absolutivos | Pronomes Ergativos | Pronome Clítico Marca Ergativa |
| 1 | <i>ĩa - eu</i> | <i>ĩã - eu</i> | <i>ĩ - eu</i> | <i>nukĩ - nós</i> | <i>nukĩ - nós</i> | <i>nũ - eu</i> |
| 2 | <i>mia - tu</i> | <i>miã - tu</i> | <i>mĩ - tu</i> | <i>matu - vós</i> | <i>matũ - vós</i> | <i>mã - vós</i> |
| 3 | <i>a - ele</i> | <i>ãtũ</i> | <i>ã - ele</i> | <i>atuvu - eles</i> | <i>atuvũ - eles</i> | <i>atũ - eles</i> |
| Sistema pronominal do Marubo Fonte: Costa, 2002:97 | | | | | | |

VERBOS INTRANSITIVOS INATIVOS SEM PRONOMES CLÍTICOS

(21a) *mani si-∅ pak ĩ-ai*
manixi-ABS cair-PRES
“Manixi caiu”

(21b) *a-∅ ma-vupi-ai*
ele-ABS já-morrer-PRES
“Ele já morreu”

(Costa, 2002:98)

Já na língua Maxacali, os D/NPs (A) e (Sa) recebem a partícula ergativa *te*, e (So) alinha-se com (O), sendo esses argumentos não-marcados:

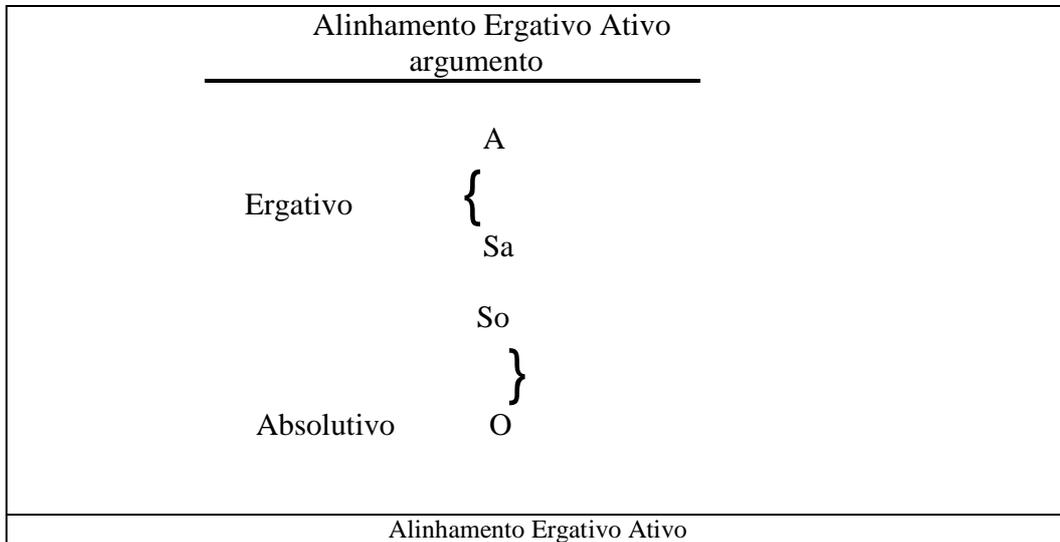
(22a) *kakxop te kuxxamuk paha*
menino ERG lambari pegar
“O menino pegou o lambari”

(22b) *kakxop te tatxok*
menino ERG banhar
“O menino banha”

(22c) *kakxop ũkuxanõ*
menino temer
“O menino ficou com medo”

(Campos, 2007:34)

O esquema abaixo ilustra o alinhamento dos argumentos nucleares no padrão ergativo ativo:



7.2.3 ALINHAMENTO TRIPARTITE

No padrão tripartite não há alinhamento entre os D/NPs (A), (S) e (O), pois cada argumento recebe uma marca morfológica. Um exemplo desse padrão é apresentado por Whaley (1997:158). A autora arrola as orações da língua Wangkumara da família Pama-Nyungan, falada na Austrália, onde identifica-se o alinhamento tripartite:

(23a) *Kana – ulu* *kalkana* *titi-nana*
 homem-ERG bater cachorro-AC
 “O homem bateu no cachorro”

(23b) *Kana – ia* *paluna*
 homem-NOM morrer
 “O homem morreu”

Em (23a), o sujeito do verbo transitivo (A) recebe a marca de caso ergativo por meio do sufixo {-ulu}; o objeto (O) é marcado com caso acusativo pelo sufixo {-nana}; e em (23b), o sujeito do verbo intransitivo (S) aparece marcado com caso nominativo pelo sufixo {-ia}.

Abaixo, apresento o esquema do alinhamento tripartite:

| Alinhamento Tripartido argumento | |
|-------------------------------------|------------|
| A | Ergativo |
| O | Acusativo |
| S | Nominativo |
| Alinhamento Tripartido | |

7.2.4 ALINHAMENTO NEUTRO

E, por fim, o alinhamento neutro não distingue morfologicamente os argumentos nucleares (A), (S) e (O). Por exemplo, a língua Caxinauá da família Pano possui um alinhamento neutralizado com relação ao pronome de terceira pessoa do singular, isto é, a terceira pessoa não se realiza morfologicamente na função de (A), (S) e (O). Nas orações de (24) a (26), os argumentos nucleares (A), (S) e (O) são representados por \emptyset indicando dessa forma um alinhamento da terceira pessoa do singular entre (A), (S) e (O):

(A) TERCEIRA PESSOA

- (24) \emptyset *e-a* *uin-ai*
ele-A eu-O observar-PROC
“(Ele) está me observando”

(S) TERCEIRA PESSOA

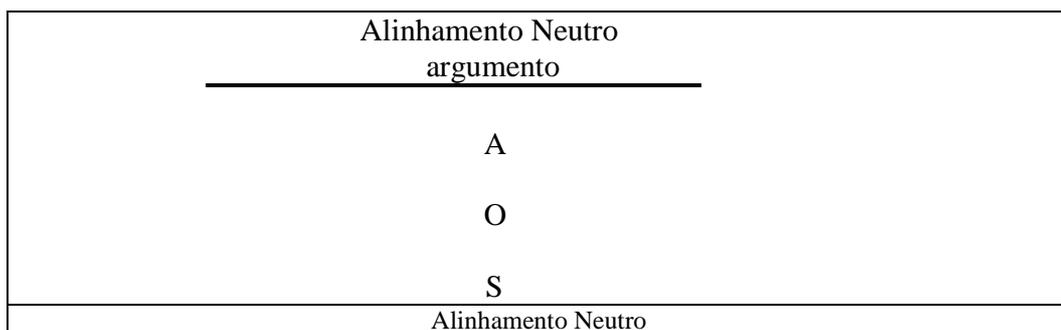
- (25) *hawa* \emptyset *wa-men?*
que ele-s fazer-INTERR
“O que (ele) faz?”

(O) TERCEIRA PESSOA

- (26) *e-n* \emptyset *uin-ai*
eu-A ele-O observar-PROC
“Eu estou observando-o”

(Camargo, 2002:84)

O esquema abaixo contém a representação do alinhamento neutro:



Na próxima seção, o objetivo é mostrar que a língua Ka'apor opera com quatro tipos de alinhamentos, a saber: o nominativo-absolutivo, o ergativo paciente, o intransitivo fluído e o neutro.

7.3 ALINHAMENTOS NOS PREDICADOS NA LÍNGUA KA'APOR

Nesta seção, arrolo a manifestação dos quatro tipos de alinhamento encontrados na língua Ka'apor. A hipótese que defendo, nesta tese, é a de que há os padrões nominativo-absolutivo, o ergativo paciente, o intransitivo fluído e o neutro.

Com relação ao subsistema nominativo-absolutivo, observa-se que o alinhamento se dá pela concordância verbal, visto que os prefixos pessoais nominativos³² codificam os argumentos nas funções (A), (Sa) e parte de (So), e os prefixos relacionais (=absolutivo) – {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} - referem-se aos argumentos na função de (So).

Já nos outros três padrões, o alinhamento entre os argumentos nucleares está diretamente conectado com o tipo de papel temático dos argumentos. Assim sendo, para postular a ocorrência desses alinhamentos em Ka'apor, faz-se necessário sempre levar em conta o escopo morfossemântico do clítico [.kɛ].

³² Denomino os prefixos pessoais de nominativos, porque eles alinham os argumentos (A) e (S).

Começo, então, com a apresentação do alinhamento que dá origem ao padrão nominativo-absolutivo.

7.3.1 ALINHAMENTO NOMINATIVO-ABSOLUTIVO

O alinhamento nominativo pode ser depreendido pela função dos prefixos nominativos {*a-* “eu”; *re-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós” e *o-/u-* ~ \emptyset “ele,ela(s), o pessoal”}. Assumirei, durante a análise, que estes prefixos fazem referência apenas aos argumentos nas posições de sujeito de verbo transitivo (A) e de sujeito dos verbos intransitivos ativos (Sa) e inativos (So).

Nos quadros a seguir, arrolo os pronomes pessoais com os seus respectivos prefixos nominativos:

| PRONOMES PESSOAIS | | | |
|-------------------|---------|----------------------|---------|
| PRONOMES | | PREFIXOS NOMINATIVOS | |
| ihē | “eu” | a- | “eu” |
| nε | “você” | ere- | “você” |
| janε | “nós” | ja- | “nós” |
| pehē | “vocês” | pe- | “vocês” |

Quadro 12: Pronomes pessoais e prefixos nominativos

| PRONOME NÃO-PESSOA | | | |
|--------------------|-----------------|----------------------|---|
| PRONOME | | PREFIXOS NOMINATIVOS | |
| aʔε(ta) | “ele(s)/ela(s)” | o/u- | “ele(s)/ela(s) raízes monossilábicas |
| ηã | “o pessoal” | \emptyset - | “ele(s)/ela(s) – raízes com mais de uma sílaba. |

Quadro 13: Pronomes não-pessoa e prefixos nominativos

- (32) *aʔɛ r-ɛhɛ h-akehar kɛ Øʃirik ɔ-hɔ*
 ele CT-para CT-esposa AFET 3-secar 3-ir
 “Por isso, a esposa (dele) foi emagrecendo”
 (Kakumasu, 1990:43)

Vejam que os sujeitos (A), *ihẽ* “eu” e *janɛ* “nós”, dos verbos transitivos de ação das orações (27) e (28), e os sujeitos (Sa) e (So) dos verbos intransitivos de ação e processo, *ihẽ* “eu”, *sawaʔɛ* “homem”, *luz*, *h-akehar* “a esposa dele” das orações (29) a (32) são codificados nos verbos pela série de prefixos pessoais nominativos de primeira pessoa (singular e plural) { a-, ja- } e pelo prefixo de não-pessoa { Ø- }.

Já o padrão absolutivo é determinado pelo alinhamento entre (So) e (O). Esse padrão se realiza por meio de dois fatores, a saber: (i) pelos prefixos relacionais que carregam o traço [PESSOA] { r- ∞ Ø- } e [NÃO-PESSOA] { i- ∞ h- ∞ Ø- }; (ii) pelo clítico [**kɛ**].

Os prefixos relacionais são responsáveis por sinalizarem os traços [PESSOA] e [NÃO-PESSOA] dos sujeitos dos verbos estativos (So). No quadro abaixo, destaco a distribuição dos prefixos relacionais:

| Prefixos Relacionais | | |
|--|------------|----------------|
| | Adjacência | Não-adjacência |
| Tema em Consoante | ∅- | i- ∞ ∅- |
| Tema em Vogal | r- | h- ∞ ∅- |
| Quadro 14: Prefixos relacionais | | |

O clítico [.kɛ] ocorre enclítico aos D/NPs objeto de verbos transitivos (O) e em sujeitos de verbos intransitivos inativos e estativos (So).

Com relação à ênclise do clítico [.kɛ] em (O), uma provável explicação para a língua Ka'apor compensar a codificação do objeto [+ AFETADO] pelo clítico [.kɛ] pode estar conectada com o fato de essa língua não acionar mais os prefixos relacionais (de caso absoluto) nos verbos transitivos³³. Assim sendo, posso estipular que, num estágio anterior da língua, esses prefixos eram responsáveis por codificar o objeto (O) no núcleo verbal, mas, devido a mudanças estruturais por que vem passando a língua Ka'apor em razão do contato com a língua geral e com o próprio português, tais prefixos não são mais acionados. Por conseguinte, com a perda dos prefixos relacionais nos verbos transitivos, agora a língua utiliza-se somente da partícula [.kɛ] para operar a marcação absoluta dos D/NPs na função de objeto e de sujeito de verbos intransitivos estativos e inativos,

³³ Segundo Jensen (1998:525): “*Urubu-kaapor has eliminated all absolute cross-referencing on transitive verbs.*”

diferentemente do que ocorre em outras línguas Tupí-Guaraní, como, por exemplo, o Tenetehára e o Guarani Mybá.³⁴

Abaixo, arrolo os dados em que se verifica a realização do padrão absolutivo por meio dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} no (So)

³⁴ Em Tenetehára (Duarte, 2007), se o objeto de verbos transitivos (O) em orações simples for de primeira ou segunda pessoa, o (O) é marcado no verbo pelos prefixos relacionais. Nos exemplos a seguir, notem o prefixo relacional {r- ∞ Ø-} fazendo referência aos objetos *dane* (nós – inclusivo), *ne* (te), *he* (me) e *ure* (nós – exclusivo):

- | | | |
|-----|---|---------------|
| (1) | <i>dane-Ø-duka-rəm</i> | <i>dawar</i> |
| | nos _{inclusivo} -REL-matar-FUT | onça |
| | “A onça nos matará” | |
| (2) | <i>ne-Ø-duka-rəm</i> | <i>dawar</i> |
| | te-REL-matar-FUT | onça |
| | “A onça te matará” | |
| (3) | <i>ne he-r-aro-rəm</i> | |
| | te eu-REL-esperar-FUT | |
| | “Tu me esperarás” | |
| (4) | <i>ure-r-aro-rəm</i> | <i>Purutu</i> |
| | nos _{exclusivo} -REL-matar-FUT | Purutu |
| | “Purutu nos esperará” | |

Com relação ao Guarani Mybá (Martins, 2003), abaixo se observam exemplos do prefixo relacional {r- ∞ Ø-} marcando o objeto de verbos transitivos (O):

- | | | | | |
|-----|---|--------------|-----------|------------|
| (1) | <i>ndee xe-r-apy</i> | | | |
| | você eu-REL-queimar | | | |
| | “Você me queimou” | | | |
| (2) | <i>João xe-r-exa kuee</i> | | | |
| | João eu-REL-ver | ontem | | |
| | “João me viu ontem” | | | |
| (3) | <i>ava o-Ø-juka-uka</i> | <i>kunhã</i> | <i>pe</i> | <i>uru</i> |
| | homem 3-REL-matar-CAUS | mulher | DAT | galinha |
| | “O homem mandou a mulher matar a galinha” | | | |

dos verbos estativos, e por meio da co-ocorrência do clítico [.kɛ] com o D/NP na posição sintática de (So) e (O).

CODIFICAÇÃO DE (So): PREFIXOS RELACIONAIS

- (33) *ihẽ* *r-aku* *tɛ* *wɛ*
 eu ABS-ter quentura VER ainda
 “Eu ainda tenho febre de verdade”
 (Caldas, 2001:7)
- (34) *kaka* *kɛ* *Ø-tɛ̃arõ* *katu*
 cacau AFET ABS-ser maduro INTEN
 “O cacau está muito maduro”
 (Informante: G. K.)
- (35) *ihẽ* *Ø-pɔ* *kɛ* *i-kɛ̃ɔa*
 eu CT-mão AFET ABS-ter sujeira
 “A minha mão está suja”
 (Silva, 2001:7)
- (36) *ihẽ* *r-ua* *h-ɛ̃aj-ɔ̃im* *rĩ*
 eu CT-rostho ABS-ter suor-NEG IMPERF
 “O meu rosto ainda não está completamente suado”
 (Silva, 2001:7)

Nas orações (33) e (34) acima, notem que o prefixo relacional {r- ~ Ø-} codifica nos verbos *aku* “ter quentura” e *tɛ̃arõ* “ser maduro” os sujeitos (So) *ihẽ* “eu” e *kakau* “cacau”. E nas orações (35) e (36), o prefixo {i- ~ h-} ocorre nos

verbos *kĩʔa* “ter sujeira” e *ĩaj* “ter suor” para codificar os D/NPs *ihẽ Ø-pɔ* “minha mão” e *ihẽ r-ua* “meu rosto”, os quais ocupam a posição sintática de (So).

Já os dados a seguir mostram a codificação do objeto (O) por meio do clítico [**kɛ**]. Em (37) e (38), observa-se os objetos *urupɛ* “fungo” e *memĩ* “neném” sendo marcados pelo clítico [**kɛ**], sinalizando dessa forma o surgimento de um padrão tipicamente absolutivo, visto que este clítico vem enclítico a sujeito de verbos intransitivos.

CODIFICAÇÃO DE (O): MARCADOR CASUAL [**kɛ**]

(37) *urupɛ kɛ tɛʔɛ Ø-wɛrur*
 fungo AFET mesmo 3-achar
 “Ele (Arakakãĩ) achou mesmo orelha de pau [= fungo]”
 (Informantes do curso de 2008)

(38) *tamũĩ r-akehar Ø-memĩ kɛ u-ʔar kaʔa Ø-pɛ*
 velho CT-esposa CT-filho AFET 3-cair mato CT-em
 “O filho da esposa do velho nasceu no mato”
 (Informantes do curso de 2008)

Em suma, vejam o diagrama do padrão nominativo-absolutivo em Ka’apor a seguir:

| Alinhamento | |
|-----------------------------------|---|
| Nominativo | argumento Absolutivo |
| Nominativo | A { Sa/So So: [.kɛ] } O: [.kɛ] |
| | Absolutivo |
| Alinhamento nominativo-absolutivo | |

Na próxima seção, o objetivo da análise é mostrar a ocorrência do ergativo paciente. Desenvolveremos a teoria de que, neste alinhamento, o padrão ergativo é o não-marcado, enquanto o marcado é o absolutivo.

7.3.2 ALINHAMENTO ERGATIVO PACIENTE

Notei que o Ka'apor aciona ainda o alinhamento ergativo paciente, o qual difere do alinhamento ergativo ativo. Neste alinhamento, devemos sempre levar em consideração o escopo que o clítico [.kɛ] mantém com os argumentos (O) e (S). Este padrão difere radicalmente do padrão ergativo ativo, visto que o argumento não-marcado será o sujeito de verbos de ação (A) e (Sa), enquanto o marcado será o argumento que recebe o papel-θ [AFETADO] na função de (So) e

(O). Dessa maneira, os argumentos (So) e (O) alinham-se, pois co-ocorrem com o clítico [**kɛ**], o qual vem enclítico a D/NPs na função sintática de sujeito de verbos intransitivos inativos, estativos (So) e de objeto de verbos transitivos (O).

O alinhamento entre os argumentos (So) e (O) pode ser notado pelo conjunto de dados apresentados de (39) a (42) a seguir:

CODIFICAÇÃO DE (A) E (O)

- (39) *pɛ tamũj ka ʔa kɛ Ø-maŋa ɔ-hɔ*
 e velho mata AFET 3-demarcar 3-ir
 “E o velho foi demarcar a mata”
 (Informante: Q.K.)

CODIFICAÇÃO DE (Sa)

- (40) *ihẽ a-jeŋar*
 eu eu-cantar
 “Eu canto”
 (Silva, 2001:14)

CODIFICAÇÃO DE (So): SUJEITO DE VERBO INTRANSITIVO INATIVO

- (41) *a-karuk ta katu ihẽ kɛ*
 eu-urinar IMPERF INTEN eu AFET
 “Eu tenho necessidade de urinar”
 (Silva, 2001:46)

CODIFICAÇÃO DE (So): SUJEITO DE VERBO ESTATIVO

| | | | | |
|------|------------------------|------------|-----------------|-----------|
| (42) | <i>a ʔɛ</i> | <i>k ɛ</i> | <i>i-k ɛ ʔa</i> | <i>tĩ</i> |
| | ele | AFET | ABS-ter sujeira | REP |
| | “Ele também está sujo” | | | |

(Silva, 2001:7)

Nas orações com verbos transitivos, em (39), e intransitivos ativos, em (40), apresentados acima, vê-se que há um alinhamento entre os D/NPs na função de sujeitos (A) e (Sa). Nesse contexto, é como se esses argumentos recebessem uma marca ergativa, o qual receberia um marcador \emptyset . Ainda, em (39), o predicado transitivo possui um D/NP em posição de objeto (O), *kurupir* “Curupira”, que se alinha aos D/NPs que ocupam a função de sujeito dos predicados intransitivos inativo e estativo (So), *ihẽ* “eu” e *a ʔɛ* “ele” em (41) e (42) respectivamente. Tal alinhamento pode ser detectado pela ocorrência do clítico [*kɛ*] juntos aos argumentos (So) e (O). Nesses contextos, constata-se que o marcado, em Ka’apor, são os D/NPs na função de (So) e (O), oposto ao que ocorre com o padrão Ergativo em que esses D/NPs são os não-marcados. Neste ponto, convém observar que o padrão ergativo do Ka’apor não se enquadra ao padrão ergativo ativo ou puro, normalmente encontrado em línguas tipicamente ergativas, como o Apãniekra, o Basco, Georgês, dentre outras. Nestas línguas, o alinhamento ergativo é o marcado, enquanto o alinhamento absolutivo é o não-marcado, conforme se vê nos exemplos abaixo:

APĀNIEKRA: ERGATIVA PURA

(43) *a-tε* *h-itεp*
tu-ERG 3-cortar
“Você cortou ele”

(44) *h-εpεn*
3-comer
“Ele comeu”

(Alves, 2002:88)

BASCO: ERGATIVA ATIVA

(45) *Miren-ek* *ni* *jo* *nau*
Miren-ERG eu bater ter
“Miren me bateu”

(46) *Miren-ek* *hitz* *egin* *du*
Miren-ERG palavra fazer ter
“Miren falou”

(47) *Miren* *erori* *da*
Miren cair ser
“Miren caiu”

(Bittner e Hale, 1996:27)

GEORGIA: ERGATIVA ATIVA

(48) *Vano-m* *gamozarda* *dzma*
Vano-ERG levantar irmão
“Vano levantou o irmão”

(49) *Bav fν-ma* *itira*
Criança-ERG gritar
“A criança gritou”

- (50) *Rezo* *gamoizarda*
Rezo crescer
“Rezo cresceu”

(Bittner e Hale, 1996:29)

Nesse ponto, o Ka’apor comporta-se de maneira inversa em relação às línguas arroladas acima ao preferir marcar os D/NPs abolutivos. Essa situação viola claramente uma das generalizações de Dixon (1994), segundo a qual, em alinhamentos ergativos (puro ou ativo), o D/NP marcado é o argumento que recebe a marca ergativa, ou seja, o sujeito de verbos de ação³⁵, e nunca o contrário.

Abaixo apresento o diagrama do alinhamento ergativo paciente em Ka’apor, destacando que, neste padrão, os argumentos (So) e (O) podem vir marcados com o clítico [**ke**]:

³⁵ Veja o que prediz Dixon (1994:57-58):

“(....)there is a clear, overall generalisation: that case which covers S (i.e. absolutive or nominative) is generally the unmarked term – both formally and functionally – in its system. In terms of form: if any case has zero realization, or a zero allomorph, it will be absolutive or nominative. (....) I said above that the case which includes S is ‘generally’ the unmarked one. It seems that absolutive is always unmarked with respect to ergative and nominative is almost always unmarked with respect to accusative.”

| Alinhamento Ergativo Paciente argumento | |
|--|---------------|
| | A-∅ |
| Ergativo | { Sa-∅ |
| | So- kε |
| | } |
| Absolutivo | O- kε |

Alinhamento Ergativo Paciente

Na próxima seção, analiso o padrão intransitivo fluído que possui como característica principal o alinhamento de (Sa) com (So) e (O).

7.3.3 ALINHAMENTO INTRANSITIVO FLUIDO

Observando ainda o escopo do clítico [**kε**], verifiquei um terceiro tipo de alinhamento do Ka'apor, o qual, doravante, irei rotular de intransitivo fluído (*Fluid-S Systems*). Esse alinhamento se caracteriza pela cisão semântica nos verbos intransitivos. Nessa cisão, o alinhamento do sujeito (S) pode ser ora com o agente (A) ora com paciente (O). Sobre esse alinhamento fluído Dixon (1994) afirma o seguinte:

“...which I call ‘fluid-S’ – is each intransitive verb to have the possibility of two kinds of marking for its core NPs – one (Sa, the same as on a transitive A) to be used when the referent of the S NP controls the activity, and the other (So, the same as on a transitive O) when control is lacking.

In a fluid-S language the A-type and O-type markings are allocated to intransitive clauses semantically, with each intransitive verb having the possibility of either choice, depending on the semantics of each particular context of use. In practice, some verbs refer to activities that are always likely to be controlled and these are always likely to be marked as Sa; other verbs refer to activities or states that are likely never to be controlled and these are always likely to be shown as So. But there will be many verbs in a middle region, referring to activities where there can be control or lack of control, and these may accordingly be marked either as Sa or So.” (Dixon, 1994: 78 – 79).

Os dados empíricos colhidos até o momento sinalizam a existência desse tipo de alinhamento também na língua Ka’apor. Mais especificamente, observei que o sujeito (Sa) de verbos intransitivos ativos pode alinhar-se com o sujeito (So) ou com o objeto (O). Quando (Sa) co-ocorre com o clítico [.kɛ], então, identifica-se o alinhamento com (So) e (O). Contudo, se (Sa) não vem seguido do clítico [.kɛ], faz-se o alinhamento com (A), apontando para o fato de que o sujeito (Sa) recebe o papel- θ [AGENTE].

Nas orações de (51) a (52), nota-se que (Sa) alinha-se com (A). Já nos exemplos de (53) a (55), o sujeito (Sa), que originalmente recebia o papel- θ [AGENTE], alinha-se com (So) e (O), visto que tanto (Sa) como (So) recebem o

clítico [**kɛ**], indicando, com isso, que o sujeito dos verbos intransitivos ativos recebe o papel- θ [AFETADO]:

SUJEITO (Sa) COM (A)

- (51) *pɛ tapi ʔir u-jan ɔ-hɔ*
 e anta 3-correr 3-ir
 “E a anta foi correndo”

(Kakumasu, 1990:48)

- (52) *h-akehar maʔɛ Ø-kekar*
 NCT-esposa caça 3-caçar
 “A esposa (dele) caça uma caça”

(Informante do curso de 2008)

SUJEITO (Sa) COM (SO) E (O)

- (53) *Maíra kɛ Ø-wata*
 Maíra AFET 3-andar
 “Maíra anda (com sofrimento)”

(Informante: Q.K)

- (54) *ihẽ kɛ a-pɛhɛj ta*
 eu AFET eu-cochilar IMPERF
 “Eu tenho necessidade de cochilar”

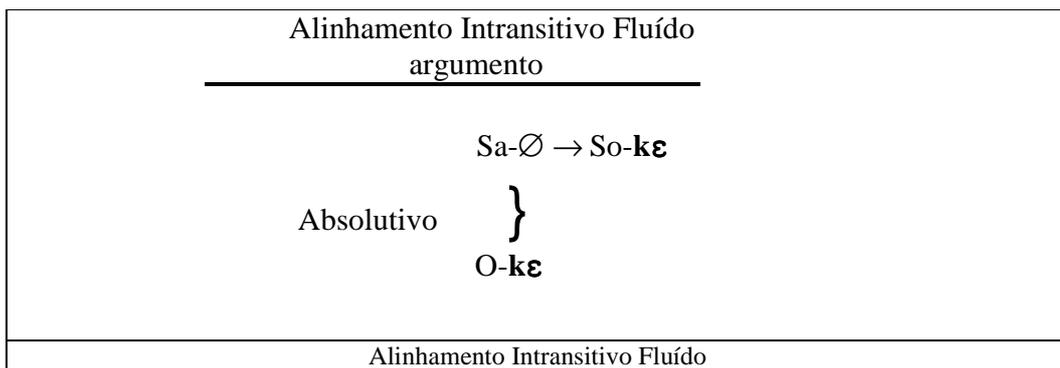
(Silva, 2001:46)

- (55) *aʔɛ r-ɛhɛ ihẽ urupɛ kɛ a-ʔu*
 isso CT-por eu fungo AFET eu-comer
 “Por isso eu como fungo”

(Informantes do curso de 2008)

A consequência que o alinhamento de (Sa) com (So) e (O) traz para a minha análise é que esse sujeito passa a ser interpretado como (So) por receber

papel- θ [AFETADO]. No diagrama a seguir, faço o resumo do alinhamento intransitivo fluído apontando para o fato da mudança de (Sa) para (So):



Na próxima seção, apresentamos o alinhamento neutro em que a distinção semântica entre (A), (O) e (S) é neutralizada.

7.3.4 ALINHAMENTO NEUTRO

Ainda em Ka'apor, observa-se a possibilidade de ocorrência do alinhamento neutro ao não se distinguir, semanticamente, os D/NPs nucleares (A), (S) e (O).

O alinhamento neutro emerge nas situações sintáticas em que os argumentos na função de (A), (S) e (O) vêm seguidos pelo clítico [**kε**], sinalizando com isso o papel- θ [AFETADO]. O fato curioso aqui é que a ocorrência desse clítico permite propor o alinhamento entre os três argumentos nucleares. Os

exemplos abaixo mostram que todos os argumentos são marcados com o clítico [.kɛ]. Em (56), temos o sujeito (A) *aʔɛ* “ele” e o objeto (O) *kurupir* “Curupira”; em (57), o sujeito (Sa) *ihẽ* “eu”; em (58) e (59), os sujeitos (So) *kurupir* “Curupira” e *pukɛk* “peixe assado”:

CODIFICAÇÃO DE (A) E (O): TRANSITIVO

| | | | | | |
|------|----------------------------|-----------|-------------|-----------|---------------------------|
| (56) | <i>aʔɛ</i> | <i>kɛ</i> | <i>i-pɛ</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-tuk^{wa}</i> |
| | ele | AFET | NCT-pé | AFET | 3-bater |
| | “Ele bateu no pé do outro” | | | | |
| | | | | | (Silva, 2001:53) |

CODIFICAÇÃO DE (Sa): INTRANSITIVO ATIVO

| | | | | | |
|------|---------------|-----------|----------------|-----------|-------------------|
| (57) | <i>ihẽ</i> | <i>kɛ</i> | <i>a-jeɣar</i> | <i>ta</i> | |
| | eu | AFET | eu-cantar | IMPERF | |
| | “Eu cantarei” | | | | |
| | | | | | (Informante: Q.K) |

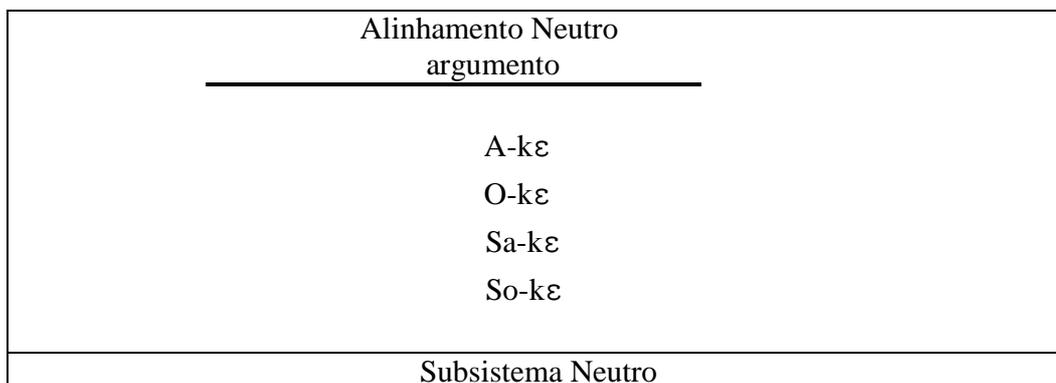
CODIFICAÇÃO DE (So): VERBO INTRANSITIVO INATIVO

| | | | | | | | |
|------|---|----------------|-----------|---------------|-----------|-----------|---------------------|
| (58) | <i>pɛ</i> | <i>kurupir</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-weʔẽ</i> | <i>tɛ</i> | <i>hũ</i> | <i>tipɛ</i> |
| | e | Curupira | AFET | 3-vomitar | VER | INT | FRUST |
| | “Curupira tentou realmente vomitar muito” | | | | | | |
| | | | | | | | (Kakumasu, 1990:16) |

CODIFICAÇÃO DE (So): VERBO ESTATIVO

| | | | | | |
|------|-----------------------------|-----------|---------------|-----------|------------------|
| (59) | <i>pukɛk</i> | <i>kɛ</i> | <i>Ø-katu</i> | <i>tɛ</i> | |
| | peixe assado | AFET | ABS-ser bom | VER | |
| | “O peixe assado está ótimo” | | | | |
| | | | | | (Kakumasu, 1975) |

Abaixo, verifica-se o diagrama do alinhamento neutro em Ka'apor:



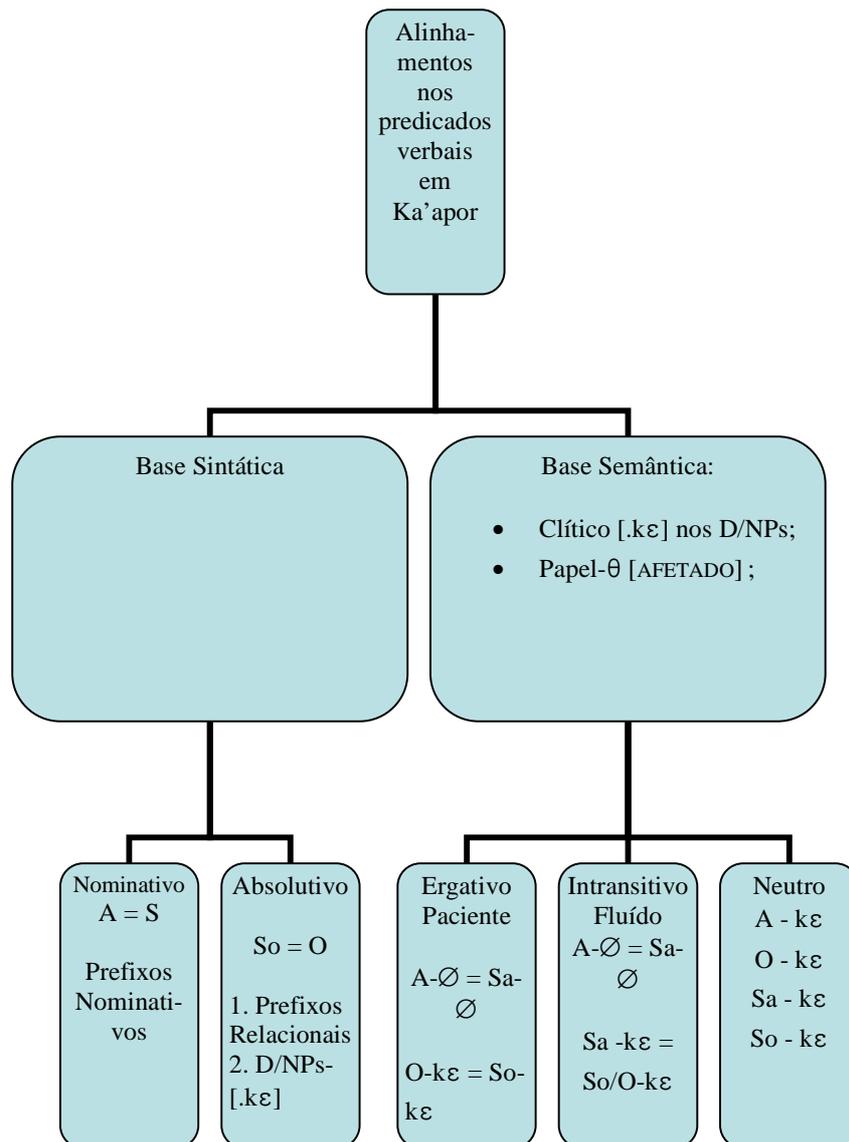
7.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, destaquei os alinhamentos dos predicados verbais em Ka'apor. Diferentemente das pesquisas anteriores (Corrêa da Silva, 1997; Kakumasu, 1986 e Jensen, 1998), assumi a existência de quatro tipos de alinhamentos, a saber: o nominativo-absolutivo, ergativo paciente, o intransitivo fluido e o neutro. A diferença desses alinhamentos está no fato de que o alinhamento nominativo está conectado com a relação sintática de concordância verbal, já que não ocorrem partículas ou marcas morfológicas para codificar os argumentos nucleares, mas apenas os prefixos nominativos. Já os demais tipos de alinhamentos são motivados pelos prefixos relacionais – {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} - nos verbos estativos, como o absolutivo, ou semanticamente por meio do

clítico [**kɛ**] que se caracteriza por ser a marca do padrão absoluto e papel- θ

[AFETADO] nos argumentos nucleares.

Em suma, os quatro tipos de alinhamentos descritos nas seções anteriores podem ser mais bem visualizados pelo organograma a seguir:



No próximo capítulo, faço uma breve análise sobre a ordem dos constituintes em Ka'apor, considerando os níveis sintagmáticos e oracionais. No nível sintagmático, destaco a ordem dos NPs e seus determinantes. No nível oracional, analiso a ordem das orações declarativas, subordinadas e interrogativas.

CAPÍTULO 8

ORDEM DAS PALAVRAS

Neste capítulo, tenho por objetivo analisar a ordem dos constituintes principais na língua Ka'apor. Para tanto, começo com a delimitação da ordem interna dos sintagmas determinantes, buscando determinar a posição do núcleo nominal em relação aos demais constituintes, tais como adjetivos, pronomes possessivos, pronomes demonstrativos, numerais, clíticos quantificadores - [.ta] e [.upa] – e o clítico [.kɛ]. Já no nível oracional, averiguo a ordem das orações declarativas, subordinadas e interrogativas.

O capítulo está dividido da seguinte maneira: na seção 8.1, apresento a ordem dos NPs com os seus determinantes; na seção 8.2, analiso a ordem dos constituintes (sujeito, objeto e verbo) nas orações declarativas; na seção 8.3, descrevo a ordem dos constituintes nas orações subordinadas e a ordem da oração subordinada em relação a oração principal; na seção 8.4, trato das orações interrogativas, destacando as suas três formas de realização, a saber: (i) pelo contorno melódico na sílaba tônica da frase; (ii) pela partícula dubitativa *mɛ* nas interrogativas SIM/NÃO; (iii) pelas palavras-qu nas interrogativas-qu; na seção 8.5, analiso a ordem do sintagma determinante, das orações declarativas, subordinadas e interrogativas com base em Greenberg (1966), e por fim, na seção 8.6, destaco os principais pontos desse capítulo.

8.1 A ESTRUTURA DO SINTAGMA DETERMINANTE

Na língua Ka'apor, um NP pode vir acompanhado por adjetivos, por pronomes possessivos, por pronomes demonstrativos, por numerais, pelos clíticos quantificadores [.ta] e [.upa] e pelo clítico [.kɛ]. Por isso, o objetivo principal dessa seção é a análise da ordenação interna desses itens no interior do sintagma determinante, doravante DP. A minha hipótese é a de que esses itens ocorrem na seguinte ordem:

(1) [[[numerais + pronome demonstrativo + pronome possessivo + Nome + adjetivo + quantificador1 [.ta] + [.kɛ] + quantificador 2 [.upa]/numerais]]]

Para verificar se a ordenação proposta em (1) está mesmo correta ou não, comecei com a análise da posição dos adjetivos.

8.1.1 ORDEM NOME-ADJETIVO

Quando o modificador for um adjetivo, observam-se três características, a saber: (i) os adjetivos sempre seguem o núcleo do NP e (ii) os adjetivos não acionam os prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-}. Assim sendo, se os adjetivos vierem antepostos ao nome, os sintagmas produzidos serão agramaticais, pois violam a ordem linear preferida na língua Ka'apor, como demonstram os exemplos em (b) a seguir:

(2a) *dʒawa* *pɛtã*
cachorro vermelho
“cachorro vermelho”

(2b) **pɛtã* *dʒawa*
vermelho cachorro
“cachorro vermelho”

(3a) *tamũi* *panem*
velho azarado
“velho infeliz”

(3b) **panem* *tamũi*
infeliz velho
“velho infeliz”

(4a) *juru* *pɛtun*
boca preto
“boca preta”

(4b) **pɛtun* *juru*
preto boca
“boca preta”

Ademais, uma terceira característica bastante interessante diz respeito ao fato de os adjetivos formarem com o nome um só constituinte, de modo que nada pode quebrar a forte adjacência que se dá entre eles. Se isso ocorrer, o resultado será um sintagma agramatical, conforme mostram os exemplos a seguir:

(5a) *jawa* **kɛ* *pɛtã*
cachorro AFET vermelho
“cachorro vermelho”

(5b) *jawa* **ta* *pítã*
cachorro Q1 vermelho
“cachorro vermelho”

(5c) *jawa* **upa* *pítã*
cachorro Q2 vermelho
“cachorro vermelho”

8.1.2 ORDEM PRONOME POSSESSIVO-NOME

No sintagma determinante, os pronomes pessoais {*ihẽ* - “eu”; *nɛ* - “tu”; *janɛ* - “nós”, *pehẽ* - “vós”} e os pronomes não-pessoa {*aʔɛ* (*ta*) - “ele(s)/ela(s); *ɲã* - “o pessoal”} assumem a função de pronomes possessivos, pois fazem referência à relação de posse com o núcleo nominal.

Quando a função de pronome possessivo for exercida pelos pronomes pessoais, a ordem no sintagma determinante será sempre o pronome possessivo, indicando o POSSUIDOR, seguido do núcleo nominal que se caracteriza por acionar o prefixo relacional de contigüidade {*r- ∞ Ø-*} e ser o item POSSUÍDO na relação de posse. Nos exemplos abaixo, verifica-se em (a) a ordem [PRONOME POSSESSIVO-NOME]. Já nos exemplos em (b), a ordem [NOME-PRONOME POSSESSIVO] produz sintagmas agramaticais:

- (6a) *ihẽ* *r-uʔĩ*
 minha CT-flecha
 “minha flecha”
- (6b) **r-uʔĩ* *ihẽ*
 CT-flecha minha
 “minha flecha”
- (7a) *pehẽ* *r-er*
 VOSSO CT-nome
 “vossos nomes”
- (7b) **r-er* *pehẽ*
 CT-nome VOSSO
 “vossos nomes”
- (8a) *nɛ* *Ø-memĩr* *sawaʔɛ*
 teu CT-filho homem
 “teu filho homem”
- (8b) **Ø-memĩr* *sawaʔɛ* *nɛ*
 CT-filho homem teu
 “teu filho homem”

Porém, quando o pronome possessivo referir-se a um pronome não-pessoa {*aʔɛ* (*ta*) – “ele(s)/ela(s); *ɲã* – “o pessoal”}, o núcleo nominal ocorrerá com os prefixos de não-contigüidade {i- ∞ h-}, conforme se vê nos exemplos abaixo:

- (9) *i-ãkã*
 CT-cabeça
 “cabeça (dele)”

(10) *i-sawaʔε*
CT-homem
“marido dela”

(11) *h-ɔk*
CT-casa
“casa (dele)”

(12) *h-ena*
CT-aldeia
“aldeia (dele)”

8.1.3 ORDEM PRONOME DEMONSTRATIVO-NOME

Já nos contextos em que o determinante vem realizado por um pronome demonstrativo, a ordem mais produtiva, nos dados apurados até o momento, é aquela em que o demonstrativo, via de regra, antecede o NP, emergindo nessas situações a ordem [PRONOME DEMONSTRATIVO-NOME]. Contudo se a ordem for [NOME-PRONOME DEMONSTRATIVO], o resultado será uma estrutura agramatical, conforme se vê nos dados a seguir.

(13a) *amõ* *m-ĩra*
outra árvore
“a outra árvore”

(13b) **m-ĩra* *amõ*
árvore outra
“a outra árvore”

(14a) *ame ʔẽ* *tamũĩ*
aquele velho
“aquele velho”

- (14b) **tamũĩ* *ame ʔẽ*
 velho aquele
 “aquele velho”
- (15a) *kɔ* *kĩsɛ*
 essa faca
 “Essa faca”
- (15b) **kĩsɛ* *kɔ*
 faca essa
 “essa faca”
- (16a) *amõ* *ihẽ* *r-ajĩr*
 outra eu CT-filha
 “a outra minha filha”
- (16b) **ihẽ* *r-ajĩr* *amõ*
 eu CT-filha outra
 “a outra minha filha”

8.1.4 ORDEM NÚMERO-NOME/NOME-NÚMERO

Nos contextos em que o NP possui números como determinantes, ocorrem duas possibilidades de ordenação, a saber: (i) o numeral antecede o NP ou (ii) o numeral segue o NP. Assim sendo, notem que os NPs *jahĩ* “lua” e *uk^wer* “dia” ocorrem antecidos pelos números *mahapĩr* “três” e *awa pɔ upa* “dez” nos dados arrolados em (17) e (18) a seguir:

(17) *mahapɛr jahɛ*
 três lua
 “três luas” [= três meses]

(18) *awa Ø-pɔ upa uk^wer*
 gente GEN-mão tudo dia
 “dez dias”

Já em (19) e (20), observa-se o inverso, visto que os NPs *janɛ* “nós” e *pehẽ* “vós” figuram antes do numeral.

(19) *janɛ mokõi*
 nós dois
 “nós dois”

(20) *japekã Ø-kak^war kɛ tumɛmɛ*
 espinho CT-feixe AFET quatro
 “quatro feixes de espinhos”

Em suma, tomando por base os dados mostrados acima, podemos afirmar que há duas possibilidades de ordenação, a saber: [NÚMERO-NOME] e [NOME-NÚMERO].

8.1.5 ORDEM NOME-QUANTIFICADORES

Os clíticos quantificadores [.ta] e [.upa] distribuem-se de três maneiras, a saber: (i) o quantificador [.ta] vem sempre adjacente ao nome ou ao adjetivo; e (ii) o quantificador [.upa] encontra-se como o elemento à direita mais periférico do D/NP; e (iii) os quantificadores [.ta] e [.upa] podem co-ocorrer, sendo que

[.ta] antecede [.upa]. Os contextos (i), (ii) e (iii) podem ser visualizados nos exemplos de (18a) a (19c):

NOME-[.ta]

(21a) *tamũi ta*
 velho Q1
 “os velhos”

NOME-ADJETIVO-[.ta]

(21b) *tamũi panem ta*
 velho infeliz Q1
 “os velhos infelizes”

NOME-[.upa]

(22a) *sawa ʔɛ upa*
 homem Q2
 “todo homem”

NOME-[.ta]-[.upa]

(22b) *sawa ʔɛ ta upa*
 homem Q1 Q2
 “todos homens”

NOME-ADJETIVO-[.ta]-[.kɛ]-[.upa]

(23c) *sawa ʔɛ panem ta kɛ upa*
 homem azarado Q1 AFET Q2
 “todos os homens azarados”

Assim, posso afirmar que as partículas quantificadoras se manifestam sempre após o complexo formado pelo [NOME-ADJETIVO], sendo que a partícula

[.ta] segue esse sintagma e a partícula [.upa] ocorre como último elemento do DP, conforme exemplifico na configuração proposta abaixo:

(24) [[[NOME+ADJETIVO+[.ta]+[.kɛ]+[.upa]]]

8.1.6 ORDEM NOME-CLÍTICO [.kɛ]

Quando o NP co-ocorre com o clítico [.kɛ], este se posiciona sempre após o D/NP. Porém, se o D/NP for acompanhado do clítico [.ta], o [.kɛ] será posterior ao [.ta]. Isso significa que temos três possibilidades de ordenação envolvendo o clítico [.kɛ], a saber:

(I) NOME-[.kɛ]

(25) *kaka kɛ*
cacau AFET
“cacau”

(II) NOME-ADJETIVO-[.kɛ]

(26) *sawa ʔɛ panem kɛ*
homem azarado AFET
“homem azarado”

(III) NOME-QUANTIFICADOR1-[.kɛ]

- (27) *urupɛ* *ta* *kɛ*
fungo Q1 AFET
“fungos”

Em síntese, concluo que o clítico [.kɛ] se realiza como o último elemento do sintagma complexo formado por [NOME-ADJETIVO-QUANTIFICADOR1], conforme mostro na representação em (28):

- (28) [[NOME+ADJETIVO+[.ta]+[.kɛ]].

8.1.7 ORDEM DOS ELEMENTOS NO SINTAGMA DETERMINANTE

A partir da análise das combinações possíveis envolvendo o nome e seus modificadores, posso propor que o sintagma determinante se constitui internamente da seguinte maneira:

| SINTAGMA DETERMINANTE | | | | | | | |
|---|--|---|---------------------------|---|----------------|-----------------------|--------------------------------------|
| Numeral | Pronome Demonstrativo | Pronome Possessivo | SN | Adjetivos | Quantificador1 | Partícula de Afetação | Quantificador2 e Numeral |
| <i>mokōi</i> “dois” <i>mahap ĩr</i> “três” | <i>amō</i> “outro(a)” <i>ame ĩē</i> “aquele(a)” <i>kɔ</i> “esse(a)” | <i>ihē</i> “meu/minha” <i>nε</i> “teu/tua” <i>janε</i> “nosso(a)” <i>pehē</i> “vosso(a)” <i>aʔε(ta)</i> “dele(s), dela(s)” <i>ɰã</i> “deles” | <i>kurumĩ</i> “menino” | <i>p ĩtã</i> “vermelho” <i>panem</i> “azarado” | [.ta] | [.kε] | [.upa] <i>tum εmε</i> “quatro” |
| Quadro 15 | | | | | | | |

Na próxima seção, descrevo a ordem dos argumentos nucleares e dos verbos nas orações independentes.

8.2 ORDEM DOS CONSTITUINTES NAS ORAÇÕES DECLARATIVAS

Em orações declarativas, cinco ordens são possíveis, a saber: SOV, OSV, SVO, VSO, VOS, conforme mostram os exemplos abaixo:

ORDEM SOV

- (28) *aʔɛ* *tatu* *kɛ* *u-ʔu* *ta*
ele tatu AFET 3-comer IMPERF
“Ele comerá o tatu”

(Informante: M. K.)

ORDEM OSV

- (29) *urupɛ* *kɛ* *tɛʔɛ* *ihẽ* *kɛ*
fungo AFET mesmo eu AFET

a-ʔu *a-ʃɔ*
eu-comer eu-estar em movimento
“Eu como mesmo fungo”

(Informantes do curso de 2008)

ORDEM SVO

- (30) *nɛ* *ɛrɛ-ʔu* *maʔɛ*
tu tu-comer algo
“Tu comestes algo”

(Kakumasu, 1986:331)

ORDEM VSO

- (31) *Ø-mahem* *arapuha* *himi ʔu* *ɔ-hɔ*
3-encontrar veado comida 3-ir
“O veado encontrou o alimento”

(Informante: Q.K.)

ORDEM VOS

- (32) *Ø-mu-urĩ* *katu* *ihẽ* *kɛ* *ɲã*
3-CAUS-ser feliz INTEN eu AFET eles
“Eles me fazem feliz”

(Kakumasu, 1986:331)

Em Ka’apor, a ordem SOV é a mais produtiva, conforme mostra o estudo realizado por Kakumasu (1986:327).

Nota-se ainda que o verbo auxiliar segue sistematicamente o verbo principal, emergindo a ordem VERBO-AUX. Os verbos auxiliares denotam várias noções e podem ser subdivididos em dois grupos, a saber:

- (i) verbos de movimento como *-hɔ* “ir”, *-wɛr* “vir”, *-rahɔ* “levar”;
- (ii) verbos posicionais como *-ʃɔ* “estar em movimento”, *-in* “estar sentado”, *-u* “estar deitado”, *-ʔam* “estar em pé”.

Nos exemplos abaixo, listo os dados referentes aos dois grupos de verbos auxiliares supracitados.

VERBO AUXILIAR DE MOVIMENTO

- | | | | | |
|------|--|----------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| (33) | <i>ihẽ</i> | <i>r-akehar</i> | \emptyset - <i>ʃiar</i> | <i>ɔ-hɔ</i> |
| | eu | CT-esposa | 3-abandonar | 3-ir |
| | “Minha esposa irá (me) abandonar” | | | |
| | | | | (Informantes do curso 2008) |
| | | | | |
| (34) | <i>ɛwɛ</i> | <i>kɛ apɔ</i> | <i>u-k^wai</i> | <i>u-wɛr</i> |
| | terra | AFET agora | 3-queimar | 3-vir |
| | “Agora a terra vem queimando” | | | |
| | | | | (Kakumasu, 1990:94) |
| | | | | |
| (35) | <i>tamũ</i> | <i>r-akehar</i> | <i>makaser</i> | |
| | velho | CT-esposa | macaxeira | |
| | \emptyset - <i>hupir</i> | \emptyset - <i>ra-hɔ</i> | | |
| | 3-carregar | 3-CAUS.COMIT-levar | | |
| | “A esposa do velho carregou [levando] a macaxeira” | | | |
| | | | | (Informante: W.K) |

VERBO AUXILIAR POSICIONAL

- (36) *ihẽ* *ʔĩ* *a-hupĩr* *a-ʃɔ*
eu água eu-carregar eu-estar em movimento
“Eu estou carregando água”
(Caldas, 2001:46)
- (37) *aʔɛ* *Ø-je ʔeɲ* *u-in*
ele 3-falar 3-estar sentado
“Ele está falando sentado”
(Caldas, 2001:47)
- (38) *i-pĩ* *kɛ* *Ø-nupã* *o-ʔu*
NCT-pé AFET 3-bater 3-estar deitado
“Ela (a cachorra) batia as patinhas (dela)”
(Caldas, 2001:48)
- (39) *ta ʔin* *h-okwen* *kɛ* *Ø-nupã* *u-ʔam*
criança NCT-porta AFET 3-bater 3-estar em pé
“A criança está batendo à porta (dela)”
(Caldas, 2001:50)

Todavia, quando a posição sintática dos argumentos nucleares nas orações independentes mudar de SOV para VSO ou SVO, o verbo auxiliar segue sistematicamente o objeto. Nas orações abaixo, o exemplo (40) traz o verbo auxiliar *-hɔ* “ir” seguindo o D/NP objeto *himi ʔu* “alimento” e, em (41), vê-se o verbo *-ʃɔ* “estar em movimento” co-ocorrendo com o objeto posposicional *nɛ rɛhɛ* “em ti”:

- (40) *Ø-mahem* *arapuha* *himi-ʔu* *ɔ-hɔ*
3-encontrar veado comida-comer 3-ir
“O veado foi encontrar o alimento”
(Informante: Q.K.)

- (41) *ihē a-pĩʔa katu nɛ r-ɛhɛ a-ʃɔ*
 eu eu-pensar INTEN tu CT-em eu-estar
 em movimento
 “Eu estou pensando muito em ti”
 (Caldas, 2001:46)

Na próxima seção, investigo a ordem nas orações subordinadas, explicando como essas orações são constituídas.

8.3 ORDEM DOS CONSTITUINTES NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

A oração subordinada em Ka’apor é formada pela inserção da partícula subordinativa temporal *rahã* “quando” posposta a toda a oração. Assim, nessas situações, essa partícula pode vir após o verbo lexical ou após o verbo auxiliar e após o nome emergindo, nesses casos, as ordens sintáticas indicadas a seguir.

(42) [[[SOV] AUX] rahã]]]

(43) [[[SOV] rahã]]

(44) [[[NOME] rahã]]]

As ordens apontadas acima podem ser particularmente visualizadas pelos dados a seguir. Vejam que, em (45a), a partícula subordinativa *rahã* segue o auxiliar *-hɔ* “ir”, enquanto, em (46a), essa partícula segue o verbo lexical *ʔu* “comer”:

[[SOV] AUX] rahã]]

(45a) *kurumĩ amõ kε u-hĩk ɔ-hɔ rahã*
 menino outro AFET 3-chegar 3-ir quando
 “Quando o menino chegou no outro [pé do cacau],”

(45b) *amõ kε Ø-mu-hãĩ*
 outro AFET 3-CAUS-dente
 “Quando o menino foi chegando no outro (pé do cacau), (ele) dentou outro (cacau)”

(Informante: G.K.)

[[OV] rahã]]

(46a) *upa u-ʔu rahã*
 tudo 3-comer quando

(46b) *amõ kε Ø-pandu i-pε ãĩ*
 outro AFET 3-falar NCT-para REP
 “Quando (ele) comeu tudo, (ele) pediu outro também” [= queixada moqueada]

(Kakumasu, 1990:100)

Já os dados em (47a) e (48a), a seguir, ilustram os contextos em que a oração subordinada apresenta um núcleo de natureza nominal:

[[NOME] rahã]]

(47a) *ku ʔẽ rahã*
 manhã quando

(47b) *ma ʔε Ø-kekar ɔ-hɔ*
 coisa 3-caçar 3-ir
 “Quando foi pela manhã, (ele) foi caçar algo”

(Informantes do curso de 2008)

[[NOME] *rahã*]]

(48a) *p ðtun ramõ rahã*
 noite primeira quando

(48b) *ame ʔẽ sawa ʔɛ Ø-p ð ʔa:p ð ʔa*
 aquele homem 3-pensar:pensar
 “Quando foi a primeira parte da noite (=boca da noite), aquele homem (=Arakakãï) pensava muito”

(Informantes do curso de 2008)

Outro ponto que se deve observar é a posição da oração subordinada em relação à oração principal. Em geral, nota-se que a ordem mais recorrente é aquela em que a oração subordinada antecede a oração principal, conforme mostra o dado em (49a):

(49a) *kaka kɛ kurumĩ u-ʔu rahã*
 cacau AFET menino 3-comer quando

(49b) *a ʔɛ h-ã ʔim kɛ Ø-mat ír*
 ele NCT-carroço AFET 3-ajuntar
 “Quando o menino comeu o cacau, ele ajuntou o carroço [do cacau]”
 (Informante: G.K.)

Contudo, a oração subordinada pode vir após a oração principal, fazendo surgir a ordem sintática: [[[O_{principal} [O_{subordinada}] *rahã*]]]. Neste caso, verifica-se que a inversão das ordens entre as orações subordinada e principal deve-se ao fato de ocorrer maior ênfase na oração principal, conforme mostram as orações de (50a) a (52b) a seguir:

(50a) *u-ʔar tɛʔɛ*
3-cair mesmo

(50b) *Ø-wata Ø-iʃɔ rahã tĩ*
3-andar 3-estar em movimento quando_{REP}
“(Ele) caiu, quando ele estava andando”

(Kakumasu, 1990:366)

(51a) *tupã kɛ Ø-wɛra:wɛra*
trovão AFET 3-ter claridade: ter claridade

(51b) *ihẽ a-jur rahã*
eu eu-vir quando
“O trovão relampejava, quando eu vinha”

(Caldas, 2001:54)

(52a) *amõ ta kɛ Ø-puk^wa*
outro Q AFET 3-riр

(52b) *ihẽ maʔɛ a-meʔu rahã*
eu coisa eu-dizer quando
“Os outros riam, quando eu dizia algo”

(Caldas, 2001:82)

Na próxima seção, investigo a ordem dos constituintes nas orações interrogativas SIM/NÃO e nas interrogativas tipo-qu.

8.4 ORDEM DOS CONSTITUTINTES NAS ORAÇÕES INTERROGATIVAS

Segundo Kakumasu (1986), as orações interrogativas em Ka’apor realizam-se de três modos, a saber: (i) pelo contorno melódico ascendente; (ii) pela ocorrência da partícula dubitativa *m̃z* nas interrogativas SIM/NÃO; e (iii) pelas partículas interrogativas nas orações do tipo-qu.

Com relação ao contorno melódico ascendente, observa-se que esse contorno manifesta-se na sílaba tônica da frase que é considerada como sendo a última sílaba da frase. Na oração (53), temos o contorno melódico ascendente na sílaba [¹ mũj] da palavra *tamũj* “velho” e na oração (54), o contorno ascendente é realizado na partícula indicadora de passado, *k^wε* :

(53) *upa* *nε* *εrε-mujã* *ta 'mũj?*
 tudo tu tu-fazer velho
 “Você fez todo o velho?”
 (Kakumasu, 1986:353)

(54) *nε* *ʃaʔε kε* *ere-juk^wa* *'k^wε?*
 tu Xa'e AFET tu-matar PASS
 “Tu matastes o Xa'e?”
 (Kakumasu, 1986:353)

As orações interrogativas SIM/NÃO se caracterizam por trazerem a partícula dubitativa *mɛ̃* na posição final da oração, conforme mostram os exemplos de (55) a (57):

(55) *ɔ-hɔ* *mɛ̃?*
 3-ir INTERR
 “Ele foi?”
 (Kakumasu, 1990:33)

(56) *jaɽwatε* *r-amũi* *ta* *upa*
 onça CT-velho Q tudo

janε *Ø-sawaʔε* *ta* *kε* *Ø-juk^wa* *mɛ̃?*
 nós CT-homem Q AFET 3-matar INTERR
 “Todos os ancestrais da onça mataram os nossos maridos?”
 (Kakumasu, 1990:31)

- (57) *amõ* *u-w ír* *m í?*
 outro 3-*vir* INTERR
 “O outro veio?”

(Kakumasu, 1990:123)

E as orações interrogativas do tipo-qu são formadas pelas palavras-qu. Essas palavras vêm no início das orações interrogativas. Até o momento, documentei cinco palavras-qu, a saber:

ma ʔε: o que?, qual?

- (58) *ma ʔε* *h-εr?*
 qual NCT-nome
 “Qual é o nome (dele)?”

(Kakumasu, 1990: 199)

- (59) *ma ʔε* *n ε* *Ø-p ε?*
 o que tu CT-para
 “O que é para ti?”

(Kakumasu, 1990:113)

m í: onde?

Vale destacar que a palavra-qu *m í* é homófonas à partícula interrogativa dubatativa *m í* das questões SIM/NÃO, conforme ilustra os dados (57a) e (57b):

- (60a) *m í* *o-h o?*
 onde 3-*ir*
 “Onde ele foi?”

(Kakumasu, 1990:353)

(60b) *ɔ-hɔ* *mɛ?*
 3-ir INTERR
 “Ele foi?”

(Kakumasu, 1990:33)

mɛ ʔa: como?, quando?, quantos?

(61) *mɛ ʔa* *ere-juk ʷa?*
 quantos tu-matar
 “Quantos tu matastes?”

(Kakumasu, 1986:354)

(62) *mɛ ʔa* *εrε-hɔ?*
 como tu-ir
 “Como tu vais?”

(Kakumasu, 1986:66)

awa: quem?

(63) *awa* *nε?*
 quem tu
 “Quem és tu?”

(Kakumasu, 1990: 116)

(64) *awa nε kε* *upa* *Ø-puk ʷar?*
 quem tu AFET tudo 3-amarrar
 “Quem te amarrou todo?”

(Kakumasu, 1990:99)

ma ʔε rεhε: por que?, qual a razão?

(65) *ma ʔε* *r-εhε* *nε* *ere-jur?*
 que CT-por tu tu-vir
 “Por que tu viestes?”

(Kakumasu, 1990:122)

É interessante observar que nas orações interrogativas-qu podem co-ocorrer as palavras-qu, na posição inicial da sentença, e a partícula dubitativa *mɛ* ,

na posição final da sentença. Nos exemplos abaixo, notam-se as palavras-qu *mǎ*

“onde”, *awa* “quem” e *ma ʔε rɛhɛ* “por que” co-ocorrendo com a partícula *mǎ*:

(66) *mǎ* *ihẽ* *a-hɔ* *mǎ?*
onde eu eu-ir INTERR
“Por onde eu vou?”
(Kakumasu, 1990:47)

(67) *awa* *kɔ* *mǎ?*
quem aqui INTERR
“Quem está aqui?”
(Kakumasu, 1986:355)

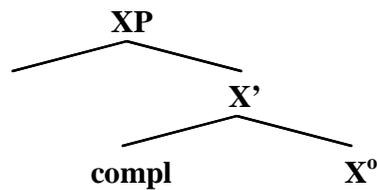
(68) *ma ʔε* *r-ɛhɛ* *Ø-ka ʔu* *mǎ?*
que CT-por 3-endoidar INTERR
“Por que ele endoidou?”
(Kakumasu, 1990:2)

Na próxima seção, retomo os universais de Greenberg (1966). O objetivo é testar se algumas das predições feitas pela tipologia proposta por Greenberg são respeitadas ou não em Ka’apor.

8.5 GENERALIZAÇÕES DE GREENBERG

Greenberg (1966) propõe 45 universais gramaticais para estabelecer a tipologia de ordem nas línguas naturais. Essas postulações são deduzidas de três ordens básicas, a saber: a existência nas línguas de preposições ou posposições, a ordem relativa de S, V e O e a posição do adjetivo em relação ao nome.

Consoante o universal 4³⁶, as línguas de núcleo final OV tendem a apresentar núcleo em posição final nas estruturas sintáticas, conforme indica a formalização X-Barra a seguir:



Com relação ao Ka'apor, posso dizer que é uma língua de núcleo final, pois essa ordem é a predominante na língua, conforme se vê, pela ordem [S[OV], na oração declarativa que se segue:

SOV

(69) *a ʔε* *tatu* *kε* *u-ʔu* *ta*
 ele tatu AFET 3-comer IMPERF
 “Ele comerá o tatu”

Em Ka'apor, observei que as orações interrogativas tipo SIM/NÃO conferem com o universal 9³⁷, pois a partícula interrogativa tipo SIM/NÃO *m̃* vem

³⁶ **Universal 4.** With overwhelmingly greater than chance frequency, languages with normal SOV order are postpositional.

³⁷ **Universal 9:** With greater than chance frequency, if a language has a final yes-no question particle then this language has postpositions.

no final da sentença, sinalizando a existência de posposições na língua, conforme vemos nos exemplos abaixo:

(70a) *ɔ-hɔ* *m ɛ?*
 3-ir INTERR
 “Ele foi?”

(70b) *ihẽ* *Ø-p ɛ ʔa-ʔaŋ* *Ø-p ɛ*
 eu CT-fígado-alma CT-em
 “No meu espírito”

O universal 12³⁸ trata das orações interrogativas do tipo-qu. Segundo esse universal, em línguas OV, as partículas interrogativas podem aparecer na posição inicial ou final da oração. Isso se verifica em Ka’apor, pois as partículas interrogativas do tipo-qu ocorrem no início da oração, conforme mostra o exemplo abaixo:

(71) *awa* *n ɛ?*
 quem tu
 “Quem és tu?”

³⁸ **Universal 12.** If a language has dominant order VSO in declarative sentences, it always puts interrogative words or phrases first in interrogative word questions; if it has dominant order SOV in declarative sentences, there is never such an invariant rule.

O universal 13³⁹ prediz que as orações subordinadas de línguas OV antecedem a oração principal, emergindo a ordem [[ORAÇÃO_{subordinada} [ORAÇÃO_{Principal}]]. Em Ka’apor, esse universal se confirma, pois a forma não marcada é a oração subordinada anterior à oração principal:

[[ORAÇÃO_{subordinada}] ORAÇÃO_{Principal}]]

(72a) *kaka kε kurumĩ u-ʔu rahã*
 cacau AFET menino 3-comer quando

(72b) *aʔε h-ã ʔĩm kε Ø-matĩr*
 ele NCT-carçoço AFET 3-ajuntar
 “Quando o menino comeu o cacau, ele ajuntou o carçoço [do cacau]”
 (Informante: G.K.)

Já o universal 16⁴⁰ trata das orações declarativas compostas do verbo principal e auxiliar e prediz que, em línguas OV, o verbo auxiliar figura posposto ao verbo principal. Na língua Ka’apor, essa predição se confirma, pois há a seqüência VERBO-AUXILIAR:

(73) *ihẽ r-akehar Ø-ʃiar ɔ-hɔ*
 minha CT-esposa 3-abandonar 3-ir
 “Minha esposa irá (me) abandonar”

³⁹ **Universal 13.** If the nominal object always precedes the verb, then verb forms subordinate to the main verb also precede it.

⁴⁰ **Universal 16:** In languages with dominant order SOV, an inflected auxiliary always follows the main verb.

Por fim, o universal 20⁴¹ prediz que, se o adjetivo, o pronome demonstrativo, o pronome possessivo e o numeral antecedem o nome, então, todos os elementos determinantes estarão antes do nome. No entanto, o Ka’apor parece violar essa predição, uma vez que o adjetivo figura após o nome; os pronomes demonstrativo e possessivo antecedem o nome; e o numeral vêm antes ou depois do nome, conforme mostram os exemplos arrolados nos dados abaixo:

NOME-ADJETIVO

(74) *jawa* *p ĩtã*
 cachorro vermelho
 “Cachorro vermelho”

PRONOME POSSESSIVO-NOME

(75) *ihẽ* *sawaʔɛ*
 meu homem
 “Meu marido”

PRONOME DEMONSTRATIVO-NOME

(76) *amõ* *m ĩra*
 outra árvore
 “A outra árvore”

⁴¹ **Universal 20.** When any or all of the items (demonstrative, numeral, and descriptive adjective) precede the noun, they are always found in that order. If they follow, the order is either the same or its exact opposite.

NÚMERO-NOME

- (77) *mahapɛr jahɛ*
três lua
“Três luas” [= três meses]

NOME-NÚMERO

- (78) *japekã Ø-kak^war kɛ tumɛmɛ*
espinho CT-feixe AFET quatro
“Quatro feixes de espinhos”

Verificando a ordem nos níveis da oração e do sintagma determinante, podemos afirmar que há sim uma tendência da língua Ka’apor ser de núcleo final nas orações declarativas, interrogativas SIM/NÃO e nas subordinadas. Já no sintagma determinante, observa-se uma variação na ordem entre o núcleo nominal e os seus determinantes (adjetivo, pronome demonstrativo, pronome possessivo e numeral), isto é, o adjetivo posiciona-se posteriormente ao núcleo, os pronomes demonstrativo e possessivo têm sua posição anterior ao núcleo e o numeral pode figurar tanto antes quanto depois do nome.

8.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Nesse capítulo, descrevi a ordem dos constituintes no nível sintagmático e oracional.

No nível sintagmático, mostrei que os D/NPs têm determinantes à esquerda, como os pronomes demonstrativos, pronomes possessivos e numerais, e determinantes à direita como os adjetivos, os clíticos quantificadores **[.ta]** e **[.upa]**, o clítico **[.kɛ]** e os numerais. Assim sendo, podemos afirmar, com certa segurança, que o sintagma determinante em Ka'apor apresenta a seguinte ordenação interna: [[[numerais + pronome demonstrativo + pronome possessivo + Nome + adjetivo + quantificador1 **[.ta]** + **[.kɛ]** + quantificador 2 **[.upa]**/numerais]]]

No nível oracional, investiguei a ordem no interior das orações declarativas, subordinadas e interrogativas.

As orações declarativas apresentam cinco ordens possíveis dos argumentos nucleares em relação ao verbo, a saber: SOV, SVO, OSV, VSO, VOS. Em Ka'apor, as duas primeiras são as mais produtivas. Também deve-se destacar que quando a oração vem com o auxiliar, este sempre segue o verbo lexical, emergindo a ordem [SOV-AUXILIAR].

As orações subordinadas são formadas pela posposição da partícula temporal *rahã* “quando” ao núcleo da oração que pode ser um verbo ou um nome, assim a oração subordinada tem a seguinte ordem: [[Oração_{subordinada}]-*rahã*]].

As orações interrogativas realizam-se de três modos, a saber: (i) pelo contorno melódico ascendente na sílaba tônica da frase; (ii) pela partícula dubitativa *mĕ* nas interrogativas SIM/NÃO; e (iii) pelas partículas interrogativas nas orações do tipo-qu.

E por fim, comparei a ordem do sintagma determinante e das orações declarativas, subordinadas e interrogativas com os universais de Greenberg (1966). Nessa comparação, o sintagma determinante não obedece ao princípio de que as línguas OV terão núcleo final, pois os adjetivos figuram depois do nome, os pronomes demonstrativo e possessivo antes do nome e os numerais podem anteceder ou serem posteriores ao nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese teve como objetivo a análise de alguns aspectos gramaticais da língua Ka'apor, tendo em vista, principalmente, contribuir para a valorização do povo e da língua Ka'apor; para produção de material didático no ensino da língua materna; para a documentação de narrativas orais; para a transcrição fonética das narrativas de Kakumasu (1990); e por fim, para a contribuição do conhecimento das línguas indígenas brasileiras.

Com relação aos aspectos gramaticais, destaquei na fonologia a descrição dos fonemas vocálicos e consonantais; na morfologia a análise dos prefixos relacionais - {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} - e a estrutura morfológica do verbo; na sintaxe a investigação da expressão da gradação e da quantificação, dos alinhamentos nos predicados verbais e a ordem das palavras; e, por fim, no semântico a análise do clítico [.kɛ]. Dentro dessa análise, as principais contribuições desta tese foram:

- A análise dos prefixos relacionais {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-}, assumindo para esses prefixos três funções, a saber: (i) classificar os nomes concretos em possuídos e não-possuídos. Os nomes possuídos vêm com os prefixos {r- ∞ Ø-} e {i- ∞ h- ∞ Ø-} e os nomes não-possuídos não ocorrem com esses

- prefixos; (ii) estabelecer a relação de contigüidade e não-contigüidade nos sintagmas de posse e posposicionais; e (iii) codificar o traço [+/-PESSOA] em predicados estativos. O prefixo {r- ∞ Ø-} faz referência a um D/NP sujeito [+PESSOA] e o prefixo {i- ∞ h- ∞ Ø-} a um D/NP sujeito [-PESSOA].
- A descrição dos prefixos verbais de concordância, apontando para o fato de que os prefixos de pessoa {a- “eu”; re ~ ere ~e- “tu”; ja- “nós”, pe- “vós”} são sincréticos por carregarem os traços de pessoa [+PESSOA] e de número [SINGULAR], [PLURAL], enquanto os prefixos de não-pessoa {o- ~ u- ∞ Ø- “ele(s),ela(s), o pessoal”} contém apenas o traço [-PESSOA], sendo que o traço de número é recuperado somente no contexto pragmático.
 - A proposta do clítico quantificador [.ta] como um diagnóstico morfossintático na distinção entre argumentos e predicados.
 - A análise do item [.kɛ] como um clítico indicativo de papel-θ e as propriedades semânticas desse clítico nos D/NPs sujeito de predicados transitivos e intransitivos ativos que assume as propriedades [+AFETADO; + DESENCADEADOR; + CONTROLE; - ESTATIVO]; nos D/NPs objeto de predicado transitivo, sujeito de predicado intransitivo inativo com as propriedades [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; - ESTATIVO]; nos D/NPs sujeito de predicado estativo e complementos de posposições com as propriedades [+AFETADO; - DESENCADEADOR; - CONTROLE; +ESTATIVO].

- A proposta de que a língua Ka'apor possui quatro tipos de alinhamentos de predicados verbais, a saber: o nominativo-absolutivo, ergativo paciente, o intransitivo fluido e o neutro.

O padrão nominativo-absolutivo alinha os argumentos nucleares (A), (Sa) e parte do (So) por meio dos prefixos nominativos {*a-* “eu”; *re-* “tu”; *ja-* “nós”, *pe-* “vós” e *o-/u-* ~ \emptyset “ele,ela(s), o pessoal”} codificados nos verbos, e alinha os argumentos (So) dos verbos estativos e (O) por meio dos prefixos relacionais { $r-\infty\emptyset-$ } e { $i-\infty h-\infty\emptyset-$ } e por meio do clítico [**.kɛ**].

O padrão ergativo paciente alinha os argumentos (So) e (O) com o clítico [**.kɛ**], enquanto os argumentos (A) e (Sa) não recebem nenhuma marca.

O padrão intransitivo fluido refere-se à fluidez do alinhamento do argumento (Sa), isto é, (Sa) ora se alinha com os argumentos (So) e (O) por meio do clítico [**.kɛ**], ora se alinha com o argumento (A).

E o padrão neutro trata do alinhamento de (A), (Sa), (So) e (O), marcando todos esses argumentos com o clítico [**.kɛ**].

- E, por fim, a análise da ordenação interna do sintagma determinante, apresentando a seguinte ordem: [[[numerais + pronome demonstrativo + pronome possessivo + Nome + adjetivo + quantificador1 [**.ta**] + [**.kɛ**] + quantificador 2 [**.upa**]/numerais]]].

Creio que a principal função de um estudo sistemático de línguas indígenas é contribuir para a divulgação da riqueza do próprio povo. Os kaapor têm como marca a vida na mata, na floresta, o que se alastra para as marcas em sua língua. Também pude verificar em nosso estudo a presença da linguagem corporal, seja no uso da linguagem por sinais, utilizadas pelos surdos, seja na prática de apontar para o arco-íris com o cotovelo (pois acredita-se que ele seja um elemento mau). Essas amostragens que pude verificar pessoalmente nas viagens ao campo atestam, sem dúvida, a riqueza de um povo e justificam a necessidade de estudos que organizem e propaguem a língua Ka'apor.

Desejo com todo o meu coração agradecer ao povo Ka'apor pela acolhida, pela gentileza, pela paciência durante os cursos de documentação de narrativas. Também quero deixar minha gratidão às *ta?ɨn ta* (crianças) por revelarem que a verdadeira educação não se encontra nas escolas, mas está no dia a dia através de gestos simples como brincadeiras de caçar, brincadeiras de rodas, passeios na mata, catar mangas, correr de vaca brava, e tomar banho no igarapé.

Ka'apor katu te “Os Ka'apor são realmente bons”

Pe upa “fim”

REFERÊNCIAS

- ADGER, D. *Core syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALEXIADOU, Artemis e ANAGNOSTOPOULOU, Elena. The subject-in-situ generalization and the role of case in driving computations. In: *Linguistic Inquiry*, MIT, p. 193-231, vol. 32, number 2, Spring, 2001.
- ALVES, Flávia. Aspectos da ergatividade cindida em Apãniekra. In: SANTOS, Ludovico & PONTES, Ismael (org.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: UEL, 2002.
- BALÉE, William. *Informações sobre a etnia Ka'apor*. Disponível em: <www.isa.org.br> Acesso em 11 de setembro de 2007.
- BARSS, A. & LASNIK, H. a note on anaphora and double objects. *Linguistic Inquiry*, vol. 17, pp. 347-354, 1986.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução: Maria Novak & Maria Neri. São Paulo: Unicamp, 1991.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Causativas lexicais no Português do Brasil: perfil morfossintático, semântico e funcional-discursivo. In: DECAT, Maria Beatriz et.al. *Aspectos da Gramática do Português*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- BITTNER, Maria & HALE, Ken. The structural determination of Case and Agreement. *Linguistic Inquiry*, Vol. 27, nº 1, p.1-65, 1996.
- BOBALJIK, J. D. Ergativity and ergative unergativies. In: C. Phillips & J. D. Bobaljik (eds) . *Papers on Case and agreement II*. MITPWL 19, 1993.
- BOMFOCO, Marco Antônio. Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional. In: DUARTE, Fábio Bonfim. *Viva Voz: cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.
- BURZIO, L. *Italian syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: reidel, 1986.

- CABRAL, Ana Suelly. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. *Boletim da Abralin*, nº25, p. 233-262, 2001.
- CABRAL, Ana Suelly & CALDAS, Raimunda Cristina. Reestruturação de antigos contrastes morfossintáticos em Ka'apor. In: RODRIGUES, Aryon (org.). *Estudos da Linguagem – pesquisas em línguas indígenas*, vol. 4, nº 2, p. 87-97, 2006.
- CABRAL, Ana Suelly et. al. (org.). *Mair ixo rahã yman ke je*. Belém: UEPA, 2004
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- CALDAS, Raimunda Benedita. *Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor*. Belém: UFPA, 2001. 86p. (Dissertação, Mestrado em Linguística).
- _____. Observações Sobre as Expressões de Aspecto na Língua Ka'apor. *ABRALIN*, UFC, Ceará, p. 509-511, 2001
- _____ & SILVA, Tabita Fernandes. Verbos de atividades mentais em Ka'apor e outras línguas da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, Ana Suelly & RODRIGUES, Aryon. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Tomo I, p.352-357. Belém: UFPA, 2002.
- CAMARGO, Eliane. Ergatividade cindida em Caxinauá. In: RODRIGUES, Aryon & CABRAL, Ana Suelly. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas indígenas da ANPOLL*. Tomo I. Belém: EDUFPA, 2002.
- CAMPOS, Carlo Sandro. Verbos transitivos, inergativos e inacusativos em Maxacalí. In: DUARTE, Fábio Bonfim (org.). *Cisão de Caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.
- CANÇADO, Márcia. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, v.21, nº 1, p.23-56, 2005.
- CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, vol. 15, Nº Especial, 1999 (385-417).

- CHAFE, Wallace. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CLARK, John & YALLOP, Colin. *An introduction to phonetics and phonology*. Oxford: Blackwell Publishing, 1990.
- COMRIE, Bernard. Ergativity. In: LEHMANN, Winfred P (org). *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. Austin: University of Texas Press, 1978.
- COSTA, Raquel. Ergatividade cindida em Marubo (Pano). In: RODRIGUES, Aryon & CABRAL, Ana Suely. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas indígenas da ANPOLL*. Tomo I. Belém: EDUFPA, 2002
- CORRÊA DA SILVA, Beatriz. *Urubú-Ka'apor, da gramática à história: a trajetória de um povo*. Brasília: Unb, 1997. 119p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).
- _____. Considerações sobre Classes de Palavras em Ka'apor. *Universa* (UCB), Brasília, v. 8, n. 3, p. 597-608, 2000.
- _____. Hipóteses sobre a História Lingüística Ka'apor. In: *II Congresso Nacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Florianópolis: CD Rom, p. 1606-1617, 2000.
- _____. Prefixos Relacionais e Classes Gramaticais em Ka'apor. In: *XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística*. Campinas : ANPOLL CDRom, 2000.
- _____. Codificação dos argumentos em Ka'apor: sincronia e diacronia. In: CABRAL, Ana Suely & RODRIGUES, Aryon. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Tomo I, p.343-351. Belém: UFPA, 2002.
- DIXON, R. Ergativity. *Language*, Volume 55, p.59-138, 1979.

- _____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DUARTE, Fábio Bonfim *Análise gramatical das orações da língua Tembé*. Brasília: Unb, 1997. 95p. Dissertação. (Mestrado em Lingüística)
- _____. *Ordem de constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 198p. (Tese, Doutorado em Lingüística).
- _____. *Caso e concordância em Tenetehará*. Belo Horizonte: UFMG, Comunicação apresentada durante o 1º Encontro Mineiro em Línguas Indígenas, 2005, ms.
- _____. Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ -h} em Tenetehára. In: *Revista de Estudos Lingüísticos/Gel*, Campinas, Unicamp, 2005.
- _____. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára, *Revista Liames*, Campinas: Unicamp/IEL, 2006.
- _____. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.
- DUARTE, Fábio & GARCIA, Mário. Ergatividade Cindida, papel temático e causativização na língua Ka'apor. *Revista Estudos da Linguagem*, v.14, nº 2, p.277-315, jun./dez., 2006.
- DURIE, Mark. Control and decontrol in Acehnese. *Australian Journal of Linguistics*, vol.5, p.43-54, 1985.
- FRANCHETTO, Bruna & SANTOS, Mara. Estruturas argumentais em Kuikúro. In: CABRAL, Ana Suely & RODRIGUES, Aryon (orgs). *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: UFPA, 2001.
- GUASTI, Maria Teresa. Romance causatives. In: Liliane Heageman (org.) *The new comparative syntax*, Longman, p.124-144, 1997.
- GRANNIER, Daniele Marcelle. *Aspectos da morfossintaxe do Guarani Antigo*. Maceió: UFAL, 2002. 100p. (Tese, Doutorado em Lingüística).

GREEN, Diana. Diferenças entre termos numéricos em algumas línguas indígenas do Brasil. In: FERREIRA, Mariana (org.). *Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos*, Série Antropologia e Educação, vol. 3, São Paulo, Fapesp/MARI-USP/Global, p.251-75, 2002.

GREENBERG, Joseph. "Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements". In: J. H. Greenberg (org.). *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press, 1966.

GUASTI, Maria Teresa. Romance causatives. In: Liliane Heageman (org.) *The new comparative syntax*, Longman, p.124-144, 1997.

GUSSENHOVEN, Carlos & JACOBS, Haïke. *Understanding phonology*. New York: Oxford University Press, 1998.

HALE, Kenneth & KEYSER, Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Kenneth , KEYSER, Jay (orgs.). *View from building 20*. MIT Press, 1994.

_____. *The basic elements of argument structure*. Rio de Janeiro: UFRJ, Curso de Estrutura das Línguas Indígenas Brasileiras, março 2000, ms.

HASPELMATH, Martin & MÜLLER-BARDEY, Thomas. Valence Change. In: BOOIJ, G., LEHMANN, C. & MUGDAN, J. *Morphology – a handbook on inflection and word formation*. Leipzig: Universität Mainz, 2001.

HOLMER, Arthur The ergativity parameter, In: *Working papers # 48*, Lund University, p.101-113, 2001.

KAKUMASU, James Y.& KAKUMASU, Kiyoto. *Outros textos urubu-kaapor*. Brasília: SIL, 1990. 228 p. (Arquivo Lingüístico do Museu Nacional)

KAKUMASU, James. Urubu-Ka'apor. In: DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G.K. (orgs.). *Handbook of Amazonian Languages*, Vol. 1, p.326-403. New York: Mouton de Gruyter, 1986.

_____. *Mu'eha: cartilha Urubu-kaapor*. 2^a ed. Belém: SIL, 1989.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in generative grammar*. London: Basil Blackwell, 1994.

KIBRIK, Alexander. As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, vol.18, p.15-36, jan/jun., 1990.

_____. Semantically ergative languages in typological perspective. In: DOOLEY, Robert & QUAKENBUSH, Stephen (orgs.). *Work Paper*. Vol. 35. Dallas: SIL, 1991.

LAKA, Itziar. Unergatives that assign ergative, unaccusatives that assign accusative. In: PHILLIPS, C. & BOBALJIK, J.D. (eds) . *Papers on Case and agreement I*. MITWPL # 19, MIT, 1993.

LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, vol.19, p.335-391, 1988.

LEVIN, B. & HOVAV, M. Rappaport. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LOBATO, Lúcia M. P *Ergatividade: hipóteses gerativas e fatos de línguas Tupi*, Brasília: UnB, Comunicação proferida durante o 1º Encontro sobre Línguas e Culturas Tupi, 2004, ms.

LOPES, Mário Alexandre (org.). *Coletânea de narrativas Ka'apor*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LYONS, Jonh. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina & LOPES, Ruth. *Manual de sintaxe*. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

PAYNE, Thomas. *Describing morphosyntax – guide for field linguists*. Cambridge: University Press, 1997.

PARKER, S.T. Playing for keeps: an evolutionary perspective on human games. In: SMITH, Peter (org.). *Play: in animals and humans*. New York: Basil Blackwell.

PIKE, Kenneth Lee. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: University Michigan Press, 1947.

- POLINSKY, Maria & POTSDAM, Eric. Long distance agreement and topic in Tsez. *Natural languages and linguistic theory*, vol. 19, p.583-646, 2001.
- RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist Introduction*. Cambridge: CUP, 1998.
- RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO, Bertha. *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Sarsa, 1957.
- RIBEIRO, Darcy. *Diários índios: os urubus-kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, Curitiba, nº1, p.121-152, 1953.
- _____. *Estrutura da língua Tupinambá*. Brasília: Unb, 1981. (ms)
- _____. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, pg.33-53, 1985.
- _____. Argumento e Predicado em Tupinambá. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, nº 19, p.57-70, 1996.
- _____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: QUEIXALÓS, F. (org.). *Des nom et des verbs em Tupi-Guarani, état de la question*. Caiena: IRD e CNRS, 2000. p.63-74.
- _____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- RODRIGUES, Aryon & CABRAL, Ana Suelly. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In: _____. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas indígenas da ANPOLL*. Tomo I. Belém: EDUFPA, 2002.
- SAEED, John. *Semantics*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 2003.
- SAKSENA, Anuradha. The affected agent. *Language*, vol.56, nº 4, 1980.
- SAMAIN, Etienne. A vontade de ser: notas sobre os índios urubu-kaapor e sua mitologia. *Revista de Antropologia*, nº 27/28, pp. 245-261, 1985.

SEKI, Lucy. Kamaiurá (Tupi-Guaraní) as an active-stative language. In: PAYNE, Doris (org.). *Amazonian linguistics studies in lowland south american languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.

_____. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Unicamp, 2000.

_____. Aspectos da morfossintaxe Krenak: orações independentes. *Liames*, vol.4, pp. 131-148, 2004.

SILVA, Tabita Fernandes. Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apor. Belém: UFPA, 2001. 79 p. (Dissertação, Mestrado em Linguística).

VAN VALIN, Robert. *Exploring the syntax-semantics interface*. New York: Cambridge, 2005.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology*. California: Sage Publications, 1997.

ZWART, Jam Wouter. *Local agreement*. University of Groningen, 2004. ms.

ANEXO I

LISTA DE VERBOS

A seguir, nas tabelas de 16 a 20, transcrevemos os verbos em Ka'apor coletados dos trabalhos de Kakumasu (1990), Corrêa da Silva (1997), Silva (2001), Caldas (2001) e nos trabalhos de documentação de narrativas realizados em julho de 2006 e janeiro de 2008.

Na classificação dos verbos, adotamos a proposta de Payne (1997) que subdivide os verbos nas seguintes propriedades semânticas:

- (1) Meteorológicos: são os verbos relacionados a processos da natureza como chover, ventar, esfriar, esquentar, trovejar, anoitecer, amanhecer, nublado;
- (2) Processos Involuntários: são caracterizados por verbos sem um agente volitivo como crescer, morrer, secar, derreter, murchar, apodrecer, explodir, quebrar;
- (3) Estado: são verbos formados por predicados adjetivos como ser alto, ser paciente, ser rico;
- (4) Funções Corporais: são os verbos sem um agente volitivo. Esses verbos estão associados a funções do corpo como tossir, espirrar, soluçar, arrotar, sangrar, suar, vomitar, expectorar, urinar, defecar, dormir;
- (5) Movimento: são os verbos que expressam um modo particular de deslocamento como ir, levar, nadar, correr, andar, rastejar, voar, pular;
- (6) Posição: são os verbos relacionados a uma determinada posição de uma entidade. Nesta classe semântica, agrupam-se os verbos como sentar, ajoelhar, abaixar, deitar, levantar;
- (7) Ação: são os verbos com um sujeito volitivo. Verbos como dançar, cantar, ler, falar, levar;

- (8) Ação-processo: são os verbos com um agente e um paciente/afetado. Verbos como matar, golpear, apunhalar, atirar;
- (9) Factivos: são os verbos que implicam na criação de uma entidade como construir, iniciar, formar, criar, fazer;
- (10) Cognição: são os verbos relacionados a conceitos cognitivos como conhecer, pensar, entender, aprender, lembrar, esquecer;
- (11) Sensação: são os verbos que expressam os conceitos envolvendo a percepção dos sentidos como ver, cheirar, ouvir, provar, sentir, observar;
- (12) Expressões vocais: são os verbos relacionados a manifestação vocálica como falar, responder, afirmar, declarar, murmurar, balbuciar, conversar, discutir, cantar;
- (13) Emoção: são os verbos que expressam conceitos do sentimento humano como amar, zangar, alegrar, entristecer;
- (14) Manipulação: são os verbos que expressam conceitos do uso da força física ou retórica como forçar, obrigar, compelir, causar, permitir.

| VERBOS TRANSITIVOS |
|--|
| PROPRIEDADES SEMÂNTICAS |
| Ação-processo |
| ajmɛ: amolar |
| hapɨ: acender |
| haʔã: tentar |
| harõ ~ haroŋ: esperar |
| hawĩ: raspar |
| hɛɾɛ: lamber |
| hiar: largar, abandonar |
| hiki: pescar |
| hupɨr: carregar |
| ja: segurar |
| japi ~ japɨ ~ japik: atirar, balear |
| jawɨ: errar |
| jiŋõ ~ jiʔon: flechar |
| jirar: desamarrar |
| jiwɨk: enforcar |
| jɨhɨk: alisar |
| jɨtɨm ~ jitɨm: enterrar, plantar |
| jiʔok ~ jɔʔok: arrancar, tirar |
| juhik ~ juhɨk: limpar, alisar |
| juk ^w a: matar |
| jupi: picar |
| jupɨk: cobrir |
| kamɨrɨk: amassar |
| karãj: coçar, arranhar, torrar |
| kina: fechar |
| kifi: ralar |
| kɨtɨk: esfregar |
| kɨhɨm: invadir |
| kutuk: lavar, furar |
| mai: brigar |
| mahem ~ muhem: achar, encontrar, descobrir |

| VERBOS TRANSITIVOS | |
|--------------------------------|--|
| PROPRIEDADES SEMÂNTICAS | |
| Ação-processo | |
| man: abraçar, enrolar | tĩmon: cuspir |
| matĩr: colher, juntar | tuk ^w a: bater |
| meʔē: dar | wĩrɔk: desmatar |
| menar: juntar, casar | ʔu: comer, beber |
| miʃĩr ~ miʃir: cozinhar, assar | menar: juntar, casar |
| mɔnɔ: enviar | puk: furar |
| mɔnɔk: cortar | puk ^w ar: amarrar, atar |
| mɔpɔk: abrir | puk ^w ɛk: embrulhar, cobrir |
| mɔr: jogar | putar: querer, gostar, ter carinho, ter afeto |
| mɔwɔk: rachar | sɔsɔk: socar, moer, atacar |
| mupɛɛ: ferir | suʔu: morder |
| mutirõ: pentear | mĩwĩk: costurar |
| muŋaj: cortar | |
| muʃɛ ~ muĩ: colocar | |
| muʔɛ: escrever | |
| muʔĩ: arrumar | |
| nupã: bater | |
| pɛtɛk: empurrar | |
| pirar: abrir | |
| pĩhu: respeitar | |
| pĩtar: ficar, querer | |
| pirɔk: descascar | |
| piʃam: beliscar | |
| pirũ: pisar, tropeçar | |
| pĩrũ: chutar | |
| pĩkũi: cavar | |
| pɔʔir: largar, soltar | |
| pɔʔɔ: colher | |

Quadro 16

| VERBOS TRANSITIVOS | | | | |
|---------------------------------------|--|---|---|--|
| PROPRIEDADES SEMÂNTICAS | | | | |
| Factivo | Cognitivo | Expressão Vocal | Sensação | Movimento |
| mujã ~ munã: fazer munε: gerar | haraj: esquecer k ^w a: entender pî ʔa: pensar, amar | meʔu: perguntar, avisar, contar panu: falar, pedir | maʔa: experimentar, testar esak: ver | ahar: atravessar hiki: arrastar, puxar hupîr: carregar jεrε: rolar kekar: caçar, procurar maha: peneirar mami ~ jami: exprimer, torcer mui: puxar peir: varrer pîhîk ~ pîhî: pegar, segurar rahɔ: levar rur: trazer |

Quadro 17

| VERBOS INTRANSITIVOS INATIVOS | | |
|--|---|--|
| PROPRIEDADES SEMÂNTICAS | | |
| Processos Involuntários | Meteorológicos | Funções Corporais |
| jamũ: gemer kajim ~ kanim: perder, fugir k ^w a: queimar k ^w ɛra: reviver kukui: cair para objetos suspensos manõ: morrer pak: acordar parã: escorregar pen: quebrar puŋa: inchar pɛhũ: pretear pɛrara: sofrer pɛhɛj: cochilar, ter sono pɛru: tropeçar saka: parecer, ser igual sirɛk ~ sɛrɛk: escorregar sururu: pingar tɛrɛk: transformar upa: acabar ʃeraɛ: sonhar ʃirik: secar ʃuɛ: viver ʔar: cair para objetos não suspensos, nascer ʔɛ: apagar | k ^w ɛr: chover tɛapu: barulhar, trovejar wera: clarear, relampejar | aʃi: espirrar jiʃiʔu: chorar kararak: roncar karuk: urinar sururu: escorrer weʔɛ: vomitar |

Quadro 18

| VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS | | | |
|--|---|------------------------------------|----------------------|
| PROPRIEDADES SEMÂNTICAS | | | |
| Expressão Vocal | Movimento | Cognitivo | Emoção |
| ahem: gritar aja: dizer jeʔẽ: falar jɨŋar: cantar peʔa: mentir puk ^w aj: chamar alguém à distância | ho: ir jan: correr jupetẽ: nadar jur ~ juwɨr ~ wɨr: vir katak: mexer nasa: dançar pikũj: remar pɔr: pular purahaj: dançar wata: andar wak: rodar | jurujar: acreditar | parahɨ: zangar-se |
| Ação | Posição | Sensação | |
| hem: sair hɨk: chegar jahuk: banhar jawir: errar jira: desenrolar jɨwɨ ~ jiwɨr: voltar jupɨr: trepar kaʔẽ: moquear kaʔu: torna-se bêbado kuʔi: moer muʔɛ: ensinar parakɨ: trabalhar peir: capinar pɨriri: fritar pɔrɔ: debulhar puk ^w a ~ puka: sorrir, rir, amansar putuʔu: descansar sarai: brincar wɨjɨ: descer | ninõ: deitar pɨtɨʔu: parar, descansar puʔam: levantar wapɨk: sentar | maʔã: olhar, vigiar henu: ouvir | |

Quadro 19

| VERBOS INTRANSITIVOS ESTATIVOS | |
|----------------------------------|------------------------------|
| PROPRIEDADE SEMÂNTICA | |
| Estado | |
| ahî: ter dor | ʃikā: ter segura |
| aku: ser quente | uhaŋ: ser imortal |
| akîm: ter umidade | upa: ter fim |
| aʃɛr: ser ruim | urî: ter alegria |
| apar: estar torto; estar curvado | puʔi: ser fino |
| eta: ser muito | puku: ser comprido, ser alto |
| ẽʔẽ: ser doce | risaŋ: ter frio |
| eʔõ: ter cançaso | taj: ter ardor |
| hîm: ser liso | tawa: ser amarelo |
| howî: ser azul | tîha: ser grande |
| ijar: ser dono | tîarõ: ser maduro |
| îaj: ter suor | tuwîr: ser branco |
| jɛjɛ: ter solidão | wewi: ser leve |
| juhar: ter coceira | ãpũ: estar satisfeito |
| katu: ser bom | |
| kîje: ter medo | |
| kîʔa: ter sujeira | |
| mîahî: ter fome | |
| nem: ser podre | |
| ŋ ^w ɛ: ter sede | |
| pahar: ter pressa | |
| pinim: ter pintas | |
| piratã: ser forte | |
| pitan: ser vermelho | |
| pîahu: ser novo | |
| pîhun: ser preto | |
| pîaʔi: ter saudade, ter tristeza | |

Quadro 20

ANEXO II

| | | |
|--------------------------------|---------------|------------------|
| <i>Panem</i> | <i>ame ʔẽ</i> | <i>r-εhε-har</i> |
| Azarado | aquele | CT-em-NOMI |
| “A história da pessoa azarada” | | |

- (1) *Arakakāi* *r-εhε-har*
 Arakakāi CT-em-NOMI
 “A história de Arakakāi”⁴²
- (2) *panem* *ame ʔẽ* *sawa ʔε* *kε*
 azarado aquele homem AFET
 “Aquele homem, o azarado”
- (3) *upa* *h-ur ĩ* *i-mu* *ta* *∅-εhε*
 tudo 3-ser feliz 3-irmão Q NCT-em
 “Todos os irmãos (dele) ficaram felizes por (ele)”
- (4) *pε* *tεʔε* *tanimuk* *∅-tui*
 e mesmo cinza da fogueira 3-ficar sentado
 “E (Arakakāi) ficava sentado na cinza da fogueira” [pois ele era preguiçoso].
- (5a) *ma ʔε* *∅-kekar* *ɔ-hɔ* *rahã*
 caça 3-caçar 3-ir quando
 “Quando (Arakakāi) foi caçar a caça...”
- (5b) *∅-we-rur-ʔĩm* *ma ʔε kε*
 3-CAUS.COMIT.-trazer-NEG caça AFET
 “Ele não trouxe a caça...”
- (5c) *urupε* *kε* *tεʔε* *∅-we-rur*
 fungo AFET mesmo 3-CAUS.COMIT.-trazer
 “Ele trouxe mesmo fungo/cogumelo” [Lit.: Ele trouxe mesmo a orelha de pau para comer]

⁴² A história é sobre como o Ka’apor Arakakāi caçava.

- (6) *pε kaʔa Ø-pε u-k^wεr ɔ-hɔ*
 e mato CT-no 3-dormir 3-ir
 “E ele foi dormir no mato”
- (7) *i-mu ta Ø-aja i-pε*
 NCT-irmão Q1 3-dizer NCT-para
 “E os irmãos (dele) falaram para (ele)”
- (8a) *urupε kε tεʔε u-ʔu i-ʃɔ*
 fungo AFET mesmo 3-comer 3-estar andando
- (8b) *aja ʔã i-pε*
 assim o pessoal NCT-para
 “(Arakakãĩ) vai comer fungo, assim o pessoal falou para (ele)”
- (9a) *ku ʔẽ rahã*
 manhã quando
 “Quando foi no outro dia...”
- (9b) *maʔε Ø-kekar ɔ-hɔ*
 caça 3-caçar 3-ir
 “Ele foi caçar uma caça”
- (10) *urupε kε tεʔε Ø-we-rur*
 fungo AFET mesmo 3-CAUS.COMIT.-trazer
 “Ele só trouxe fungo”
- (11a) *pe p-ɛtun ramõ rahã*
 e noite início quando
 “E quando era a boca da noite...”
- (11b) *ame ʔẽ sawaʔε Ø-p-ɛ:ʔa:p-ɛ:ʔa o-u-p*
 aquele homem 3-pensar:pensar 3-estar deitado-LOC
 “aquele homem (Arakakãĩ) pensava muito ali”

- (12a) *pε Kanawaru pítun rahã*
 e Kanawaru noite quando
 “E quando era noite, Kanawaru⁴³ ...”
- (12b) *Ø-je ɾẽ o-u-p*
 3-cantar 3-estar deitado-LOC
 “(ele) estava ali cantando deitado”
- (13) *ame ɾẽ r-εhε sawa ɾε Ø-pĩ ɾa o-u-p*
 aquele CT-em homem 3-pensar 3-estar
 deitado-LOC
 “O homem (Arakakãï) estava ali pensando no (Kanawaru)”
- (14) *ma ɾε apɔ u-ɾu naĩ mi tĩ*
 caça agora 3-comer POSS PROB REP
 “O que (Kanawaru) comia agora?”
- (15) *pε Kanawaru r-εhε Ø-pĩ ɾa-ha u-hĩk ɔ-hɔ*
 e Kanawaru CT-em NCT-pensar-NOMI 3-chegar 3-ir
 “E no Kanawaru, o pensamento (de Arakakãï) foi chegando”
- (16) *sawa ɾε Ø-pĩ ɾa-ha Kanawaru r-εhε u-hĩk ɔ-hɔ*
 homem CT-pensar-NOMI Kanawaru CT-em 3-chegar 3-ir
 “O pensamento do home foi chegando no Kanawaru”
- (17) *pε Kanawaru r-εhε u-hĩk ɔ-hɔ*
 e Kanawaru CT-em 3-chegar 3-ir
 “E (Arakakãï) foi chegando no Kanawaru” [Lit.: e Arakakãï chegou e descobriu onde estava o Kanawaru]
- (18) *pε Kanawaru tajĩr Ø-pe Ø-pandu*
 e Kanawaru filha CT-para 3-dizer
 “E Kanawaru disse para a filha”

⁴³ Kanawaru é um sapo que fica em cima da árvore. Ele só canta a noite. Quando ele canta durante o dia, ele está ensinando o canto para os filhotes. Ele também é que igual uma pessoa. Ele sai para matar a caça.

- (19) *pε kujataĩ u-wĩr ɔ-hɔ Ø-ehε ?ĩ*
 e moça 3-vir 3-ir NCT-em PERF
 “E a moça foi vindo no Arakakãĩ”
- (20a) *nε papa r-ehε nε Ø-je ?ẽ-ha*
 tu papai CT-em tu CT-falar-NOMI

re-mu-hĩk re-mɔnɔ
 tu-CAUS-chegar tu-mandar
 “Seu pensamento, que tu mandaste, fez chegar no seu papai (= Kanawaru)”
- (20b) *aja tajĩr ame ?ẽ sawa ?ε*
 assim filha aquele homem
 “Assim disse a filha para aquele homem (= Arakakãĩ)”
- (21a) *pε tajĩr Ø-aja i-pε*
 e filha 3-dizer NCT-para
 “E a filha disse para (Arakakãĩ)”
- (21b) *re-esak ta*
 tu-ver IMPERF
 “Olhe o meu pai”
- (22) *εrε-hɔ Ø-ehε jε*
 tu-ir NCT-em DISQUE
 “Disque tu vais (nele)”
- (23) *Ø-aja i-pε tĩ*
 3-dizer NCT-para REP
 “(Ela) disse para (ele) novamente”
- (24) *pε sawa ?ε u-esak ɔ-hɔ Ø-ehε*
 e homem 3-olhar 3-ir NCT-em
 “E o homem foi olhar para (Kanawaru)”

- (25a) *pε Kanawaru Ø-panu i-pε*
 e Kanawaru 3-dizer NCT-para
 “E Kanawaru disse para (Arakakāi)”
- (25b) *maʔε nε pε?*
 o que tu aqui
 “O que você veio fazer aqui?”
- (26a) *pε sawaʔε Ø-panu i-pε*
 e homem 3-dizer NCT-para
 “E o homem (Arakakāi) disse para (Kanawaru)”
- (26b) *urupε kε tεʔε ihẽ kε a-ʔu a-ʃɔ*
 fungo AFET mesmo eu AFET eu-comer eu-estar
 andando
 “Eu como somente fungo”
- (26c) *Ø-aja Kanawaru Ø-pε*
 3-dizer Kanawaru CT-para
 “(Arakakāi) disse para Kanawaru”
- (27) *ihẽ panem taí tεʔε*
 eu azarado INTEN mesmo
 “Eu realmente sou azarado mesmo”
- (28) *aʔε r-εhε urupε kε tεʔε a-ʔu*
 isso CT-em fungo AFET mesmo eu-comer
 “Por isso, eu como mesmo fungo”
- (29) *pε kanawaru Ø-aja i-pε*
 e Kanawaru 3-dizer NCT-para
 “E disse Kanawaru para (Arakakāi)”
- (30a) *koĩ e-jur kĩ tĩ*
 manhã tu-voltar INT REP
 “Amanhã, (desejo) que tu voltes novamente”

- (30b) *Ø-aja* *i-pε*
 3-dizer NCT-para
 “(Kanawaru) disse para (Arakakāi)”
- (31a) *pε* *sawa?ε* *Kanawaru* *Ø-pε* *Ø-panu*
 e homem Kanawaru CT-para 3-dizer
 “E o homem (= Arakakāi) disse para Kanawaru”
- (31b) *ihē* *r-akehar* *tε?ε* *Ø-fiar* *o-ho* *?i*
 eu CT-esposa mesmo 3-deixar 3-ir PERF
 “Minha esposa me deixou mesmo”
- (32a) *pε* *Kanawaru* *Ø-panu* *aja* *i-pε*
 e Kanawaru 3-dizer assim NCT-para
 “E disse Kanawaru assim para (Arakakāi)”
- (33a) *pε* *ta* *nε* *Ø-kotĩ* *Ø-jĩjĩr* *kĩ* *tĩ*
 e DESI tu CT-em direção 3-voltar INT REP
 “E deseja (Arakakāi) voltar para a sua esposa,”
- (33b) *Ø-aja* *sawa?ε* *Ø-pε*
 3-dizer homem CT-para
 “(Kanawaru) disse para o homem (= Arakakāi)”
- (34) *pε* *koĩ* *sawa?ε* *u-hĩk* *o-ho* *Ø-ehε*
 e manhã homem 3-chegar 3-ir NCT-em
 “E pela manhã, o homem chegou novamente no (Kanawaru)”
- (35) *arahā* *u?i* *r-a?i* *kε* *Ø-me?ē* *i-pε*
 neste dia flecha CT-ponta AFET 3-dar NCT-para
 “Neste dia, (Kanawaru) deu a ponta da flecha para (Arakakāi)”⁴⁴
- (36) *pε* *kanawaru* *Ø-panu* *i-pε*
 e Kanawaru 3-dizer NCT-para
 “E Kanawaru disse para (Arakakāi)”

⁴⁴ A ponta da flecha era o dente de Kanawaru.

- (37) *apɔ* *re-juk* ^{ʷa} *katu* *ta* *kĩ*
 agora tu-matar INTEN IMPERF INT
 “Agora, tu matarás muito, (isso é o que eu desejo)” [Lit: serás um caçador Ka’apor valente].
- (38) *Ø-aja* *Arakakāi* *Ø-pɛ*
 3-dizer Arakakāi CT-para
 “(Kanawaru) disse para Arakakāi”
- (39) *Kanawaru* *Ø-panu* *i-pɛ*
 Kanawaru 3-dizer NCT-para
 “Kanawaru disse para (Arakakāi)”
- (40a) *e-maŋa-ʔim* *nɛ* *Ø-aman* *ta* *r-ɛhɛ* *kĩ*
 tu-apontar-NEG tu CT-parente Q1 CT-em INT
 “Tu não apontes (a flehca) na direção de seus parentes, esse é o meu desejo.”
- (40b) *aja* *Ø-me ʔu-ha* *i-pɛ*
 assim NCT-pedir-NOMI NCT-para
 “Assim, (foi) a palavra (de Kanawaru) para (Arakakāi)”
- (41a) *pɛ* *Kanawaru* *Ø-panu* *wɛ* *i-pɛ* *tĩ*
 e Kanawaru 3-dizer ainda NCT-para REP
 “E Kanawaru ainda disse novamente para (Arakakāi)”
- (41b) *e-maŋa-ʔim* *nɛ* *r-akehar* *r-ɛhɛ* *kĩ*
 tu-apontar-NEG tu CT-esposa CT-em INT
 “Tu não apontes (a flehca) na direção de sua esposa, esse é o meu desejo.”
- (41c) *Ø-aja* *i-pɛ*
 3-dizer NCT-para
 “(Kanawaru) disse para (Arakakāi)”
- (42) *nɛ* *r-akehar* *Ø-pɛ* *e-me ʔẽ-ʔim* *ta* *tĩ*
 tu CT-esposa CT-para tu-dar-NEG IMPERF REP
 “Tu não dê para sua esposa também”

- (43) *e-esak katu Ø-ehε kĩ*
 tu-olhar INTEN NCT-em INT
 “Tu cuide bem em relação a ponta da flecha, esse é o meu desejo” [Lit: Tu cuide bem em relação a ponta da flecha para não apontar para a direção errada].
- (44) *aja Kanawaru Ø-me lu-ha sawa?ε Ø-pε*
 assim Kanawaru CT-pedir-NOMI homem CT-para
 “Assim foram as palavras de Kanawaru para o homem (=Arakakãï)”
- (45) *pε sawa?ε Ø-jĩwĩr ɔ-hɔ sipa Ø-pε*
 e homem 3-voltar 3-ir casa CT-para
 pequena
 “E o homem (=Arakakãï) foi voltando para a casa pequena”,⁴⁵
- (46a) *pε ku?ẽ rahã*
 e manhã quando
 “E quando foi no outro dia de manhã...”
- (46b) *sawa?ε ma?ε Ø-kεkar ɔ-hɔ*
 homem caça 3-caçar 3-ir
 “O homem (= Arakakãï) foi caçar uma caça”
- (47) *arahã sawa?ε tadzahu ta kε*
 depois homem queixada Q1 AFET

w-aĩ ɔ-hɔ
 3-encontrar 3-ir
 “Depois o homem (Arakakãï) foi se encontrar com um grupo de queixadas.”
- (48) *mokõi Ø-juk wa*
 dois 3-matar
 “Ele matou duas”

⁴⁵ *sipa*: choupana somente com o telhado.

- (49) *pε upa tε?ε ma?εwɛra kε Ø-juk^wa ?ɛ*
 e tudo mesmo pássaro AFET 3-matar PERF
 “E (Arakakãĩ) matou todos os pássaros”⁴⁶
- (50) *pε Arakakãĩ ɔk Ø-pε Ø-jɛwɛr u-wɛr*
 e Arakakãĩ casa CT-para 3-voltar 3-vir
 “E Arakakãĩ veio voltando para a casa”
- (51) *Ø-ahẽm:ahẽm u-hɛk u-wɛr*
 3-gritar:gritar 3-chegar 3-vir
 “(Arakakãĩ) veio chegando gritando de alegria”
- (52a) *pe i-mu ta Ø-aja i-pε*
 e NCT-irmão Q1 3-dizer NCT-para
 “E os irmãos (dele) disseram para (Arakakãĩ)”
- (52b) *panem apɔ Ø-tur naĩ*
 azarado agora 3-vir POSS
 “Lá vem o azarado, (é assim que dizem sobre Arakakãĩ)”
- (53) *ma?ε panem Ø-juk^wa naĩ mɛ*
 o que azarado 3-matar POSS INTERR
 “O que o azarado matou, (disseram os irmãos de Arakakãĩ)”
- (54) *pε ma?ε ka?ẽ ta hũ kε Ø-mu-hɛk*
 e carne moquear Q1 INT AFET 3-CAUS-chegar
- Ø-we-rur*
 3-CAUS.COMIT.-trazer
 “E (Arakakãĩ) fez chegar várias carnes moqueadas”
- (55) *pε h-akehar kε u-hɛk ɔ-hɔ Ø-ehε tĩ*
 e NCT-esposa AFET 3-chegar 3-ir NCT-em REP
 “E a esposa (de Arakakãĩ) voltou para (ele)”

⁴⁶ *ma?εwɛra*: abrange todos os tipos de pássaros como jakamin, arara, tucano.

- (56) *pε amō ta Ø-aja i-pε*
 e outro Q1 3-dizer NCT-para
 “E os outros falaram para (Arakakāi)”
- (57a) *a-esak-?im ta ihē*
 eu-olhar-NEG Q1 eu
 “Eu não vou nem olhar”
- (57b) *Ø-aja amō ta i-pε*
 3-dizer outro Q1 NCT-para
 “Disseram os outros para (Arakakāi)”⁴⁷
- (58) *pε aja tε?ε ma?ε kε Ø-juk^wa i-ʃɔ ?i*
 e assim mesmo caça AFET 3-matar 3-estar em PERF
 movimento
 “E assim Arakakāi matava a caça”
- (59) *aja h-akehar ma?ε Ø-kekar ɔ-hɔ i-mamō*
 assim NCT-esposa caça 3-caçar 3-ir NCT-COM
 “Assim, a esposa (dele) vai caçar a caça com ele”
- (60a) *pε wari⁴⁸ pε r-upi Ø-hĩ*
 e wari caminho CT-pelo 3-estar sentado
 “E o Wari estava sentado no caminho” [Lit: Wari estava numa árvore que estava no meio do caminho].
- (60a) *ame ?ē kε Arakakāi Ø-juk^wa*
 aquele AFET Arakakāi 3-matar
 “Arakakāi matou aquele (=Wari)”
- (60c) *ĩwa-tε⁴⁹ tε?ε Ø-pĩta tĩ*
 céu-VER mesmo 3-enrolar REP
 “(Wari) se enrolou em cima da árvore [Lit: no verdadeiro céu = lugar alto]”

⁴⁷ Os parentes de Arakakāi sentiram inveja dele, porque agora ele é um caçador.

⁴⁸ Wari: macaco capelão.

⁴⁹ *ĩwa-tε*: no verdadeiro céu, em cima.

- (61) *pε sawaʔε Ø-jupir ɔ-hɔ Ø-ehε*
 e homem 3-subir 3-ir NCT-em
 “E o homem (= Arakakāi) foi subindo na árvore”
- (62) *arahã h-akehar h-uʔĩ kε Ø-pĩhĩk i-ŋi*
 depois NCT-esposa NCT-flecha AFET 3-pegar NCT-de
 “Depois, a esposa (dele) pegou a flecha (dele)”
- (63) *pε Ø-maŋa Ø-ehε*
 e 3-apontar NCT-em
 “E (ela) apontou na direção de (Arakakāi)”
- (64) *pε sawaʔε Ø-jeʔẽ i-pε*
 e homem 3-falar NCT-para
 “E o homem (= Arakakāi) falou para (ela)”
- (65) *e-maŋa-ʔim he r-ehε*
 tu-IMP-apontar-NEG eu CT-em
 “Não aponte na minha direção”
- (66a) *aʔε Ø-ŋi Ø-jɔ*
 ele CT-de 3-estar deitado
 “Ele (= Arakakāi) estava em cima da árvore”
- (66b) *sawaʔε u-ʔar Ø-juk^wa*
 homem 3-cair 3-matar
 “E ela matou e o homem (Arakakāi) caiu”
- (67) *pε h-akehar kε Ø-jĩwĩr u-wĩr*
 e NCT-esposa AFET 3-voltar 3-vir
 “E a esposa (dele) voltou”
- (68) *a-juk^wa ihẽ Ø-sawaʔε kε a-jur*
 eu-matar eu CT-homem AFET eu-vir
 “Eu vim matar meu marido”
- (69) *Ø-aja i-mũ ta Ø-pε*
 3-dizer NCT-irmão Q1 CT-para
 “(Ela) disse para os irmãos (de Arakakāi)”

- (70) *pε kujã kε ɔk Ø-pε u-hĩk u-wĩr*
 e mulher AFET casa CT-para 3-chegar 3-vir
 “E a mulher chegou em casa”
- (71a) *pε i-mũ Ø-aja i-pε*
 e NCT-irmão 3-dizer NCT-para
 “E o irmão (de Arakakãĩ) perguntou para (ela)”
- (71b) *mĩja h-akehar?*
 como NCT-esposa
 “E como você fez?”
- (71c) *Ø-aja i-mũ ta i-pε*
 3-dizer NCT-irmão Q1 NCT-para
 “Os irmãos (de Arakakãĩ) disseram para (ela)”
- (72) *u?ĩ⁵⁰ kε tε?ε a-maŋa Ø-ehε*
 flecha AFET mesmo eu-apontar NCT-em
 “Eu apontei a flecha na direção (de Arakakãĩ)”
- (73) *arahã tε?ε u-?ar Ø-juk^{wa}*
 depois mesmo 3-cair 3-matar
 “Depois ele caiu morto”
- (74) *pε Ø-manõ ame?ẽ sawa?ε kε*
 e 3-morrer aquele homem AFET
 “E aquele homem (= Arakakãĩ) morreu”
- (75) *arahã Kanawaru r-ãĩ kε*
 depois Kanawaru CT-dente AFET
- Ø-ra-hɔ i-namõ*
 3-CAUS.COMIT.-ir NCT-com
 “Depois (Arakakãĩ já como espírito) levou consigo o dente de Kanawaru”

⁵⁰ Se a ponta da flecha apontasse para alguém, ela matava. Não precisava a ponta da flecha encostar/ferir uma pessoa.

- (76) *pε* *ŋã* *Ø-jítím* *Ø-ra-hɔ* *ʔí*
 e o pessoal 3-enterrar 3- CAUS.COMIT.-ir PERF
 “E eles foram enterrar Arakakãí”
- (77) *i-mũ* *ta* *h-uʔí* *kε*
 NCT-irmão Q1 NCT-flecha AFET

Ø-mu-pítar *i-ŋi* *naĩ*
 3-CAUS-querer NCT-de POSS
 “Os irmão (de Arakakãí) queriam a flecha dele”
- (78) *ameʔẽ* *kε* *i-mũ* *ta* *kε*
 aquela AFET NCT-irmão Q1 AFET
 “Aquela (flecha) estava com os irmãos (de Arakakãí)”
- (79a) *maʔε* *r-εhε* *Ø-maŋa*
 caça CT-em 3-apontar

Ø-r-ekɔ *naĩ* *ʔí*
 3-CAUS.COMIT.-ter POSS PERF
 “E (os irmãos) apontavam para alguma caça”
- (80) *Ø-juk* *ʷa-ʔím* *maʔε* *kε* *ʔí*
 3-matar-NEG caça AFET PERF
 “(Eles) não mataram nenhuma caça”⁵¹
- (81) *pε* *Ø-upa*
 e 3-ter fim
 “Fim”

⁵¹ A flecha não fez efeito para os irmão de Arakakãí por causa do seu espírito.

ANEXO III

ĩ man-har maʔε Ø-pandu-ha kε
 antigo-NOMI caça CT-falar-NOMI AFET
 A história de Arakaka
 A história dos antigos

- (1) *Arakaka r-εhε-har kε*
 Arakaka CT-em-NOMI AFET
 “A história de Arakaka”
- (2a) *Arakaka maʔε Ø-kekar ɔ-hɔ rahã*
 Arakaka caça 3-caçar 3-ir quando
- (2b) *tapi ʔir aʔε Ø-juk wa*
 anta ele 3-matar
 “Quando Arakaka foi caçar, ele matou a anta”
- (3) *tapi ʔir r-uk wa er aʔε Ø-ju-pε Ø-we-rur*
 anta CT-carne ele CT-REFL-para 3-CAUS. COMIT.-trazer
 “(Ele) trouxe carne de anta para eles mesmos (= parentes de Arakaka)”
- (4) *amõ ta u-k wa-ʔĩm i-ʃɔ rĩ*
 outro Q1 3-saber-NEG 3-estar andando PERF
 “Os outros (seus parentes) não sabiam que a carne era de Arakaka”
- (5a) *tapi ʔir r-uk wa er tεʔε*
 anta CT-carne mesmo
 “É mesmo carne de anta”
- (5b) *aʔε ta u-k wa-har*
 ele Q1 3-pensar-NOMI
 “Eles (tinham) esse pensamento”
- (6) *amõ ta Ø-pandu i-pε*
 outro Q1 3-falar NCT-para
 “Os outros falaram para (Arakaka)”

- (7) *tapi ʔir re-juk ^wa rε-ʃɔ naĩ?*
 anta tu-matar tu-estar em movimento POSS
 “Onde tu mataste a anta?”
- (8a) *pε aʔε Ø-pandu ɲã Ø-pε*
 e ele 3-falar o pessoal CT-para
 “E ele falou para o pessoal”
- (8b) *paitε ihẽ a-juk ^wa tapi ʔir kε*
 longe eu eu-matar anta AFET
 “Eu matei a anta muito longe”
- (8c) *h-uk ^wεr tεʔε ihẽ a-r-ur*
 NCT-carne mesmo eu eu-CAUS.COMIT.-trazer
 “Eu mesmo trouxe comigo mesmo a carne (da anta)”
- (9a) *pε amõ ta Ø-pandu i-pε*
 e outro Q1 3-perguntar NCT-para
 “E os outros perguntaram para (Arakaka)”
- (9b) *mĩ ʃaɲ ^wεr kε?*
 onde osso AFET
 “Onde está o osso (da anta)?”
- (10) *paitε ihẽ a-juk ^wa*
 longe eu eu-matar
 “Eu matei (a anta) longe”
- (11) *aʔε r-εhε ihẽ ʃaɲ ^wεr a-rur-ʔĩm*
 isso CT-em eu osso eu-trazer-NEG
 “Por isso, eu não trouxe o osso”
- (12a) *pε amõ ta u-k ^wa*
 e outro Q1 3-pensar
 “E os outros pensavam”

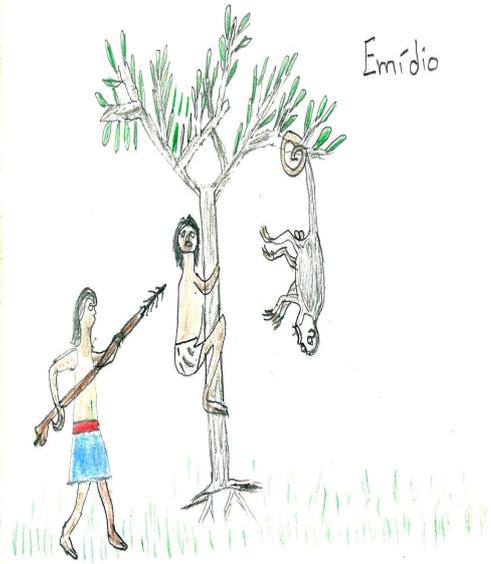
- (12b) *mija tɛʔɛ Ø ʃɔ-ha mɛ?*
o que mesmo 3-estar andando-NOMII NTERR
“O que está acontecendo?” (Lit: Por que Arakaka não trouxe o osso, o coração e o fígado da anta?)
- (13) *pɛ amõ sawaʔɛ ɔ-hɔ hakɛ r-upi*
e outro homem 3-ir ao lado CT-pelo
“E um outro homem foi atrás de (Arakaka)”
- (14) *pɛ sawaʔɛ u-esak Ø-ehɛ*
e homem 3-ver NCT-em
“E o homem viu (Arakaka)”
- (15a) *pɛ Arakaka wasai r-ɔ kɛ Ø-mɔnɔk i-ʃɔ*
e Arakaka açai CT-folha AFET 3-cortar 3-estar
em movimento
- (15b) *pehir aʔɛ Ø-mujã tĩ*
pêra ele 3-fazer REP
“E Arakaka estava cortando a folha de açai e ele fez uma cesta”
- (16) *pɛ wasai r-ɔ aʔɛ Ø-mo-u-p*
e açai CT-folha ele 3-CAUS-estar deitado-LOC
“E ele esticou a folha de açai” [Lit.: forrou o chão para colocar a carne]
- (17) *ame ʔẽ r-upi aʔɛ Ø-jɛrɛ ɔ-u*
aquele CT-pelo ele 3-virar 3-estar deitado
“Ele (Arakaka) deitou em cima da folha de açai”
- (18) *pɛ aʔɛ h-k^wɛr kɛ Ø-jupã jɛ*
e ele NCT-carne AFET 3-cortar DISQUE
“Dizem que ele cortava a carne (dele)”
- (19) *pɛ aʔɛ Ø-ahem ɔ-u jɛ*
e ele 3-gritar 3-estar deitado DISQUE
“Dizem que ele estava deitado gritando”

- (20) *pε ameʔẽ sawaʔε Ø-jɛwɛr ɔ-hɔ*
 e aquele homem 3-voltar 3-ir
 “E aquele homem voltou (para a aldeia)”
- (21) *aʔε u-hɛk ɔ-hɔ*
 ele 3-chegar 3-ir
 “E ele, o homem, chegou”
- (22a) *pε aʔε Ø-panu ŋã Ø-pε*
 e ele 3-falar o pessoal CT-para
 “E ele contou a (história de Arakaka) para o pessoal”
- (22b) *aʔε h-uk^wεr kε tεʔε Ø-jupã i-ʃɔ*
 ele NCT-carne AFET mesmo 3-cortar 3-estar
 em movimento
 “Arakaka cortou a carne (dele)”
- (23) *pε amõ ta Ø-panu*
 e outro Q1 3-falar
 “E os outros falaram”
- (24) *apɔ ja-ʔu-ʔɛm h-uk^wεr-ran kε*
 agora nós-comer-NEG NCT-carne-SIMI AFET
 “Agora nós não comeremos mais a falsa carne de (Arakaka)”
- (25) *pε Arakaka u-hɛk u-wɛr jε*
 e Arakaka 3-chegar 3-vir DISQUE
 “E disseram que Arakaka chegou na (casa deles)”
- (26a) *pɛtũ-wã rahã*
 noite-PROSP quando
 “Quando foi no começo da noite” [Lit.: *pɛtũ-wã*: O que será noite]
- (26b) *Arakaka u-hɛk*
 Arakaka 3-chegar
 “Arakaka chegou”

- (27a) *pε* *h-akeha* *∅-panu* *i-pε*
 e NCT-esposa 3-falar NCT-para
 “E a esposa (de Arakaka) disse para ele”
- (27b) *maʔε* *nε* *re-r-ur?*
 o que tu tu-CAUS.COMIT.-trazer
 “O que você trouxe consigo?”
- (28) *tapi ʔir* *r-uk wεr* *ihẽ* *a-r-ur*
 anta CT-carne eu eu-CAUS.COMIT.-trazer
 “Eu trouxe comigo a carne de anta”
- (29) *nε* *tεʔε* *∅-pεʔa* *jε*
 tu mesmo 3-mentir DISQUE
 “Dizem que você mente”
- (30) *pε* *arakaka-wã* *tεʔε* *ɔ-hɔ*
 e arakaka-PROSP mesmo 3-ir
 “E (ele) foi aquele que será Arakaka”⁵² [Lit.: E Arakaka transformou-se em uma tartaruga”]
- (31) *h-akehar* *ɔ-hɔ* *i-namõ* *tĩ*
 NCT-esposa 3-ir NCT-COM REP
 “E a esposa (dele) se transformou também”
- (32) *pε* *∅-upa*
 e 3-ter fim
 “Fim”

⁵² A tartaruga pequena é chamada de Arakaka por causa dessa história. Com relação à fisionomia da tartaruga, destacamos que a pouca carne da tartaruga deve-se ao corte da carne feita por Arakaka. A cabeça caída deve-se a mentira proferida por Arakaka.

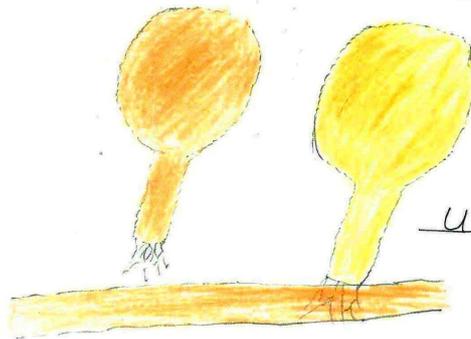
DESENHOS DA HISTÓRIA DE ARAKAKÃI



Oguise karapa



UPE PUK



UPE TAWA

Rerihū Kaiāpor



Qimairone Kā'apor



A espasa de wāwākāi

Pinairo



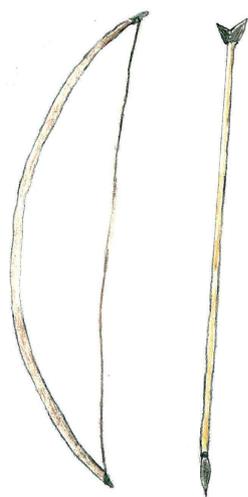
ATAKAKAI HO OH

WAI-KA-APOR

ARAKAKĀI



Kure Kasabon



arakakai rusu ke

Mariza Kaapor



Arakakai rok riki ko.
Tanimux Pe tere riki tui ti.

Reila Reila

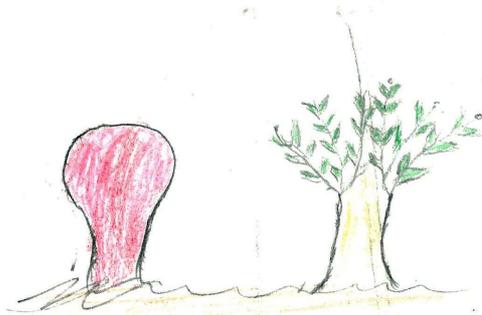


GÖRPLDO KAPOR





quiririn KAIAPOR



Myra urupe

TUHI

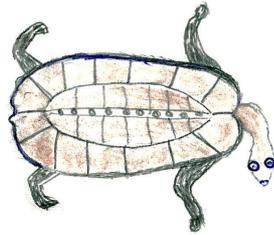
arakakai

arakakai Rok



DESENHOS DA HISTÓRIA DE ARAKAKA

Emídio Tembê



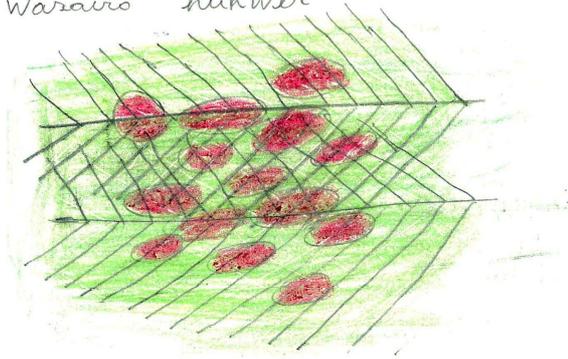
Arakaka



Aiekkaka cortando a caca escaudida los amigos.

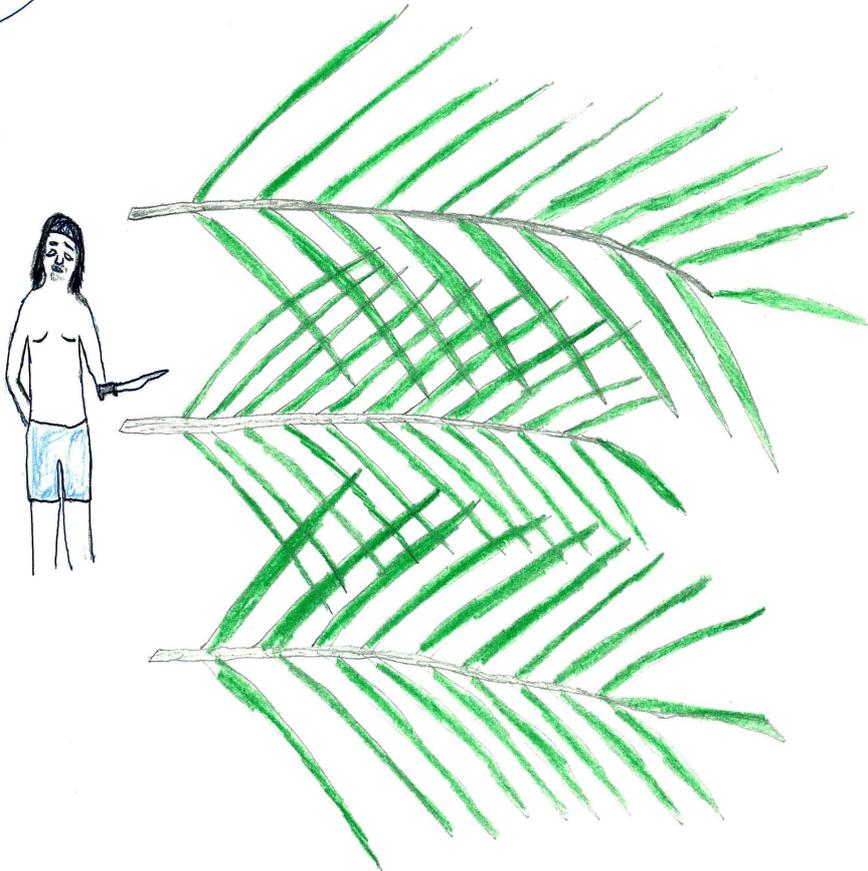
QUIRIRIN KAIAPOR

Wasairo hukwer

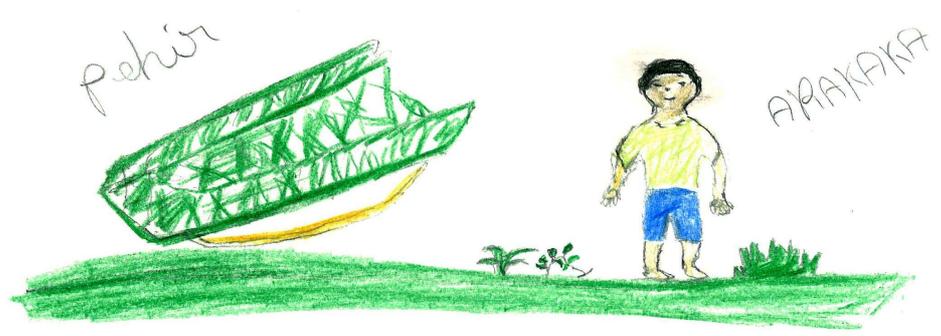


DATA 19/01/08

Perahu KAAPOR



Wai = KALAPOR



Reila

Arakaka nakehan



Arakaka ok



Arakakai



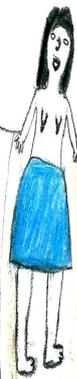
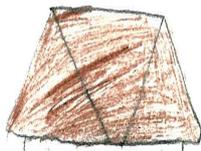
12
06
08

Oquiere Ka'apala



WASAI yr.

Diminuição Karafor



É o escola do Arakaka em mim
O Arakaka gritando



É o Arakaka vai de
chegando na casa dele

Kupe Kavalon

arakaka nok ke







Arakaka male kekari cho. Arakaha iu rukwer ke
tere wouu te.

Mariya Kaapor

